

TRABALHOS
DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

VOL. XIX — FASC. 1
(NOVA SÉRIE—DA SOCIEDADE E DO CENTRO)



PORTO — 1963
INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

Trabalhos de Antropologia e Etnologia



TRABALHOS

DE

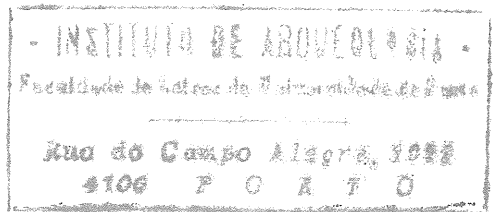
Antropologia e Etnologia

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E
ETNOLOGIA E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

VOLUME XIX

(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)
SUBSIDIADO PELO INSTITUTO DE ALTA CULTURA

17. ABR. 1983



PORTO

Sede da Soc. e do Centro: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DR. MENDES CORRÊA
UNIVERSIDADE DO PORTO

A Fosseta Cerebelosa Mediana

Estudo descritivo e considerações morfogenéticas ⁽¹⁾

POR

J. Pinto Machado Correia da Silva

1.º Assistente de Anatomia Descritiva na Faculdade de Medicina do Porto

Após a observação de VERGA, em 1863, publicaram-se numerosos trabalhos sobre a fosseta cerebelosa mediana (fosseta cerebelosa média, fosseta occipital média ou mediana, fosseta vérmica, fosseta aymariana) do occipital humano. Contudo, dos estudos de índole descritiva apenas o de AMÂNDIO TAVARES se apresenta convenientemente sistematizado, e no que respeita às investigações de carácter morfogenético, parece-nos que não resolveram satisfatòriamente o problema da génese da referida fosseta.

A presente comunicação engloba uma parte descritiva e uma crítica às diversas teorias que têm sido defendidas para explicar o aparecimento esporádico da fosseta cerebelosa mediana em occipitais humanos.

(1) Comunicação apresentada à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia em 4 de Maio de 1962.

*

* *

A fosseta cerebelosa mediana (F. C. M.) está situada entre as duas fossas inferiores do occipital e ocupa, total ou parcialmente, o espaço endiniopistíaco.

Não consideramos F. C. M. as depressões paramedianas que por vezes existem junto da *crista occipitalis interna*, nem aquelas que, embora medianas, estão lateralizadas em relação a esta eminência óssea (Fig. 1). Também não classificamos como F. C. M. os triângulos pós-opistíacos escavados, diferenciação de particular interesse pois, não sendo considerada, a frequência da fosseta atinge valores muito elevados (o triângulo pós-opistíaco escavado aparece em 29,78 % dos occipitais — PINTO MACHADO). Já LE DOUBLE, REGNAULT e AMÂNDIO TAVARES haviam insistido na necessidade desta diferenciação, critério que não é seguido por PATURET nem por ROUVIÈRE, considerando mesmo o último autor que a F. C. M. é constante: «*celle-ci (a crista occipitalis interna) se bifurque au voisinage du trou occipital et les deux branches qui se perdent sur les bords de cet orifice limitent une dépression, la fossette vermienne.*»

Numa amostra de 272 crânios ⁽¹⁾ encontramos 16 exemplares de F. C. M., o que corresponde a $5,88 \pm 2,85$ % ⁽²⁾. No quadro I indicamos as frequências obtidas por diversos autores, a fim de as podermos comparar entre si ⁽³⁾.

(1) A amostra era constituída por 4 grupos etários (11-30, 31-50, 51-70 e 71-90 anos), de 34 crânios masculinos e 34 femininos cada um.

(2) As estimativas para o universo desta e doutras percentagens correspondem a um intervalo de segurança de 95 %.

(3) Não incluímos a série de HERMÊNIO CARDOSO TEIXEIRA & SIMÕES DE CARVALHO, em virtude de ser muito alta a frequência que observaram (17 F. C. M. em 72 occipitais: 23,61 %), o que poderá explicar-se por selecção da amostra ou pela inclusão de triângulos pós-opistíacos côncavos.

A nossa percentagem difere de modo significativo da de FERRAZ DE MACEDO ($P=0,0142$), mas aproxima-se muito das percentagens dos restantes autores. Se excluirmos a série de FERRAZ DE MACEDO, verifica-se que em 6 282 crânios se encontraram 323 com F. C. M. ($5,14 \pm 0,56\%$). À diferença entre este valor e o de FERRAZ DE MACEDO corresponde uma probabilidade inferior a 0,000 06.

QUADRO I— *Frequência da F. C. M.*

Autor	Quantitativo do lote	Frequência	Percentagem
AKABORI	362	26	7,18
DEBIERRE	141	4	2,84
HILLER	2 120	96	4,52
KRMPOTIC	710	51	7,18
LE DOUBLE	245	10	4,08
LOMBROSO	2 000	100	5,00
F. MACEDO	999	22	2,20
P. MACHADO	272	16	5,88
MIGUENS	100	3	3,00
A. TAVARES	332	17	5,12

No quadro II indicamos os resultados dos testes de significância estatística aplicados às diferenças entre as percentagens verificadas pelos autores referidos no quadro I.

Se constituirmos um subgrupo que inclua as séries entre cujas percentagens não há diferenças estatisticamente significativas (LE DOUBLE, AMÂNDIO TAVARES, MIGUENS, LOMBROSO, HILLER, PINTO MACHADO e AKABORI), verifica-se que se observaram 268 F. C. M. em 5 431 crânios ($4,93 \pm 0,59\%$). Em relação a este

valor, o de DEBIERRE não difere significativamente ($P = 0,1586$), ao contrário do que acontece com o de KRMPTIC ($P = 0,0264$) e com o de FERRAZ DE MACEDO ($P < 0,00006$).

QUADRO II — *Resultados dos testes de significância aplicados às diferenças entre as percentagens do quadro I*

Séries de observações	N.º de séries sem diferenças significativas	N.º de séries com diferenças significativas
LE DOUBLE	9	—
A. TAVARES	8	1
MIGUENS	8	1
LOMBROSO	8	1
HILLER	8	1
P. MACHADO	8	1
AKABORI	7	2
DEBIERRE	7	2
KRMPTIC	5	4
F. MACEDO	4	5

Reunindo as nossas observações com as de AMÂNDIO TAVARES, obtém-se uma amostra de 604 crânios com 33 F. C. M. ($5,46 \pm 1,85\%$). É altamente significativa a diferença entre esta percentagem e a de FERRAZ DE MACEDO, que examinou 999 crânios de portugueses ($P = 0,0016$).

No quadro III apresentamos as percentagens em que a F. C. M. aparece nos dois sexos. A série de FERRAZ DE MACEDO não mostra diferença sexual, ao contrário da de AKABORI e da nossa (nada podemos dizer da série de LOMBROSO, pois este autor não indica o número de crânios observados em cada sexo). Comparando os nossos valores com os de AKABORI, verifica-se

que estão de acordo as percentagens no sexo masculino ($P = 0,4592$) e no sexo feminino ($P = 0,8886$). Reunindo as nossas observações com as de AKABORI, obtém-se:

Sexo masculino: 32 F. C. M. em 312 crânios — $10,26 \pm 3,44 \%$

Sexo feminino: 10 F. C. M. em 322 crânios — $3,11 \pm 1,93 \%$

QUADRO III — *Frequência da F. C. M. nos dois sexos*

Autor	♂		♀		P
	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem	
AKABORI	20 em 176	$11,36 \pm 4,78$	6 em 186	$3,22 \pm 2,59$	0,0028
LOMBROSO	?	5	?	3,4	
F. MACEDO	13 em 494	$2,64 \pm 1,44$	9 em 505	$1,78 \pm 1,18$	0,3524
P. MACHADO	12 em 136	$8,82 \pm 4,85$	4 em 136	$2,94 \pm 2,90$	0,0376

Estudo descritivo da F. C. M.

1. *Situação da F. C. M.* — A F. C. M. pode ocupar total ou parcialmente o espaço compreendido entre a *protuberantia occipitalis interna* (P. O. I.) e o *foramen magnum* (F. M.). Neste último caso podem observar-se três variedades: a F. C. M. atinge a P. O. I. mas não o F. M. (Fig. 2); a F. C. M. atinge o F. M. mas não a P. O. I. (Fig. 3); a F. C. M. não atinge a P. O. I. nem o F. M. (Figs. 4 e 5).

No quadro IV reunimos as observações de AMÂNDIO TAVARES e as nossas, no que respeita à situação da F. C. M. Verifica-se que na grande maioria dos casos (21 em 30) a F. C. M. não atinge a P. O. I. nem o F. M..

2. *Forma da F. C. M.* — Afirma LE DOUBLE que a F. C. M. tem, em regra, forma de triângulo isósceles cuja base corresponde a uma extensão maior ou menor do contorno posterior do F. M.. Como acima referimos, na maioria dos exemplares observados por AMÂNDIO TAVARES e por nós, a fosseta não atinge o F. M.. Quanto à forma da F. C. M., também estas obser-

QUADRO IV — *Situação da F. C. M.*

Terminação \ Origem	Na P. O. I.		Abaixo da P. O. I.		Total
	A. TAVARES	P. MACHADO	A. TAVARES	P. MACHADO	
No F. M.	1	1	1	2	5
Acima do F. M.	2	2	10	11	25
Total	3	3	11	13	30
	6		24		

vações não estão de acordo com as de LE DOUBLE, pois são iguais as frequências das formas triangular e ovalar na nossa série, e é mais frequente a forma ovalar na série de AMÂNDIO TAVARES (quadro V).

3. *Dimensões da F. C. M.* — a) *Comprimento da F. C. M.* — Indicamos, no quadro VI, a distribuição de frequências observada na série de AMÂNDIO TAVARES e na nossa. As médias e os desvios-padrões são idênticos nas duas séries, podendo considerar-se que o comprimento da F. C. M. é, em média, de $19,06 \pm 2,24$ mm (1).

Estudámos ainda a distribuição de frequências do:

$$\text{Índice de extensão da F. C. M.} = \frac{\text{comprimento da F. C. M.}}{\text{distância endiniopística}} \times 100$$

(1) Esta estimativa corresponde a um intervalo de segurança de 95%.

QUADRO V — *Forma da F. C. M.*

F. C. M. Autor	Triangular	Ovalar	Total
	A. TAVARES	6	11
P. MACHADO	8	8	16
Total	14	19	33

QUADRO VI — *Distribuição de frequências do comprimento da F. C. M.*

Comprimento (mm)	A. TAVARES	P. MACHADO	Total
9-12	3	1	4
13-16	6	6	12
17-20	2	1	3
21-24	4	2	6
25-28	1	4	5
29-32	1	2	3
Total	17	16	33
Média	17,41	20,88	19,06
Desvio-padrão	5,80	5,49	6,34

que exprime o comprimento da F. C. M. na forma de percentagem da distância entre o *endinion* e o *opisthion* (quadro VII).

Em metade dos casos, o índice de extensão é igual ou inferior a 50, e na outra metade está compreendido entre 51 e 90.

Em 13 das 16 F. C. M., o índice está compreendido entre 31 e 70. O intervalo de variação é de 24-82.

b) *Largura da F. C. M.* — A distribuição de frequências da série de AMÂNDIO TAVARES e da nossa estão registadas no

QUADRO VII — *Distribuição de frequências do índice de extensão da F. C. M.*

Índice de extensão	Frequência
11-30	1
31-50	7
51-70	6
71-90	2
Total	16

quadro VIII. São semelhantes as médias e os desvios-padrões nas duas séries, podendo avaliar-se a média da largura da F. C. M. em $12,09 \pm 1,28$ mm (1).

c) *Profundidade da F. C. M.* — A profundidade da F. C. M. é muito variável. Em 6 dos 16 exemplares por nós observados, a profundidade é muito acentuada. Mas mesmo nestes casos nunca comprovámos a afirmação de LE DOUBLE e de BIANCHI de que ao nível da F. C. M. o occipital é tão fino que quase não existe tecido esponjoso entre as duas tábuas. Na realidade, observámos sempre a presença duma camada de *diploë* suficientemente espessa para impedir que a F. C. M. seja visível por transilluminação: apenas 1 das 16 F. C. M. era evidenciável por esta técnica (Fig. 6).

(1) Esta estimativa corresponde a um intervalo de segurança de 95 0/0.

QUADRO VIII — *Distribuição de frequências de largura da F. C. M.*

Largura (mm)	A. TAVARES	P. MACHADO	Total
6	1	—	1
7	2	—	2
8	1	—	1
9	1	2	3
10	2	3	5
11	2	3	5
12	2	1	3
13	2	2	4
14	2	2	4
15	—	—	—
16	—	—	—
17	—	—	—
18	2	—	2
19	—	1	1
20	—	2	2
Total	17	16	33
Média	11,35	12,88	12,09
Desvio-padrão	3,39	3,60	3,63

Morfogénese da F. C. M.

Podem repartir-se em três grandes grupos as teorias referentes à morfogénese da F. C. M.:

- A) Anomalia no desenvolvimento do ossículo de KERCKRING.
- B) Influência mecânica.
- C) Atavismo.

A) A F. C. M. resulta duma anomalia no desenvolvimento do ossículo de KERCKRING.

As opiniões divergem no que respeita à natureza dessa anomalia:

a) Ausência simples do ossículo de KERCKRING (MARIMÓ) ou associada a hipertrofia do *vermis cerebelli* (LOMBROSO, ROMITI, BERGONZOLI);

b) Hipotrofia acentuada do ossículo de KERCKRING associada a hipertrofia do *vermis cerebelli* (ROMITI);

c) Hipertrofia do ossículo de KERCKRING (CHIARUGI).

Não é de estranhar que conceitos opostos — ausência e hipertrofia do ossículo de KERCKRING — tenham sido apresentados para explicar a génese da F. C. M., visto que, no final do século XIX, era confuso e até contraditório o que se afirmava acerca deste centro de ossificação do occipital. Estas teorias foram objectivamente refutadas nos conceitos embriológico (BIANCHI, DEBIERRE) e de anatomia comparativa (LE DOUBLE). No primeiro aspecto, porque a forma, dimensões e situação do ossículo de KERCKRING são incompatíveis com a hipótese de estar relacionado com a formação da F. C. M.; no segundo, porque a F. C. M. é constante em animais (mamíferos inferiores) nos quais, tal como no Homem, o ossículo de KERCKRING nunca ou raramente aparece: se a F. C. M. desses animais fosse determinada pela ausência do ossículo, também no Homem ela deveria ser constante; se a F. C. M. do Homem fosse devida à hipertrofia do ossículo, ela deveria ser rara nos mamíferos inferiores e não um acidente típico, como é realmente.

É certo que CHIARUGI afirma haver dois tipos de F. C. M., distintos na morfologia e na génese: fossetas grandes e alongadas, de situação alta, características dos animais e determinadas pelo *vermis cerebelli* (fossetas vérmicas), e fossetas pequenas, de

forma triangular e situação imediatamente pós-opistóica, resultantes duma hipertrofia do ossículo de KERCKRING (fossetas occipitais médias ou de LOMBROSO). Porém, verificou-se que o Homem e os mamíferos inferiores apresentam F. C. M. dos dois tipos, que grandes fossetas podem coexistir com agenesia do *vermis cerebelli*, e que a hipertrofia do ossículo de KERCKRING determina saliência pós-opistóica e não depressão.

B) A F. C. M. resulta duma influência mecânica exercida por:

a) Seio venoso anómalo, ímpar e mediano: esta hipótese, apresentada por BENEDIKT em carta a LE DOUBLE datada de 1895, não foi ulteriormente investigada. LE DOUBLE admite a sua verosimilhança mas salienta que falta demonstrá-la.

Vem a propósito referir que MANNO, estudando os sulcos dos seios venosos na escama do occipital, encontrou 4 casos (num lote de 280) de fosseta torcular, todos associados a F. C. M., e salientou esta associação «*che non può essere fortuita data la sua costanza.*» AMÂNDIO TAVARES também observou o mesmo facto em 1 occipital. Devemos dizer que, dos 4 casos de MANNO, apenas 1 corresponde a F. C. M. propriamente dita; os restantes são triângulos pós-opistóicos escavados. Nos 272 crânios da nossa série, vimos 2 com fosseta torcular e 1 deles possuía também F. C. M..

Impõe-se investigar se a fosseta torcular é significativamente mais frequente nos occipitais com F. C. M.. Aliás, admitindo, como hipótese, que um seio venoso anómalo determine simultaneamente as duas fossetas, fica por demonstrar a génese das F. C. M. que não coexistem com fosseta torcular, o que sucede na quase totalidade dos casos. Por outro lado, a F. C. M. não se assemelha à marca endocraniana dos seios venosos, quer no que respeita à configuração geométrica, quer à ausência de sulco a

prolongá-la até à P.O.I., ao nível da qual o seio venoso em questão iria desaguar no *confluens sinuum*.

b) Hipertrofia do *vermis cerebelli*: esta teoria teve em LOMBROSO o defensor mais entusiasta, e em DEBIERRE e LE DOUBLE dos mais violentos opositores.

Se a hipótese das relações entre a morfologia macroscópica do cerebelo e a criminalidade não tardou a cair em descrédito, a verdade é que ainda se lê, em tratados modernos de Anatomia (CUNNINGHAM, GRAY, PATURET), que a F.C.M. é determinada pelo *vermis cerebelli* hipertrofiado. Que esta não é a causa de todas as F.C.M., demonstra-o à evidência a observação de ROSSI, em 1891, de uma grande F.C.M. coexistindo com agenesia do *vermis*. Este facto constituiu o grande argumento contra a teoria de LOMBROSO, mas não podemos deixar de reconhecer que o seu valor não é absoluto, pois apenas permite concluir haver F.C.M., mesmo de grandes dimensões, que não são produzidas pelo *vermis*.

Supomos ter sido BLACK o primeiro a procurar na morfologia do cerebelo explicação para a constância da F.C.M. nos mamíferos inferiores e sua raridade no Homem. BLACK mostrou que nesses animais há contacto directo entre o *vermis* e o occipital, e que no Homem o grande desenvolvimento do *neo-cerebellum* torna esse contacto impossível, interpondo-se uma grande cisterna de L. C. R. entre o *vermis* e o osso. Recentemente, KRMPOTIC verificou que em nenhum dos 16 casos de F.C.M. que observou havia contacto entre as duas formações, nervosa e óssea, mas sempre se interpunha o confluente subcerebeloso.

Concluimos que o *vermis cerebelli* não desempenha qualquer papel na génese da F.C.M., não sendo por isso de aceitar a designação de fosseta vérmica que lhe é atribuída por muitos.

c) Confluente subcerebeloso: KRMPOTIC verificou que, desde a vida fetal até aos primeiros meses após o nascimento, o desenvolvimento dos *hemispherii cerebelli* é acompanhado de progressiva diminuição da largura do sulco que os separa e da distância compreendida entre as duas fossas inferiores do occipital. Considerando que na morfogénese da *crista occipitalis interna* intervém, de modo primacial, o crescimento dos *hemispherii cerebelli*, KRMPOTIC afirma que, se o espaço entre os dois *hemispherii* for de grandes dimensões, «*possibilité de se développer est donnée à la fossette vermienne.*» KRMPOTIC verificou — o que comprova a sua interpretação — que a distância entre as duas fossas inferiores do occipital (largura da *crista occipitalis interna*) é significativamente maior nos casos em que existe F. C. M. do que nos casos em que não existe a fosseta. Este grande espaço inter-hemisférico está ocupado pelo confluente subcerebeloso que, por processo mecânico, determina a formação duma fosseta na zona do occipital com que contacta. Por tal motivo, KRMPOTIC propõe que a F. C. M. seja designada por *fossa cisternae cerebellomedularis*.

Parece-nos que a interpretação de KRMPOTIC poderá encerrar parte da verdade, mas não toda a verdade, pois a variabilidade morfológica da F. C. M. não se coaduna com o carácter exclusivista desta explicação. Se aceitamos que fossetas de contornos arredondados possam ser determinadas por uma cisterna de grandes dimensões, é-nos difícil admitir ser esta a causa das fossetas triangulares de bordos laterais salientes e cortantes. Por outro lado, não confirmámos que a largura da *crista occipitalis interna* seja maior nos casos onde existe F. C. M.. Finalmente, se aceitarmos a interpretação de KRMPOTIC, seria de esperar fosse menor o perímetro ou a profundidade das *fossae cranii occipitales inferiores* quando existe F. C. M., e ainda que, em tais casos, a extremidade superior das cristas ósseas em relação com a *fissura horizontalis cerebelli* estivesse mais afastada da linha mediana. Na

realidade, não comprovámos estas previsões e até verificámos que o perímetro das *fossae cranii occipitalis inferiores* é maior quando existe F. C. M. (quadro IX).

QUADRO IX

F. C. O. I.	Crânios com F. C. M. (1)	Crânios sem F. C. M. (2)	Probabilidade de (1) — (2)
Perímetro (mm)	198,88	191,66	< 0,000 06
Profundidade (mm)	12,41	13,14	0,0672
Cristas (*) (mm)	22,48	22,00	0,2460

(*) Distância à linha mediana da extremidade superior das cristas ósseas determinadas pela *fissura horizontalis cerebelli*.

C) A F. C. M. é determinada pelo atavismo.

Afirmção categórica de BIANCHI, BLACK, DEBIERRE, LE DOUBLE, PATURET, POIRIER, TESTUT & LATARJET.

Como em tantos outros campos da morfologia causal, o atavismo surge como explicação de recurso e tem como único fundamento a verificação de que a F. C. M. é constante nos mamíferos, excepto nos antropóides considerados mais evoluídos (Gorila, Orangotango e Chimpanzé) e no Homem. LE DOUBLE escreve: «*Il est évident que puisque la fossette cérébelleuse moyenne existe chez tous les Mammifères y compris le gibbon, le plus dégradé des Anthropoïdes, la réapparition de cette fossete chez le gorille, orang, le chimpanzé et l'homme doit être attribuée à l'atavisme.*»

É evidente... porquê?!

O que sabemos da topografia occipitocerebelosa é suficiente para refutar a explicação atávica. A F. C. M. existe nos animais

devido ao contacto do *vermis* com o osso, isto é, ela não é, em si mesma, uma estrutura directamente determinada do ponto de vista genético, uma formação contida na intrínseca potencialidade evolutiva do esboço do occipital. Pelo contrário, a morfologia do cerebelo do animal é genéticamente determinada, e é essa morfologia — apenas ela — a causa do aparecimento da F. C. M.. Se o atavismo fosse o factor responsável pelo aparecimento esporádico da F. C. M. no Homem, deveria encontrar-se, forçosamente, em tais casos, uma topografia occipitocerebelosa semelhante à que se observa nos animais em que a F. C. M. é constante, isto é, um contacto directo entre o *vermis* e o osso. E assiste-se ao facto curioso da polémica entre os defensores da interpretação atávica e os partidários da teoria vérmica, quando afinal uns e outros afirmam, fundamentalmente, a mesma ideia. Como já referimos, a F. C. M. do Homem não é determinada por pressão exercida pelo *vermis* sobre o occipital, pode mesmo existir sem *vermis*, não é uma anomalia reversiva explicada por atavismo.

Em jeito de conclusão, fazemos nossas as judiciosas considerações de REGNAULT sobre a facilidade com que se formulam, em morfologia, interpretações de natureza evolucionista: «*Si un anatomiste découvre une anomalie osseuse, il n'a trêve qu'il ne l'ait rapprochée d'une espèce animale où elle constitue la règle. Et alors il regarde l'anomalie humaine comme un caractère réversif, c'est à dire comme due à la parenté atavique de l'homme avec la dite espèce animale. Pourtant la similitude de structure n'est pas nécessairement la preuve d'une descendance ou d'une parenté*».

RESUMO

Reunindo as nossas observações com as de vários autores, verifica-se que:

1) A fosseta cerebelosa mediana (F. C. M.) aparece em $5,14 \pm 0,56\%$ dos crânios.

2) A F. C. M. é mais frequente no sexo masculino:

$$\text{♂} - 10,26 \pm 3,44\%$$

$$\text{♀} - 3,11 \pm 1,93\%$$

3) Na grande maioria dos casos, a F. C. M. não atinge a *protuberantia occipitalis interna* nem o *foramen magnum*.

4) Em 50% dos casos a F. C. M. é triangular e em 50% ovalar.

5) O comprimento da F. C. M. é, em média, de $19,06 \pm 2,24$ mm, e a largura máxima de $12,09 \pm 1,28$ mm.

6) Ao contrário do que afirmam certos autores, ao nível da F. C. M. o osso é suficientemente espesso para impedir que a fosseta seja visível por transilluminação.

7) Continua por explicar a morfogénese da F. C. M.; nenhuma das teorias invocadas (anomalia do desenvolvimento do ossículo de KERCKRING, influência mecânica — seio venoso anómalo, hipertrofia do *vermis cerebelli*, confluyente subcerebeloso — e atavismo) é satisfatória, pelo menos com carácter de exclusividade.

RÉSUMÉ

Fossette cérébelleuse médiane (F. C. M.) :

1) Elle apparaît en $5,14 \pm 0,56\%$ des crânes.

2) Elle est plus fréquente chez l'homme:

$$\text{♂} - 10,26 \pm 3,44\%$$

$$\text{♀} - 3,11 \pm 1,93\%$$

3) Le plus souvent, la F. C. M. n'atteint pas la *protuberantia occipitalis interna* ni le *foramen magnum*.

4) En 50% des cas la F. C. M. est triangulaire et en 50% ovulaire.

5) La longueur de la F. C. M. est de $19,06 \pm 2,24$ mm et la largeur de $12,09 \pm 1,28$ mm.

- 6) Au niveau de la F. C. M. l'occipital est relativement épais.
 7) Aucune des théories relatives à la morphogénèse de la F. C. M. n'est satisfaisante, du moins de façon exclusive.

SUMMARY

Median cerebellar fossa (F. C. M.):

- 1) It appears in $5,14 \pm 0,56$ 0/0 of the skulls.
- 2) It is more frequent in males :

$$\begin{aligned} \text{♂} & - 10,26 \pm 3,44 \text{ 0/0} \\ \text{♀} & - 3,11 \pm 1,93 \text{ 0/0} \end{aligned}$$
- 3) In the majority of the cases, the F. C. M. does reach the *protuberantia occipitalis interna* nor the *foramen magnum*.
- 4) In half of the cases the F. C. M. is triangular, and in the other half is ovalar.
- 5) The length of the F. C. M. is $19,06 \pm 2,24$ mm and the maximum width is $12,09 \pm 1,28$ mm.
- 6) At the level of the F. C. M. the occipital bone is relatively thick.
- 7) None of the theories relative to the morphogenesis of the F. C. M. is satisfactory.

ZUSAMMENFASSUNG

Mediane Fossula des Hinterhauptbein (F. C. M.):

- 1) Es erscheint in $5,14 \pm 0,56$ 0/0 der Schädel.
- 2) Es ist häufiger im männlichen Geschlecht:

$$\begin{aligned} \text{♂} & - 10,26 \pm 3,44 \text{ 0/0} \\ \text{♀} & - 3,11 \pm 1,93 \text{ 0/0} \end{aligned}$$
- 3) Meistens trifft die F. C. M. die *Protuberantia occipitalis interna* und den *Foramen magnum* nicht.
- 4) In 50 0/0 der Fälle ist die F. C. M. dreieckig und in 50 0/0 ist sie oval.
- 5) Die Länge der F. C. M. ist $19,06 \pm 2,24$ mm und die Breite ist $12,09 \pm 1,28$ mm.
- 6) Auf der Höhe der F. C. M. ist das Hinterhauptbein relativ dick.
- 7) Keine der Theorien über die Morphogenesis der F. C. M. ist befriedigend, mindestens mit einem Exklusivitätscharakter.

BIBLIOGRAFIA

1. AKABORI, E. — Crania nipponica recentia. I. Analytical inquiries into non-metric variations in the Japanese skull. *Jap. J. M. Sc. I. Anatomy*, 4: 61-315, 1933.
2. BENEDIKT — Cit. por LE DOUBLE.
3. BERGONZOLI — Cit. por LE DOUBLE.
4. BIANCHI, S. — Sul nodulo Kerckringiano e sua relazione con la fossetta occipitale mediana. *Monit. Zool. Ital.*, 4: 43-59, 1893.
5. BLACK, D. — Endocrania markings of the human occipital bone and their relations to the adjacent parts of the brain, with special reference to the so-called «vermiform fossa». *Anat. Rec.*, 10: 182-185, 1916.
6. CHIARUGI, G. — Cit. por LE DOUBLE.
7. CUNNINGHAM — *Text-Book of Anatomy*. Edited by J. C. Brash. Ninth edition. G. Cumberlege, Oxford University Press. London-New York — Toronto, 1951.
8. DEBIERRE, C. — Valeur de la fossette occipitale moyenne en anthropologie. *Compt. Rend. Soc. Biol.*, 4: 787, 1892.
9. ——— — A propos de la fossette vermienne de l'occipital. *Compt. Rend. Soc. Biol.*, 5: 464-466, 1893.
10. ——— — Développement du segment occipital du crâne. *Jour. de l'Anat. et de la Physiol.*, 31: 385-426, 1895.
11. FERRAZ DE MACEDO — cit. por AMÂNDIO TAVARES.
12. GRAY, H. — *Anatomy of the Human Body*. Edited by W. Lewis. Twenty-fourth edition. Lea & Febiger. Philadelphia, 1942.
13. HILLER — cit. por AMÂNDIO TAVARES.
14. KRMPOTIC, J. — Le développement de la fossette vermienne. *Bull. de l'Assoc. des Anat.*, n.º 91: 789-798, 1956.
15. LE DOUBLE, A.-F. — *Traité des Variations des Os du Crâne de l'Homme*. Vigot Frères. Paris, 1903.
16. LOMBROSO, C. — La fossette aymarienne chez les criminels et dans la race humaine. *Bull. Soc. Anthropol. Paris*, 6 (3^e série): 409-410, 1883.
17. ——— — La fossette occipitale selon M. Debierre. *Compt. Rend. Soc. Biol.*, 5: 412-413, 1893 a.
18. ——— — La fossette occipitale dans les prostituées. *Compt. Rend. Soc. Biol.*, 5: 609-610, 1893 b.

19. LOMBROSO, C. — *L'Homme Criminel*. Deuxième édition française, traduite sur la cinquième édition italienne. F. Alcan. Paris, 1895.
20. MANNO, A. — Sopra le varie disposizioni le quali possono osservarsi nei solchi e nelle creste che convergono nella protuberantia occipitalis interna. *Arch. Ital. Anat. e Embriol.*, 2: 308-323, 1903.
21. MARIMÓ — cit. por LE DOUBLE.
22. MIGUENS, M. P. — Estudio morfológico de la fosilla vermiana del occipital. *Arch. Anat. (Santiago)*, 5: 99-105, 1943.
23. PATURET, G. — *Traité d'Anatomie Humaine*. Masson et Cie. Paris, 1951.
24. PINTO MACHADO C. da S., J. — *Fossae Cranii Occipitales Inferiores*. Tese de doutoramento. Porto, 1961.
25. POIRIER, P. — *Ostéologie*. In: *Traité d'Anatomie Humaine*, par P. POIRIER & A. CHARPY. Tome premier, livre deuxième. Nouvelle édition entièrement refondue par A. Charpy et A. Nicolas. Masson et Cie. Paris, 1911.
26. REGNAULT, F. — Les anomalies osseuses pathologiques. *Compt. Rend. Assoc. des Anat.*, pp. 168-174, 1901.
27. ROMITI — cit. por LE DOUBLE.
28. ROSSI, U. — Un caso di mancanza del lobo mediano del cervelletto con presenza della fossetta occipitale média. *Lo Sperimentale*, anno 45, fasc. 5.º e 6.º, 1891. Resumo in *Monit. Zool. Ital.*, 3: 118, 1892.
29. ROUVIÈRE, H. — *Anatomie Humaine*. Troisième édition. Masson et Cie. Paris, 1932.
30. TAVARES, A. — Contribuição para o estudo da fosseta cerebelosa média. *Arq. Anat. e Antrop.*, 9: 818-831, 1924-25.
31. TEIXEIRA, H. I. DE C. & CARVALHO, A. A. S. DE — Contribuição para o estudo das variedades e anomalias do osso occipital. *Fol. Anat. Univ. Conimb.*, 33, n.º 1, 24 pp., 1948.
32. TESTUT, L. & LATARJET, A. — *Traité d'Anatomie Humaine*. Neuvième édition. G. Doin & Cie. Paris, 1948.
33. VERGA — Cit. por LE DOUBLE.

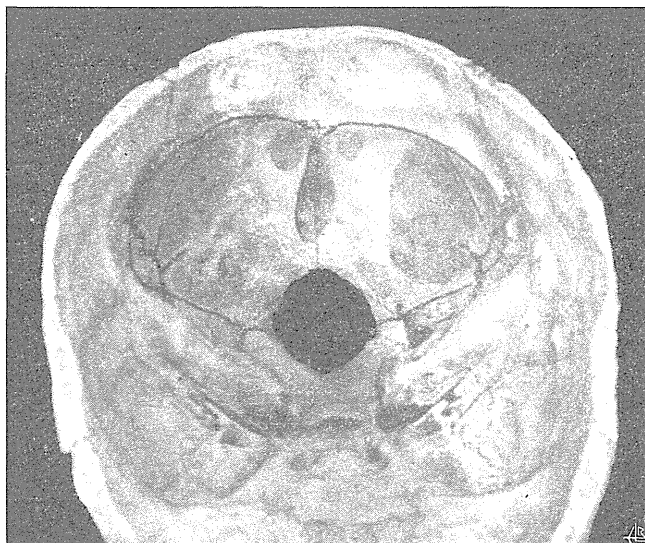


Fig. 1 — Crânio 13, ♀, 33 anos
Crista occipitalis interna desviada para a direita. Pseudo F. C. M.

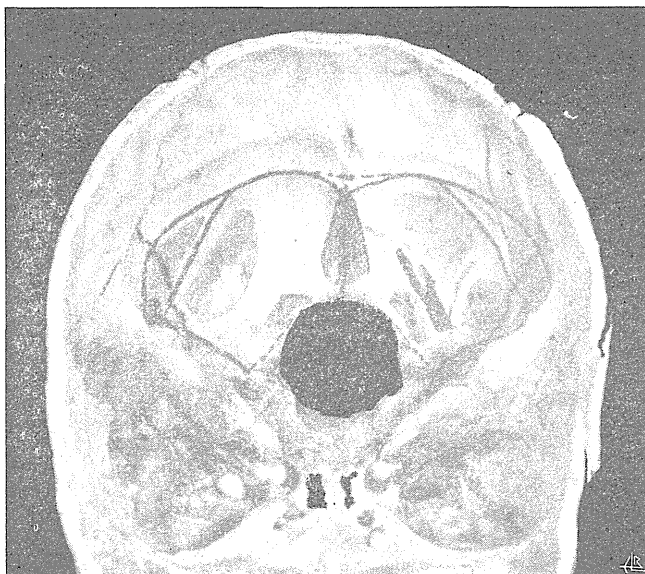


Fig. 2 — Crânio 53, ♂, 22 anos
Fosseta cerebelosa mediana ovóide, não atingindo
o *foramen magnum*

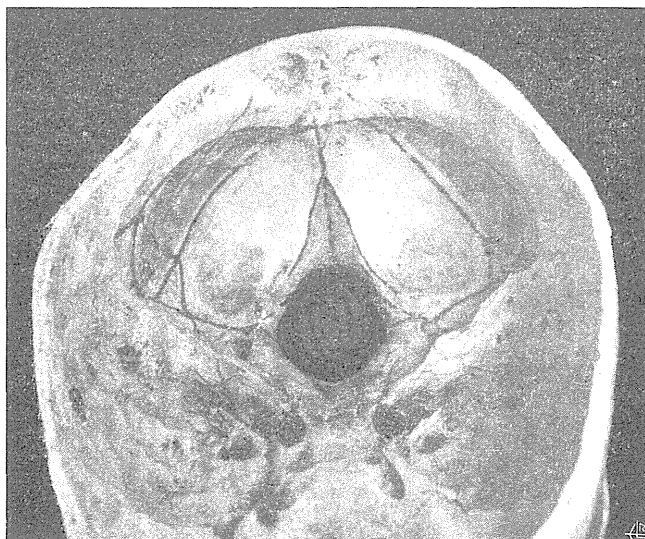


Fig. 3 — Crânio 103, ♂, 35 anos
Fosseta cerebelosa mediana triangular, não atingindo a *protuberantia occipitalis interna*

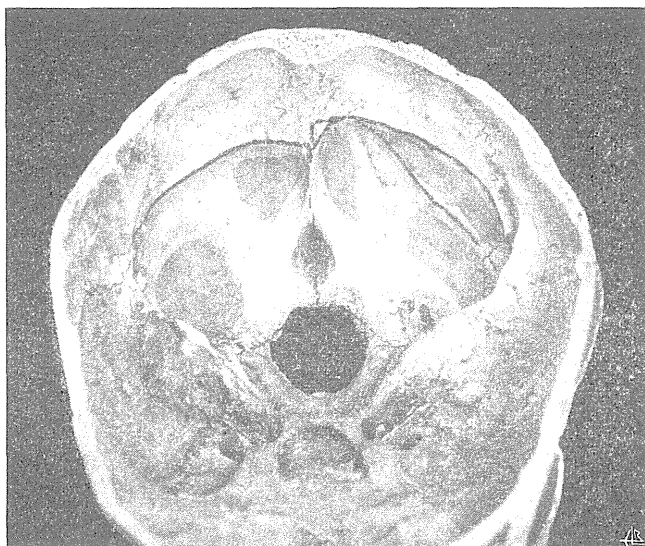


Fig. 4 — Crânio 589, ♂, 37 anos
Fosseta cerebelosa mediana ovóide, não atingindo a *protuberantia occipitalis interna* nem o *foramen magnum*

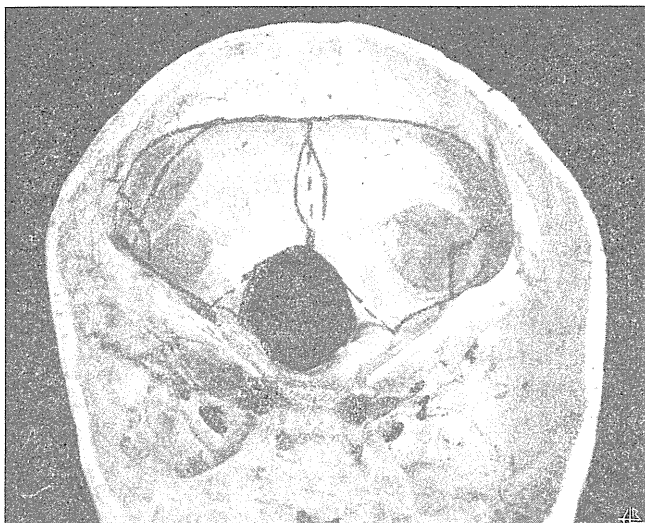


Fig. 5 — Crânio 89, ♂, 45 anos
Fossela cerebelosa mediana ovalar, não atingindo a *protuberantia occipitalis interna* nem o *foramen magnum*

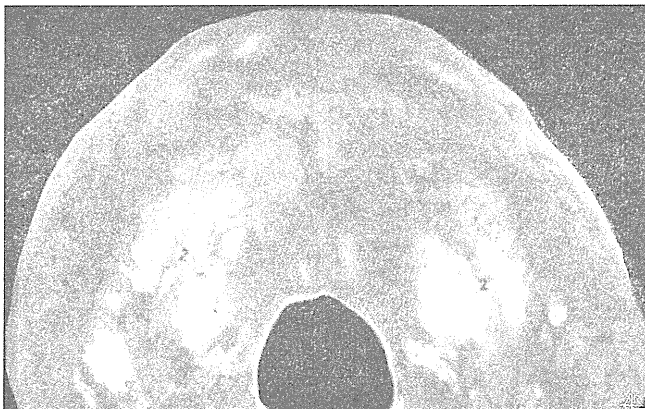
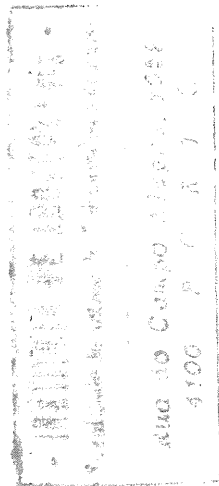


Fig. 6 — Crânio 58, ♂, 60 anos — Transiluminação das F. C. O. I.
1 — Fossela cerebelosa mediana
2 — Linhas curvas occipitais inferiores



A Anta da Azinheira (Reguengos de Monsaraz)

POR

Henrique Leonor Pina

Licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas e colaborador do Centro
de Estudos Geológicos da Faculdade de Ciências de Lisboa

Situação

Na Herdade da Azinheira (freguesia da Caridade, concelho de Reguengos de Monsaraz) existem três antas já arroladas ⁽¹⁾. A que constitui objecto deste estudo ⁽²⁾ é, das três, a que fica a maior distância do «monte»: cerca de 1 800 m E, 20° N. Pode fàcilmente atingir-se, quer partindo do «monte», quer do quilómetro 3,800 da estrada de Reguengos para Monsaraz, por um caminho à esquerda e a cerca de 1 300 m N, 20° W.

Fica situada num terreno aplanado, um pequeno vale brandamente inclinado para Sul, a uns 200 ou 300 metros a Sul de um velho forno de cerâmica sito na base dum grande afloramento granítico («castelos de pedras»), e um pouco ao Norte de um poço com bebedouro à margem de um caminho.

(1) G. e V. LEISNER — «Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz» — Lisboa, 1951, págs. 207 e 208.

(2) *Op. cit.*, pág. 207: N.º 16 — Anta 2 da Herdade da Azinheira.

A colina tumular, hoje reduzida à base e espalhada pela lavoura, é ocupada por uma azinheira que sombreia o monumento.

Arquitectura e orientação

Depois de escavada, a anta não ultrapassa, nas suas dimensões exteriores, os 6 metros de comprimento (Fig. 1).

A câmara, poligonal, é constituída por sete grandes esteios de granito, todos «in situ», sòlidamente implantados no terreno. O lado da cabeceira é constituído pelo esteio *a* e pela extremidade do esteio *g*, tendo sido o espaço de 20 cm entre estes dois cuidadosamente tapado por três pequenos esteios colocados um exteriormente (esteio *m*) e dois interiormente (esteios *n* e *o*). Partindo da cabeceira para um e outro lado da entrada da câmara, os construtores sobrepueram quase sempre, pela parte exterior, as extremidades dos esteios que foram colocando. Assim, apesar do mau estado de conservação do monumento, a impressão mais saliente a quem o observa é a sua solidez e cuidada construção. Vista de Norte ou de Leste, lados cujos esteios estão melhor conservados, a anta aparece como uma fechada construção ciclópica que, à distância, e pela falta de «chapéu», não se destaca da paisagem (Est. I).

A planta, em que os esteios se supõem cortados ao nível do solo não remexido, mostra bem o cuidado que esta construção mereceu. A câmara é (contando com a entrada) um octógono sensivelmente regular, um pouco alargado, com 2,60 m da entrada ao esteio *a* e 2,90 m perpendicularmente ao eixo da anta. O corredor obliqua levemente para o Sul e estreita para a sua entrada; alonga-se por 2,70 m e é constituído por dois esteios menores (*h* e *j*) distanciados de 1 m à entrada da câmara (a qual, contudo, não tem mais de 90 cm ao nível do solo), a

cada um dos quais se sobrepõe na extremidade (tal como sucede na câmara) um esteio maior (*i* e *l*), não havendo entre estes dois mais de 70 cm onde supusemos ser a entrada do corredor.

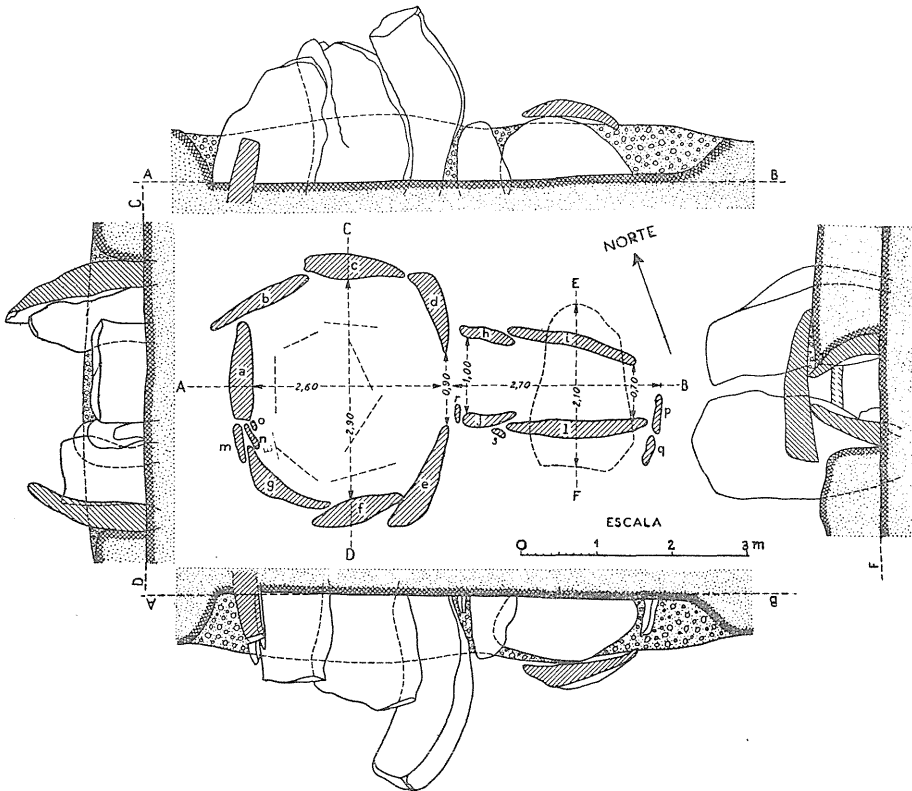


Fig. 1 — Planta e cortes

Deste lado encontrámos ainda dois pequenos esteios (*p* e *q*), o primeiro dos quais caído e que, na posição vertical, obstruía uma parte da referida entrada. Admitimos, por isso, tratar-se duma pedra que podia ser usada como porta móvel, e como tal a desenhámos na planta. Resta referir um pequeno esteio (*r*) cravado à

entrada da câmara (que poderia ser o que restaria duma provável porta à entrada da câmara) e ainda uma cunha de reforço (*s*) entre os esteios *j* e *l*.

Dissemos que o estado de conservação é mau. Os esteios *a* e *g* foram propositadamente quebrados, e primeiro destes tão abaixo que não era visível antes da escavação. Atestam-no os vestígios provocados pelas cunhas usadas na região para quebrar granito. Os esteios *b*, *c* e *f* poderiam ter sido quebrados acidentalmente. O «chapéu» foi encontrado muito fragmentado no interior da câmara. Os esteios *d* e *e* pareciam intactos e deram-nos o que supomos ter sido a altura máxima interior do monumento. Intactos estavam também os esteios do corredor e a grande laje que cobria os dois maiores. No entanto, a inclinação de todos os esteios da câmara, que aumentava da cabeceira para a entrada e cujas projecções das extremidades actuais estão marcadas a tracejado na planta, permitem conceber a anta no seu estado primitivo, como um tronco de pirâmide muito fechado, sobrepujado pelo «chapéu». Este, a julgar pelos fragmentos, não era, de facto, muito grande.

Como sucede em muitos monumentos deste tipo, os esteios que ladeiam a entrada aproximam-se tanto que quase se tocam no cimo. Isto explica a ausência no local, ou perto dele, do grande bloco que, assentando nos dois primeiros esteios do corredor, deveria, doutro modo, cobrir o vão deixado pela entrada. Uma pedra menor ou ligeiras lajes de xistos bastariam para o efeito e teriam sido removidas facilmente em qualquer altura. Também os mais longos e fortes esteios do corredor, cobertos ainda pela laje da cobertura, estavam inclinados para dentro dando ao corredor uma secção interior trapezoidal cuja altura não ultrapassaria os 90 cm. O mais alto dos esteios da câmara atingia contudo 2,40 m. Havia, portanto, um grande desnível entre a câmara e o corredor.

A orientação do que consideramos ser o eixo da anta era E, 20° S. O corredor, contudo afastava-se um pouco mais para S.

Quanto ao «tumulus», dissemos já que estava muito arrasado pela lavoura. A coroa de blocos que poderia delimitá-lo, se é que existia, deve ter sido desfeita pelo arado e as pedras deslocadas ou amontoados dentro da anta, onde encontramos muitas.

Escavação

A escavação (Est. II) começou pela câmara, cuja entrada era acessível do lado da cabeceira por estarem quebrados os esteios, como já referimos. Alguns dos grandes fragmentos do chapéu ou dos esteios afloravam à superfície e foi preciso descobri-los e removê-los. Estes trabalhos preliminares revelaram imediatamente que a anta tinha sido muito remexida pela frequência com que apareceram logo à superfície e nos primeiros níveis fragmentos, em geral sem forma reconhecível de cerâmica de vários tipos. Aproveitámos esses trabalhos para fazer uma primeira sondagem em profundidade numa das secções, em busca de estratigrafia que, como era de prever, não se encontrou. Continuámos depois a sondagem abrindo uma pequena trincheira segundo o eixo da anta, da cabeceira para o corredor. O corte revelou apenas a existência de terra e blocos maiores ou menores de pedra, sendo a terra de cor cinzenta mais ou menos escura um pouco mais dura do que o solo em volta da anta, e a sua dureza, aumentava para as camadas inferiores. O solo não remexido, ou, pelo menos numa dureza, homogeneidade e consistência que o faziam supor, apareceu a uma profundidade média de 90 a 95 cm.

Em todos os níveis a cerâmica muito fragmentada apareceu com frequência e, nos primeiros, como único espólio.

Apenas as camadas do fundo revelaram outros vestígios, quer fragmentos cerâmicos de maiores dimensões e bem localizados, quer a peça de pedra polida n.º 2 da Fig. 2, além das placas ou fragmentos de placas de xisto gravadas. Não apareceu o mais pequeno objecto de pedra lascada na câmara (micrólito, fragmento de faca ou ponta de seta) ou conta de colar, por mais insignificante. No entanto, surgiram vestígios ósseos em contacto com o solo duro. Foram retirados fragmentos do que parecia ser a parte superior da calote craniana, quase encostados ao esteio *b*, encontraram-se ténues fragmentos de ossos longos, muito alterados, paralelos ao esteio *a*, na direcção do esteio *g*. À sua posição fazia supor que a inumação se teria feito paralelamente à cabeça, com a cabeça para N talvez na posição horizontal ou deitada de lado, e, neste caso, seria de presumir que com a face voltada para o corredor, portanto, para E.

Do sector de onde foram retirados os fragmentos de crânio, no ângulo dos esteios *a* e *b*, recolheram-se os fragmentos que permitiram a reconstituição do vaso n.º 15, Fig. 3, e do lado dos esteios *c* e *d* apareceram os fragmentos dos vasos n.ºs 8 e 14 da mesma Fig. 3. De resto, a maioria dos vasos que puderam reconstituir-se apareceu do lado Norte.

Sensivelmente a meio da câmara e também a grande profundidade apareceu a peça de pedra polida n.º 2 e desse sector também, mas mais acima, outro fragmento polido. As placas de xisto gravadas surgiram quase sobre o solo não remexido, no último nível, portanto, todas no sector do lado Sul da câmara, próximo dos esteios *e*, *f* e *g*.

O corredor, salvo próximo da entrada da câmara, nem cerâmica continha. Contudo, todas as lâminas de sílex foram encontradas junto ao intervalo dos esteios *j* e *l* do corredor, na parte exterior, incluídas todas num grande torrão destacado nesse sítio.

O fragmento de pedra polida n.º 1, Fig. 2, foi encontrado à superfície da terra lavrada em redor da anta.

Espólio

O espólio, cuja lista e descrição se seguem, é constituído por peças de pedra polida (poucas e em mau estado), de pedra lascada (apenas lâminas ou facas), placas de xisto ou seus fragmentos e principalmente cerâmica que, embora em mau estado, é a parte mais rica e mais representativa.

I — Peças de pedra

a) *Pedra polida* (Fig. 2).

1 (N.º 1) — Parte superior de um machado de anfibólito, de cor esverdeada, afeiçãoado, mas não pròpriamente polido; secção oval ($5,5 \times 3,5$ cm).

2 — Pequeno fragmento de uma peça de anfibólito verde-claro finamente polido, com a espessura máxima de 2 cm, talvez um fragmento de enxó.

3 (N.º 2) — Peça polida, mas quebrada nalguns pontos por fracturas muito antigas, de secção média rectangular boleada ($2,5 \times 1,5$ cm), com uma extremidade mais larga (cerca de 3 cm) e outra mais fina (1 cm). A peça tem o aspecto de um objecto que poderia servir para furar. O material de que é feita é um xisto metamórfico, de cor parda.

b) *Pedra lascada* (Fig. 2).

1 (N.º 3) — Grande lâmina de sílex mosqueado castanho-claro, de 20 cm de comprimento por 2,5 cm de largura e 4 mm

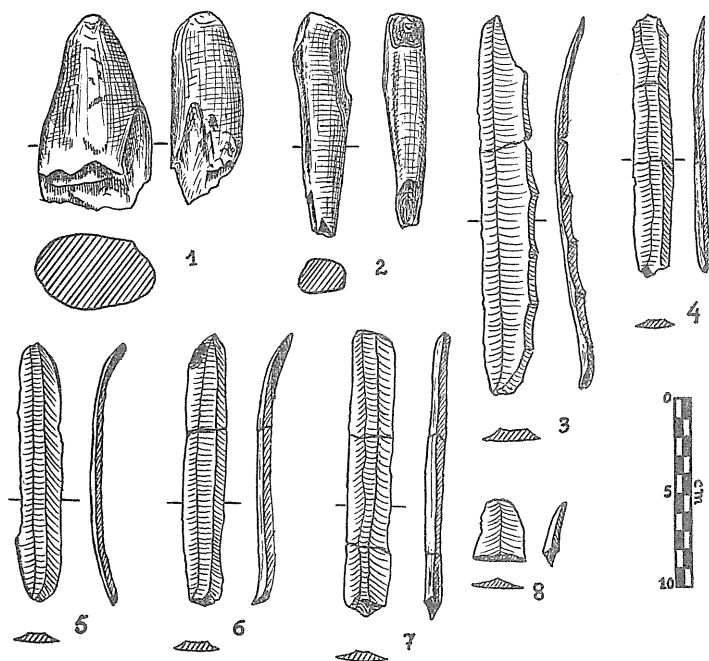


Fig. 2 — Peças de pedra polida e de pedra lascada encontradas na Anta da Azinheira

de espessura; secção trapezoidal, tendo um dos gumes rectos e o outro obtido por vários retoques largos, certamente antes de ser destacada do núcleo; pequenas escamas de utilização e vestígios de fricção no gume.

2 (N.º 4) — Lâmina de sílex castanho-claro, de 14 cm de comprimento, por 1,8 cm de largura e 3 mm de espessura, secção trapezoidal; ambos os gumes com pequenas escamas de utilização.

3 (N.º 5) — Lâmina de sílex cinzento acastanhada-claro, de 13,5 cm de comprimento, por 2 cm de largura e 3 mm de espessura; secção trapezoidal; ambos os gumes com pequenas escamas de utilização e vestígios nítidos de fricção.

4 (N.º 6) — Lâmina de sílex cinzento-pardo, a que falta um pequeno fragmento extremo, de 14 cm de comprimento, 2 cm de largura, 4 mm de espessura; secção trapezoidal; um dos gumes intacto e outro com muitas escamas de utilização.

5 (N.º 7) — Lâmina de sílex cinzento-violáceo, de 13 cm de comprimento, 1,8 cm. de largura e 3 mm de espessura; secção trapezoidal; ambos os gumes rectos, sem vestígios nítidos de utilização.

6 (N.º 8) — Fragmento terminal de lâmina de sílex pardo (fractura antiga) fragmento todo patinado) de 3,2 cm de comprimento por 2,1 cm de largura e 4 mm de espessura; secção triangular; lascado em ambos os gumes.

Todas as lâminas, incluindo a primeira podem considerar-se sem retoque. Nenhuma foi retocada depois de destacada do núcleo e todas têm uma secção longitudinal mais ou menos curva e um bolbo de percussão muito atenuado. O último fragmento corresponde à extremidade oposta ao bolbo de percussão.

c) *Xisto gravado* (Ests. III e IV).

Placa com os contornos completos e dois orifícios cónicos, de xisto negro (ardósia), de lados curvos e cantos arredondados (Fig. 12); forma trapezoidal, quase rectangular, lados mais encurvados para os topos; face anterior, decorada, de superfície sensivelmente plana, adelgada por polimento no topo superior e no canto superior esquerdo; dois orifícios equidistantes do eixo longitudinal; face posterior, não decorada, levemente arqueada

para os bordos laterais; topo superior biselado. Dimensões: comprimento 16 cm; largura máxima (no terço inferior) 8,8 cm; topo superior 6,7 cm; topo inferior 7,5 cm (canto inferior quebrado por fractura antiga); espessura máxima 7 mm.

Decoração: Sem divisória. A região mediana superior tem gravado um triângulo grosseiro, não decorado, com o vértice truncado dirigido para baixo, a restante superfície da placa está dividida em quatro partes por linhas verticais, partindo do triângulo, e sensivelmente equidistantes; o terço superior é ocupado pelo triângulo referido e decorações anexas: três pequenas faixas horizontais do lado esquerdo e quatro do lado direito e em cima e em baixo pequenos triângulos quadriculados (faixas divergentes). A parte inferior do triângulo é envolvida por uma faixa quebrada e quadriculada; os dois terços inferiores são preenchidos por faixas quebradas, quadriculadas, em forma de M aberto, cujos vértices assentam nas linhas divisórias verticais.

Trabalho de decoração fino, talvez mais descuidado no lado superior direito.

A fig. 13 da Est. III mostra uma placa de xisto clorítico (esverdeado e micáceo) de contornos quase completos (fracturas antigas e um orifício central, estreito, grosseiramente bicónico, duas pequenas ranhuras, uma em cada ângulo superior; contornos curvos; lados adelgaçados; cantos arredondados; forma trapezoidal; face anterior (decorada) acentuadamente curva; face posterior lisa e plana, secção adelgaçando para as extremidades, especialmente para o topo superior que é fino. Dimensões: comprimento 16,5 cm; largura topo superior 6,5 cm e no topo inferior 9,2 cm; espessura máxima 1,1 cm. Decoração: Divisória situada muito acima, a pouco mais de 1 cm do topo, constituída por duas estreitas faixas horizontais, a primeira quadriculada e a outra não decorada. Acima da faixa divisória, dum e doutro lado do orifício, há duas linhas duplas convergentes, correspondendo

ao triângulo truncado (cabeça); a restante superfície inferior à faixa divisória está repartida por 5 linhas duplas (ou faixas não decoradas) verticais excepto a da esquerda, que é uma linha simples; os espaços intermédios estão decorados com um espinhado constituído por linhas duplas em V invertido, alternadamente quadriculadas; o espaço compreendido entre o bordo esquerdo e a primeira linha dupla vertical está quadriculado; o do lado esquerdo é liso.

O trabalho de decoração é fino e minucioso. A parte central da placa apresenta-se puída e a decoração aí é pouco visível.

Uma terceira placa (Fig. 14, Est. IV) é de contornos completos (fracturas acidentais), sem orifício, de ardósia, forma trapezoidal e cantos arredondados; face posterior, lisa e curva, adelgaçando para os topos, especialmente para o topo superior; cantos adelgaçados.

Dimensões: comprimento 14,5 cm; largura no topo superior 8 cm e no topo inferior 9,3 cm; espessura máxima 8 mm.

Decoração: Divisória constituída por três faixas horizontais decoradas com traços oblíquos concordantes em faixas sucessivas (espinhado); terço superior decorado com duas linhas duplas, quadriculadas, concorrentes (triângulo truncado) e ladeado por 3 faixas levemente oblíquas, também quadriculadas; os dois terços inferiores preenchidos por faixas quebradas quadriculadas em forma de N aberto cujas vértices assentam em linhas divisórias verticais.

Trabalho de decoração constituído por incisões pouco profundas e às vezes pouco visíveis, mas cuidado.

A fig. 15 da Est. IV, reproduz um fragmento de placa (dois terços inferiores?); fractura antiga; ardósia lascada naturalmente (diáclase) na face posterior; forma sensivelmente trapezoidal. Dimensões: comprimento máximo do fragmento 9,5 cm; largura 8,5 cm; espessura máxima 7 mm.

Decoração: ao alto, no canto superior esquerdo, o princípio duma faixa divisória horizontal decorada com traços oblíquos; a restante superfície decorada com ziguezagues decorados também com traços oblíquos.

Trabalho de decoração pouco cuidado, puído na parte média.

Apareceram fragmentos de outras placas: uma pequena lasca dum bordo; com decoração quadriculada; uma lasca não decorada mas biselada e com vestígios de orifício; outra lasca (da face posterior?) polida e boleada (todas de ardósia); um fragmento de xisto clorítico polido, sem decoração nem orifício.

II — Cerâmica

A cerâmica colhida estava toda muito fragmentada e apenas alguns cacos maiores ou, embora menores, colhidos nos mesmos sectores, permitiram a reconstituição de vasos; outros, ainda, correspondendo a bordos ou a fundos, puderam permitir a sua atribuição a outras formas.

A primeira classificação e, na maioria dos casos, a única possível, foi feita com base no tipo de pasta, na cor e nos pormenores do fabrico. Tomámos como ponto de partida a classificação assim ordenada por GEORG e VERA LEISNER ⁽¹⁾, dada a extensão dos trabalhos destes investigadores na região a que esta anta pertence, e cuja cerâmica, «a priori», deveria inserir-se no largo quadro por eles traçado, salvo, evidentemente, se a nossa investigação pudesse trazer algum elemento novo, caso que parece não se verificar.

(1) *Op. cit.*, pág. 67 e segs.

A par dos tipos fundamentais aparecem intermediários entre quase todos eles, pelo que surgiram algumas dificuldades, nem sempre claramente resolvidas, em atribuir exacta posição especialmente aos fragmentos menores e sem forma reconhecível.

Remetemos, por isso, os leitores para a obra dos citados investigadores e limitamo-nos, no caso particular desta classificação, a apontar os elementos por nós obtidos e uma ou outra pequena divergência.

No que diz respeito à cor e natureza da pasta verificámos a existência de vasos de pastas predominantemente cinzentas, muito e pouco arenosas e castanhas ou castanho-avermelhadas, mais do que vermelhas, igualmente muito e pouco arenosas, além de pastas pretas, carbonizadas ou não, em geral não arenosas ou pouco arenosas.

As pastas cinzentas e castanhas, especialmente as mais arenosas, apresentam, além dos tipos intermediários resultantes da impureza dos materiais, umas vezes manchas e outras vezes mesmo extensas superfícies de cor alterada pelo fogo que dificultam ou impossibilitam mesmo a sua distinção. Em muitos fragmentos pode verificar-se, em corte, uma gradação perfeita entre o castanho exterior e o cinzento, quase negro, interior, ou vice-versa, sem que possamos atribuir as diferenças a camadas posteriormente aplicadas.

Outro elemento altamente perturbador é também a cor da camada exterior ou interior aplicada após a feitura do vaso, porquanto essa cor, em geral castanha ou cinzenta, não só penetra até uma certa profundidade da pasta, mas também escorre, por diluição, cobrindo as superfícies de fractura e induzindo em erro ou dificultando a classificação das pastas pela cor. É, contudo, um elemento distintivo precioso, principalmente porque permite a atribuição ou separação mais segura de um fragmento informe ou minúsculo, no caso das pastas serem muito semelhantes.

Outros elementos a considerar como pormenores do fabrico são a dureza da pasta, em geral resultante da sua homogeneidade e do grau de pureza ou de cozimento, a ausência ou gradação de polimento e ainda a espessura dos fragmentos.

Todos ou parte destes elementos conjugados permitiram verificar a existência de grande número de vasos, embora o grau de fragmentação não permita dizer ao certo o seu número que, em todo o caso é indicado aqui por defeito, nunca por excesso.

Vejamos a classificação das pastas e o número de vasos que se lhes podem atribuir:

Tipo A1 — Pasta de cor predominantemente cinzenta, com gradações (acastanhada ou avermelhada), muito arenosa, com ou sem camadas posteriores, em geral não polidas e de dureza média ou inferior, às vezes friável.

Fragmentos de cerca de 10 vasos, cujas espessuras variam entre 7 mm e 20 mm.

Tipo A2 — Pasta das mesmas cores de *A1*, mas mais fina, menos arenosa, de melhor polimento e mais dura.

Fragmentos de cerca de 12 vasos cujas espessuras variam entre os 6 e os 13 mm.

Tipo B1 — Pasta de cor predominantemente castanha (com gradações) ou vermelha escura, muito arenosa ou micácea, com ou sem camadas posteriores, em geral não polidas, de dureza média ou inferior, às vezes friável.

Fragmentos de cerca de 10 vasos, cujas espessuras variam entre 5 e 35 mm.

Tipo B2 — Pasta cinzenta ou vermelha pouco arenosa e de dureza média, às vezes destacável em placas, cobertas por uma camada de vermelho vivo (ou castanho-avermelhado) por dentro ou por fora, sem polimento.

Fragmentos de cerca de 6 vasos cujas espessuras variam entre os 5 e 15 mm.

Tipo B3 — Pasta de cor cinzenta, pouquíssimo arenosa, muito dura, coberta interiormente com uma delgadíssima camada castanha e exteriormente com uma camada castanho-avermelhada, mais espessa e pouco polida.

Fragmento de 1 vaso.

Tipo C — Pasta preta, carbonosa, muito pouco arenosa, de dureza média, quebradiça e friável, coberta interior e exteriormente com finíssimas camadas castanhas pouco ou nada polidas.

Fragmentos de 1 vaso.

Tipo D — Pasta preta, não arenosa, duríssima, coberta por camadas acastanhadas, bem polidas.

Grandes fragmentos de 1 ou 2 vasos, de formas semelhantes.

Nenhum dos vasos foi encontrado inteiro. A reconstituição das formas foi feita com base na curvatura dos fragmentos, quer no plano horizontal, quer no plano vertical e na presunção de que esses fragmentos pertenciam a formas regulares ou conhecidas. Nalguns casos (n.ºs 8, 10, 14 e 15, da Fig. 3), a existência de um perfil quase completo, não deixa lugar a dúvidas; noutros (n.ºs 3, 6, 9, 11 e 13, Fig. 3) a existência de continuidade entre os bordos e o fundo permite uma atribuição relativamente segura; finalmente (n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 12 da mesma Fig. 13), a reconstituição, com base principalmente em bordos, ainda que extensos, ou em partes de bordos e fundos, conquanto discutível, foi feita com a maior objectividade e a máxima cautela.

Outros bordos menores e fragmentos sem forma ou posição relativa seguramente atribuíveis, puderam ser considerados como elementos para reconstituição.

A lista que damos a seguir refere-se apenas formas reconstituídas (Fig. 3):

N.º 1 — Fragmento de bordo de um vaso semiesférico com cerca de 15 cm de diâmetro na boca e com 10 a 12 mm de espessura das paredes.

Pasta do tipo *A1* bastante carbonizada; vestígios de cobertura castanha-clara na parte interior; não polido.

N.º 2 — Fragmento de parte do fundo e da parede de um vaso de fundo chato e bordo pouco levantado, de curvatura interior contínua (prato) com um diâmetro provável de 24 ou 25 cm na boca, 12 a 15 mm de espessura no fundo e 9 a 10 mm de espessura no bordo.

Pasta do tipo *A1*, muito carbonizada exteriormente, camada interior castanha-avermelhada, não polida.

N.º 3 — Fragmento do bordo e parte da curvatura inferior de um vaso semiesférico, em calote esférica, de fundo achatado (pequena taça), com o diâmetro provável de 16 a 17 cm na boca e com 8 a 9 mm de espessura nas paredes.

Pasta de tipo *A1*, com vestígios de finas camadas castanho-claras no interior e no exterior, sem ou com pouco polimento.

N.º 4 — Fragmentos da parede e bordo de um vaso de grande abertura e fundo curvo, em forma de calote esférica (taça ou prato), com rebordo interior muito cuidado e parede exterior lisa; diâmetro provável de 25 cm na boca e 8 a 9 mm de espessura nas paredes.

Pasta do tipo *A2*, com vestígios de camadas cinzento-acastanhadas no interior e no exterior, muito finas e bem polidas.

N.º 5 — Fragmentos de grande parte da parede e pequena parte do fundo dum vaso de paredes pouco curvas e fundo achatado, com a parte interior em curva contínua; diâmetro provável da boca 17 a 18 cm; espessura do fundo 5 a 7 mm; espessura da parede de 9 a 10 mm.

Pasta do tipo *A2* com camadas castanho-claras no interior e no exterior, não polidas.

N.º 6 — Fragmento de parte da parede e do fundo de um vaso semiesférico de fundo achatado com o diâmetro provável

de 12 cm, na boca, espessura do fundo 10 a 12 mm; espessura da parede, cerca de 8 mm.

Pasta do tipo *A2*, com vestígios de uma camada exterior castanho-clara, não polida.

N.º 7 — Fragmentos do bordo de um vaso semiesférico, ou em calote esférica, com o diâmetro provável de 16 cm, na boca e 8 a 10 mm de espessura.

Pasta do tipo *A2*, muito escura, quase negra, sem vestígios de camadas posteriores, bem polido interiormente.

N.º 8 — Fragmentos (secção completa) da parede e do fundo de um pequeno vaso cilíndrico, de fundo plano, com 9 cm de diâmetro na boca e 7,5 cm de altura; espessura do fundo 5 a 8 mm; espessura das paredes 8 mm; bordo adelgado, levemente curvo para fora.

Pasta do tipo *B1*, com a parte exterior do fundo polida.

N.º 9 — Fragmentos compreendendo toda a secção do bordo e de uma pequena parte do fundo de um vaso de paredes levemente abertas e fundo plano ou levemente abaulado; diâmetro provável da boca 28 cm; altura do bordo 3,5 a 4 cm; espessura do bordo 9 mm; bordo levemente adelgado e um pouco curvo para fora.

Pasta de tipo *B1*, bem cuidada mas sem vestígios de camadas.

N.º 10 — Fragmentos de grande parte de um vaso esférico, quase globular, com o colo levemente estrangulado e um pequeno bordo revirado para fora, diâmetro da boca: 11 a 12 cm; diâmetro maior do bojo, cerca de 16 cm; profundidade 12 cm; espessura das paredes 8 a 9 mm; bordo adelgado.

Pasta do tipo *B2*, muito carbonizada, destacável em placas; camadas interior e exterior, vermelhas, não polidas (cerâmica a almagre).

N.º 11 — Fragmento compreendendo o bordo e grande parte da secção da parede dum vaso esférico, quase globular, de colo estrangulado e bordo bastante revirado para fora; diâmetro pro-

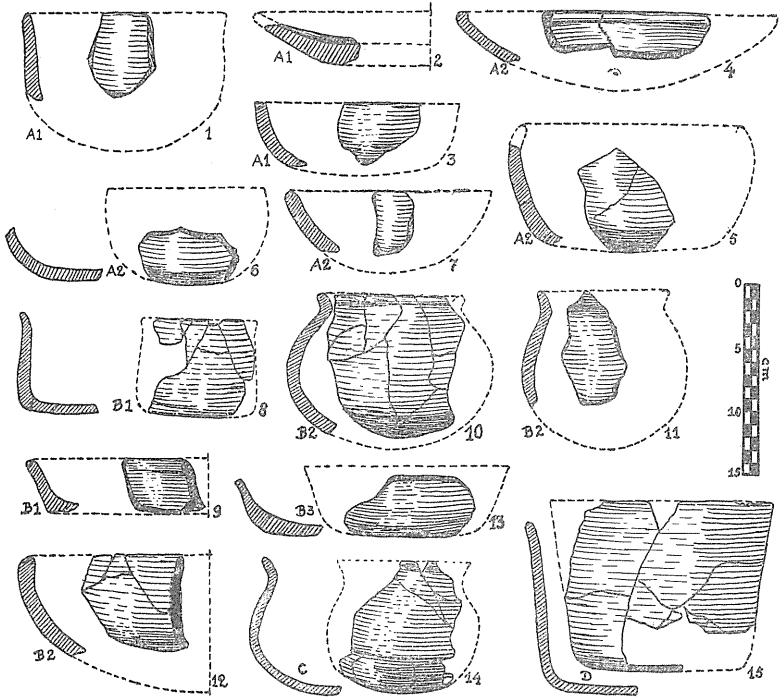


Fig. 3 — Reconstituição de alguns vasos a partir de fragmentos encontrados na escavação da anta

vável da boca 10 cm; diâmetro maior do bojo 13 cm; profundidade 12 a 13 cm; espessura das paredes 0,7 a 0,8 cm.

Pasta do tipo B2, carbonizada mas destacável em placas com vestígios de camadas interior e exterior vermelho vivo (cerâmica a almagre).

N.º 12 — Fragmento da parede e bordo de um vaso semi-esférico (ou em calote esférica) com o diâmetro provável de

28 cm, na boca; paredes regulares com 1 cm de espessura; curvaturas interior e exterior, contínuas.

Pasta do tipo *B2*, homogénea, coberta com camadas avermelhadas não polidas (cerâmica a almagre?)

N.º 13 — Fragmento de parte da parede e do fundo de um vaso, de fundo aplanado e paredes direitas, levemente oblíquas; curvatura interior contínua; espessura do fundo 0,7 a 0,8 cm; espessura das paredes 0,6 a 0,7 cm.

Pasta do Tipo *B3*, com uma camada interior castanho-clara, muito fina e uma camada exterior mais espessa, avermelhada.

N.º 14 — Fragmentos da secção quase completa de um vaso esférico, de colo estrangulado (proto-campaniforme) e fundo achatado; diâmetro da boca de cerca de 10 cm; diâmetro maior do bojo 12 cm; profundidade 11 cm; espessura das paredes 0,5 cm.

Pasta do tipo *C*, muito carbonizada e frágil. Camadas interior e exterior castanhas muito finas e pouco polidas.

N.º 15 — Fragmentos de um vaso de paredes levemente inclinadas, quase cilíndrico, e fundo plano; diâmetro da boca 17 ou 18 cm; profundidade 14 cm; espessura das paredes e do fundo 0,6 cm; bordos levemente adelgaçados.

Pasta do tipo *D*, negra, acastanhada pelo fogo, bem polida, com vestígios de finíssimas camadas, no interior e no exterior.

Interpretação dos elementos obtidos e conclusões

Apesar de muito destruída, como já notámos, a Anta da Azinheira é ainda um bom exemplar do dólmen de cuidada construção, de câmara poligonal e corredor de tamanho médio.

As suas dimensões, a sua forma e a sua sólida construção permitem atribuí-la, do ponto de vista arquitectónico, ao período áureo da construção megalítica.

A cronologia estabelecida para outras antas deste tipo e desta mesma região (1), com base nas placas de xisto, no ídolo chato almeriense e, principalmente na cerâmica, dão-no-las como construídas entre 2300 e 2100 a. C. Esta deve ser, portanto, a cronologia atribuível a esta anta cuja cerâmica, seu espólio principal, é em tudo conforme com as que acabámos de referir.

O facto de já ter sido remexida bastante profundamente, antes desta escavação, e as conseqüentes destruição e dispersão da cerâmica e das outras peças que conseguimos obter, não permitiram o estabelecimento de relações estratigráficas, ao menos artificiais, entre os elementos do espólio, pelo que as conclusões que nos propomos tirar assentam, mau grado nosso, em meras relações de fabrico e tipológicas.

O facto da época da construção da anta ser atribuível ao período que referimos não significa que as inumações se devam atribuir apenas a ele. Com efeito, alguns vasos, especialmente os n.ºs 9, 13, 14 e 15, podem assimilar-se, quer formalmente quer tecnològicamente, à cerâmica das «tholoi» desta região (2) e até mesmo à do Castro de Vila Nova de São Pedro, no caso do último vaso considerado (3), o que significa que as inumações devem ter continuado durante séculos neste local. Por outro lado, os vasos globulares pintados a almagre n.ºs 10 e 11, bem como outra cerâmica mais grosseira, às vezes com aparelho semelhante, cujos vestígios temos quer em vasos reconstituídos, quer em

(1) G. e V. LEISNER, *op. cit.*, págs. 190-191.

(2) G. e V. LEISNER — *Op. cit.*, págs. 97-99 e 292.

(3) AFONSO DO PAÇO — «Castro de Vila Nova de São Pedro», *Am-purias*, XXI, Barcelona, 1959, págs. 257-259.

fragmentos informes, ligam o povo que construiu e utilizou esta anta a correntes culturais mais antigas, de tradição neolítica. Os vasos de colo estrangulado, especialmente o n.º 14, estabelecem ainda uma ligação com a cultura do vaso campaniforme do interior de que é exemplo o vaso da Anta 1 das Casas do Canal, do concelho de Estremoz (1), muito embora o nosso vaso seja de pasta cinzenta em vez de cor de ferrugem.

Esta variedade de cerâmica vem, por um lado, corroborar a tese da permanência de um povo ou povos nesta região, durante largos séculos (2), cujas tradições assentam sobre um fundo neolítico constantemente renovado por contribuições culturais vindas, por vezes, de bem longe. Assim no-lo sugerem os elementos semelhantes aos das «tholoi» e à cultura campaniforme.

A ausência de objectos de pedra lascada (se exceptuarmos as lâminas) isto é, dos micrólitos e nas pontas de seta, embora não seja caso único nas antas da região, por um lado é ainda um elemento cronológico que situa este dólmen num período distante do neolítico e, portanto, em pleno eneolítico, se aceitarmos os micrólitos como sobrevivência mesolítica; por outro lado integra-o numa tradição cultural em que a seta não seria oferenda funerária habitual, o que o liga a um povo de sedentários agricultores. Isso no-lo devia confirmar a pedra polida, pilhada certamente quando da violação ou violações por ser mais susceptível de atrair atenções.

As lâminas de sílex, uma das quais muito longa, encontradas em grupo entre dois esteios de corredor onde escaparam ao revolvimento, são, especialmente a maior delas e pelo facto de

(1) G. e V. LEISNER — «Antas das Herdades da Casa de Bragança», no concelho de Estremoz, Lisboa, 1955, pág. 820 e segs.

(2) H. L. PINA — «A Anta da Herdade do Duque», *Revista de Guimarães*, vol. LXXI, n.ºs 1-2, Guimarães, 1961.

apresentarem certo grau de polimento ou lustro devido ao uso, atribuíveis também a uma cultura de agricultores eneolíticos.

Finalmente, as placas de xisto, encontradas a grande profundidade, são seguros elementos de cultura eneolítica, uma das quais (Fig. 13) quer-nos parecer a de feição mais evoluída ou, pelo menos, reveladora de alguma renovação cultural que assenta não só no processo bastante diferente da repartição dos elementos decorativos, como ainda na escolha do material usado e no processo de afeiçoamento da placa antes da decoração.

Em resumo: todos os elementos que considerámos nesta anta parecem levar-nos à conclusão de que os seus construtores e os que posteriormente a utilizaram fazem parte de um grupo etnológico, ou de grupos etnológicos afins, constantemente renovados pelas achegas de culturas mais ou menos distantes, em todo o caso susceptíveis de se fundirem, ao menos pelas preocupações em relação aos seus mortos, de tal modo que não desdenharam de lhes dar morada e de lhes fazer oferendas no mesmo local. Aí radicados, esses povos — indicam-no-lo a escolha dos locais para a construção dos monumentos fúnebres e o mobiliário que neles se encontra — viviam principalmente do produto da colheita e da exploração agrícola.

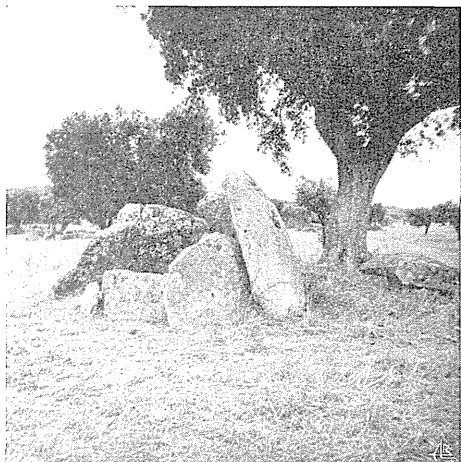


Fig. 4 — Vista de Sul



Fig. 5 — Vista de Leste

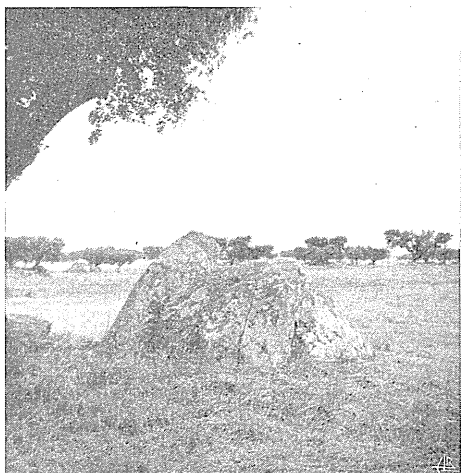


Fig. 6 — Vista de Norte



Fig. 7 — Vista de Oeste



Fig. 8 — Entrada da câmara dolmênica e cobertura do corredor

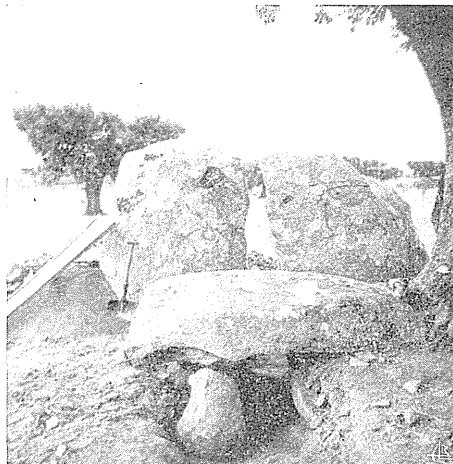


Fig. 9 — Porta do corredor. Esta fig., como as demais desta Est., mostra pormenores da construção da anta, depois de escavada



Fig. 10 — Entrada da câmara vista do interior

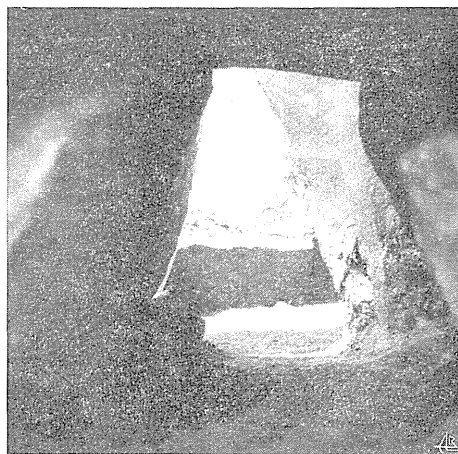


Fig. 11 — Interior do corredor e de parte da câmara

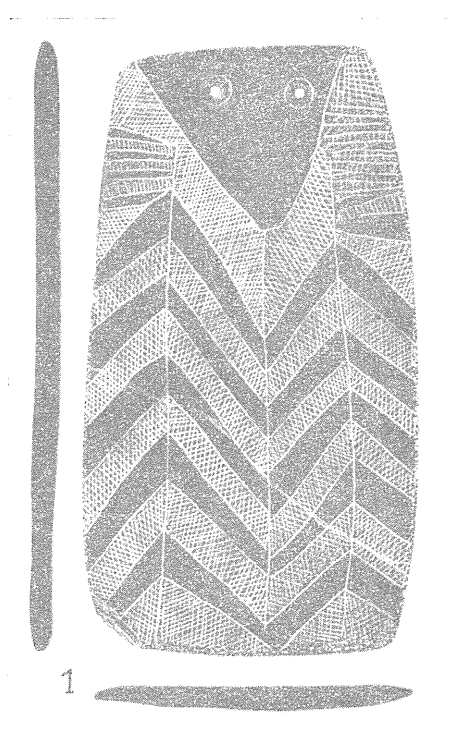


Fig. 12 — Placa de xisto com 2 orifícios de suspensão

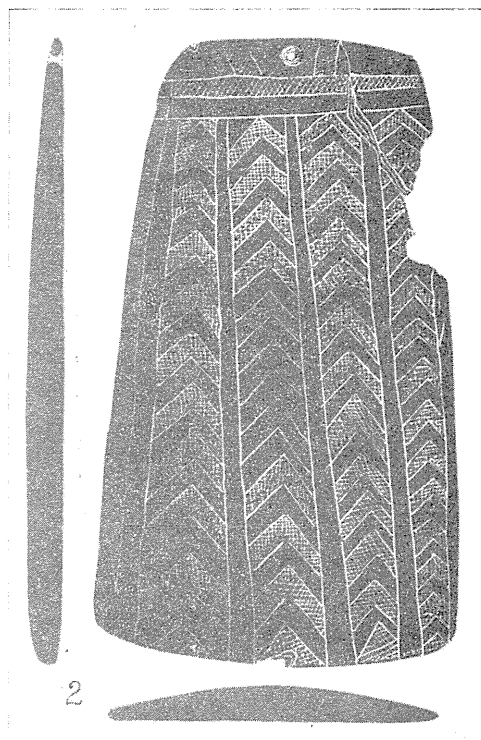


Fig. 13 — Placa de xisto com 1 orifício de suspensão

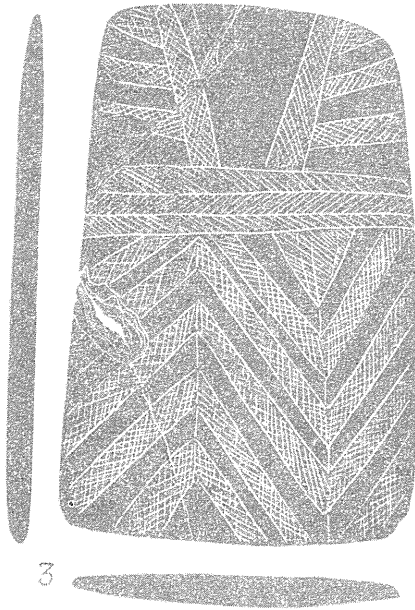


Fig. 14 — Placa de xisto sem orifício de suspensão

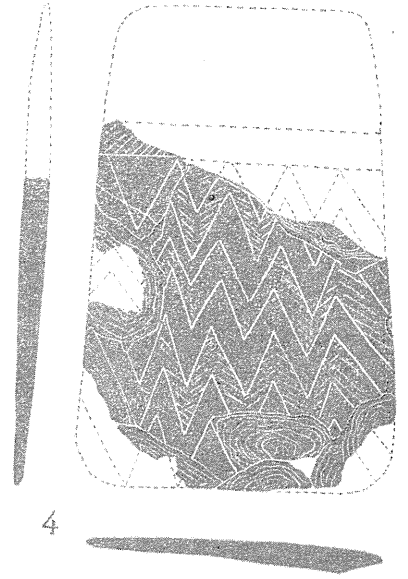


Fig. 15 — Fragmento de placa de xisto

Malha do centeio em Lavradas (Barroso)

POR

J. R. dos Santos Júnior.

Professor de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto

*Ao querido amigo D. Francisco Gonzalez
que me proporcionou a ida à malhada de
Lavradas.*

O. D. C.

Há uns anos que, em cada verão, passo uns 18 a 20 dias nas afamadas águas de Carvalhelhos, estância que, pela esplêndida situação na vertente leste da serra das Alturas de Barroso e pelo recatado sossego que ali se desfruta, oferece especiais condições para descanso do corpo e do espírito.

Em meados de Agosto de 1957, a convite do meu amigo D. Francisco Gonzalez, fui passar um dia a Lavradas para assistir à faina da malha do centeio.

*

Lavradas é uma típica aldeia barrosã, sobranceira a Carvalhelhos e situada a uns 850 a 900 m de altitude. Pertence à freguesia de Beça, concelho de Boticas, e fica na extrema deste concelho. O termo de Lavradas para nor-noroeste confina com o da aldeia de Lamachã, pertencente à freguesia de Negrões, concelho de Montalegre.

Lavradas tem 80 fogos e os seus habitantes, lavradores serranos, dedicam-se à criação de gado (a vitela de Barroso é justamente afamada), cultura de centeio, de batatas e ainda um

pouco de milho, nalguma canada de terra mais funda e com possibilidade de regadio.

O centeio é, porém, a cultura principal e a naturalmente indicada para as «plainas» ou «chãs», que ali formam como que um degrau do planalto cimeiro da serra de Barroso. O terreno ondula suavemente para o lado do poente onde se erguem os dois bicos fraguentos dos «Cornos das Alturas de Barroso».

*

* *

Lavradas tem duas eiras, a do Túmbio, em baixo, ao deslido da povoação, com os penedos chamados do Túmbio, que deram nome à eira, e a do Torrão, no alto, sobranceira ao povoado. Uma e outra são baldios da comunidade, que, além de servirem para a malha do cereal, se destinam também à pastagem do gado. É de regra a existência da eira comum em muitas aldeias trasmontanas. Em algumas a designação varia e chamam-lhe *prado*, *vale* ou *veiga*.

Nas eiras pode malhar quem quiser. Aqui ou ali cada lavrador amontoa o centeio em *medas*, dispondo os molhos em sobreposição radial, de tal modo que a *meda* resulta de forma semi-esferóide ou, melhor, semi-ovóide. O tamanho da meda resulta, como é natural, da quantidade de molhos nela amontoados. Por via de regra têm uns 3 m de altura, mas há-as com 4 e até com 5.

Para a malhada convém dia de sol aberto para que a espiga esbagoie com facilidade.

No dia apazado para a malha, o dono do cereal trepa acima da meda e grita: — *À eira, à eira*.

Este apelo congregante é fortemente gritado e muito espaçado, lentamente espaçado. A palavra eira é compassadamente

gritada nas suas duas sílabas. A primeira, o *ei*, é gritada tanto mais alto e mais prolongada quanto puder ser, seguida pelo *ra* final arrastado e em decrescendo suave (1).

O pessoal junta-se e começa aquela faina ardorosa, feita sob a ardência picante do sol de Agosto, mas nem por isso menos cheia de vibração, de entusiasmo e de alegria.

As malhas e as vindimas são as grandes festas das colheitas, com tradições muito remotas. Mas são sobretudo as malhas aquelas que se nos mostram com maior riqueza de manifestações culturais, pela exuberância máscula dos malhadores, em autêntico jogo de competição; pela harmonia social que reflecte a prestação de serviços por ajuda, sem remuneração; pela alegria que durante o dia inteiro anima todos os serviços, uns mais pesados outros mais leves, mas todos sob a ardência da solina de Julho ou Agosto; pela fartura das refeições; por certo ritual precatório com que o pessoal pede vinho; e sobretudo, pelo simbolismo de algumas práticas que atestam esbatida sobrevivência de velhos ritos, bárbaros e sangrentos, ligados à fertilidade da terra, à boa germinação e desenvolvimento da semente, num todo de homenagem, ou culto, ao espírito dos cereais.

Depois o emprego cada vez mais corrente das debulhadoras terminará, dentro de pouco, por acabar com as malhas. Em mui-

(1) O Sr. D. Francisco Gonzalez, administrador da Empresa de Carvalhos, recorda-se de, há bons 50 anos, na aldeia da sua naturalidade, Layantes, concelho municipal de Maside, Orense, ouvir o dono do cereal, manhã cedo, gritar bem alto: — *Mulheres à eira, a rebober a coeira*. Em Portugal e na Galiza o mesmo costume de gritar o chamamento congregante daqueles que, voluntariamente, vinham prestar serviço por simples ajuda. É bem certo que o norte de Portugal e a Galiza sob múltiplos aspectos se podem considerar regiões irmãs. Têm tantas afinidades e são tão semelhantes muitos usos e costumes dos seus campesinos, que ao abordar há anos num pequeno artigo tal similitude o intitulei: *Portugal e a Galiza irmãs*, in Rev. «Apolínea», Ano I, n.º 5, Porto, 1933.

tas terras há já alguns anos que deixaram de se fazer. Urge portanto fazer o estudo das mesmas nas terras onde ainda se mantêm numa agonia lenta.

Essa a razão fundamental que determinou a elaboração deste trabalho.

Vejamos algumas fases da malha do cereal em Lavradas.

Encher a eira ou fazer a eirada

É o primeiro acto da malhada.

Um homem trepa à *meda* e vai deitando abaixo os molhos que as mulheres arrastam, um em cada mão, até ao sítio onde vai fazer-se a *eirada* (Est. 1, fig. 5).

Ali os homens desatam os molhos e estendem o centeio às fiadas.

A primeira fiada, a chamada *burra* ⁽¹⁾, é a fiada que forma a borda da *eirada* do lado da coroa da eira. O arranjo desta primeira fiada chama-se *bolar a burra*, e as espigas ficam para o lado da *eirada* que se vai fazer em fiadas sucessivas, paralelas à *burra*, mas com as espigas postas para o lado desta.

(1) No concelho de Chaves à *burra* chamam *coeira*.

Quando acabam de *astrar a eira* ou de *fazer a eirada*, é sacramental gritarem: «*coeira e carreira vinho na eira*».

Em Mindelo a esta primeira fiada chamavam a *porca*.

Há cerca de 20 anos, ou mais, que em Mindelo deixou de se malhar o cereal e é debulhado à «*máquina*».

Para melhor aproveitamento da palha da aveia que há-de servir para fazer os *mexilhos* (sin. de *bencelhos*) com que hão-de atar a palha milha, só a aveia é que ainda hoje, e raras vezes, é malhada, e com o *malho* de *rebimba*.

Dois destes *malhos de rebimba* vêm desenhados no trabalho de ELISERO PINTO, *Costumes do concelho de Vila do Conde — O Malho*, Sep. de «Douro Litoral», Bol. da Comissão de Etnografia e História, 8.^a série, VII-VIII, Porto, 1953, 9 págs. e 3 figs.

Cada uma das fiadas chama-se *carreira*. A primeira carreira é posta sobre a *burra* de tal modo que as espigas desta ficam inteiramente debaixo do colmo da primeira fiada.

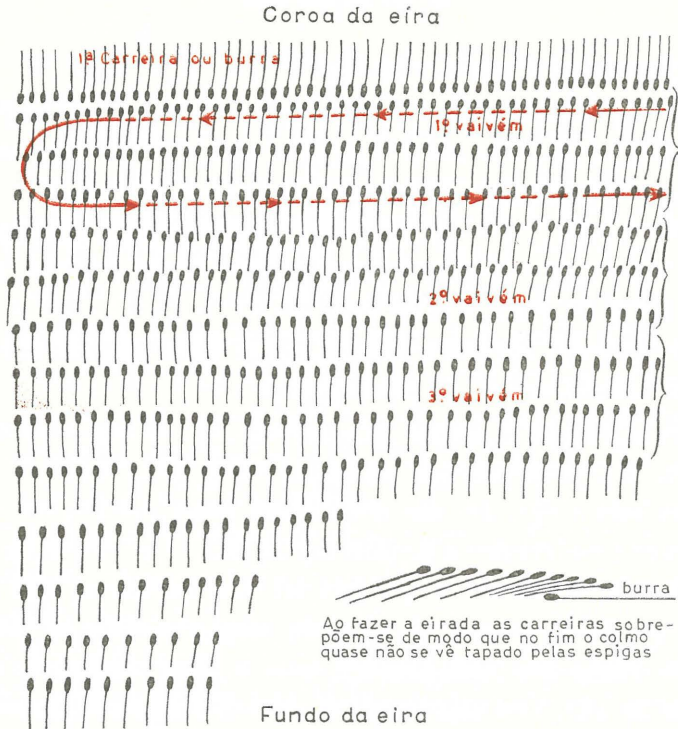


Fig. 1 — Eirada com o centeio posto às fiadas, com indicação da malha feita ao *vai-vém*. Cada fiada ou *carreira* sobrepõe-se à anterior, como mostra o esquema do canto inferior direito. Isto não se marcou no desenho para não diminuir a sua objectividade esquemática.

As *carreiras* (Est. II, fig. 7) são bastante sobrepostas. Entre umas e outras há um recuo de um palmo ou um pouco mais, de tal modo que as espigas de cada fiada se seguem quase umas às outras. Deste modo, no fim, a eirada, vista de cima, é uma camada quase contínua de espigas, e, assim, na malhada são estas que recebem o embate do *pirto* do *malho*; o colmo subjacente é

poupado à violência das pancadas. O colmo, indispensável para a cobertura das casas, é objecto de especiais cuidados.

Malha ao vai-vém

O *vai-vém* é a primeira malha.

Os malhadores postos em fila, lado a lado, formam na borda do eirado uma linha de frente cujo comprimento depende do número de malhadores (Est. II, fig. 8 e Est. III, fig. 10).

No *vai* dão 7 a 14 malhadelas a pé firme e logo um passinho curto em frente. Assim vão prosseguindo passo a passo até à outra borda da *eirada* ou *eirado*.

Uma vez ali chegados inicia-se o *vem* que é feito às arrecuas com uma malhadela e um passo atrás.

Se a eirada é grande e o número de *vai-véns* é também grande, especialmente nas horas de maior calor, em que mais apetece uma pinga, um dos malhadores passa palavra aos companheiros e ao levantar a *mangoeira* grita: *fi. . . co* (Est. IV, fig. 11).

O *fi* é vibrante e de duração tal que, quando o *pirto* vem bater no *eirado*, a pancada coincide com o remate da palavra gritada. Todos dão uma pancada forte e ficam parados de *mangoeiras* ao alto. Vem uma rodada de pipo ⁽¹⁾ e o *vai-vém* prossegue.

(1) Nas malhadas na aldeia de S. Lourenço, freguesia das Eiras, concelho de Chaves, estabelece-se o seguinte diálogo, gritado em voz alta, entre dois dos malhadores:

- Ó moço, tu foste c'os bois?
- Eu fui, sim, senhor?
- Eles vinham bem fartos?
- Vinham, sim, senhor.
- Como se chamava a vaca?
- Bandurra.
- E o bezerrinho?
- Venh'ó vinho.

No final todos em grande vozearia: «Este vinho ainda não veio prá ei, ei, ei, . . . ra».

Começa-se sempre o 1.º *vai-vém* pela *coroa* da eirada ou, seja, do lado da *fiada da burra* ou *cabeceira*.

O último *vai-vém* do fundo da eirada, a que chamam correr o fundo, ou, seja, aquele que vai atingir a última *carreira*, é sempre acompanhado por uma mulher (Est. III, fig. 9) que, posta ao lado do malhador da ponta, ampara o *pão* ⁽¹⁾ com uma ampla e ramuda vassoura de *bido* ⁽²⁾, ou por 2 mulheres segurando uma manta (Est. III, fig. 10). Deste modo evitam que o grão, ao esbagoar das espigas fortemente batidas pelo *pirto*, salte para longe.

O malho (Figs. 2 e 3) é constituído pelo cabo ou empunhadura, a *mangoeira*, geralmente de *bido*, e pelo *pirto*, grosso pedaço de carvalho, ligados pela *correia de apor*, tira de pele de boi que no extremo da mangoeira passa na *carachola* e no *insadoiro* da extremidade proximal do *pirto*.

Como as Figs. 2 e 3 bem mostram, há algumas diferenças nos malhos desenhados. Entre elas avulta a que diz respeito à

(1) *Pão* ou centeio. É correntíssima por quase todo o leste trasmontano esta sinonímia.

A cada passo se ouvem expressões como estas: «O tempo está a correr mal para os *pães*». «Graças a Deus: este ano deve ser um bom ano de *pão*; os *pães* estão lindos; *gafejaram* muito bem».

Este *pão* é sinónimo de centeio e os *pães* de searas do mesmo.

Gafejar exprime o afillamento, isto é, o mesmo grão de semente germinando dá origem não a uma única haste com sua espiga, mas a 4, 5, 6 e mais hastes todas bem espigadas.

Em Miranda do Douro diz-se *garfear* e ao cereal assim afillado chama-se *garfo*.

Em Mindelo, Vila do Conde, ao centeio chamam *pão macho* e tanto este como o trigo eram, antigamente, malhados com o «malho de rebimba».

(2) *Bido* ou *bidoeiro* é a árvore *Betula alba* Lin. da família das Betuláceas.

É relativamente abundante na serra de Barroso e é frequente vê-la nas margens dos cursos de água e à borda dos lameiros.

carachola que num (Fig. 2) é de couro de boi e no outro (Fig. 3) é formada por um corno de cabra enfiado no extremo da mangoeira e vazado por um furo que interessa também a mangoeira, furo que dá passagem à *correia* de apor.

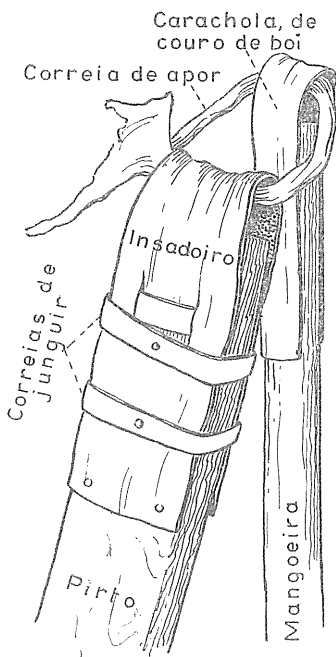


Fig. 2 — Malho de *carachola* de couro de boi.

Os malhos de *carachola* de corno de cabra são mais antigos; dantes todos eram deste tipo.

O Prof. J. G. HERCULANO DE CARVALHO (1) registou o nome *carachola* dado à parte cimeira da mangoeira a que atribuiu o nome genérico de *casula*; e, a pág. 15 do seu trabalho, escreve: «O uso da *casula* de chifre é hoje, ao que parece, extremamente raro». Indica algumas localidades onde esta peça é constituída por um chifre de boi enfiado na extremidade da mangoeira e perfurado juntamente com ela. Não fala em corno de cabra e, como dissemos, em Lavradas, nos

malhos mais antigos, a *carachola* é de corno de cabra.

Virar da messe

É virar a palha com o debaixo para cima. É apanhada às braçadas e posta em nova carreira (Est. V, fig. 13)

(1) JOSÉ GONÇALO C. HERCULANO DE CARVALHO — *Coisas e Palavras* — *Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*. Dissertação de doutoramento em Filologia Românica na Universidade de Coimbra, in «Biblos», Rev. da Fac. de Letras de Coimbra, vol. XXIX, Coimbra, 1953, 365 págs., 61 figs. e XIII mapas.

mantendo, no entanto, o paralelismo e o alinhamento das carreiras.

É serviço de mulheres. Os homens, às vezes, também ajudam, «deitando uma mão».

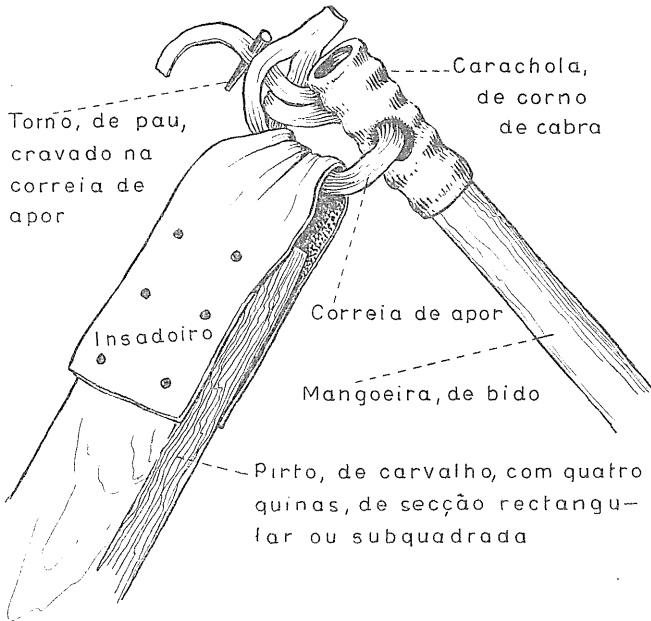


Fig. 3 — Malho de *carachola* de corno de cabra.

Antes do virar da messe compete aos homens *tirar a espiga*, o que fazem com *engaços* de dentes de pau (Fig. 4 e Est. VII, fig. 17), amontoando-a aos *cordões*. Depois empurram-na para a borda do eirado com a *marra* dos *engaços* de dentes virados para cima (Est. VII, fig. 18).

Espaldeirar

É a segunda malha, ou *corrida* da *messe* virada.

É um malhar suave. Os malhadores quase se limitam a deixar cair os *pirtos* dos *malhos* com seu próprio peso, sem lhe

imprimirem, à força de braços e flexão do tronco, aquela violência que é própria da primeira malha ao *vai-vém*, com os malhadores todos alinhados a um lado e puxando a bom puxar.

O *espaldeirar* (Est. V, fig. 14) contrasta de modo flagrante porquanto, conforme disse, é um malhar brando, feito com suavidade. Nesta segunda malha, embora não constitua regra absoluta, os malhadores dispõem-se às vezes em 2 filas e malham frente a frente compassadamente. Chamam a isto *malhar lado a lado*, ou, seja, uns a um lado e outros do outro lado, em frente. Parecia melhor chamar-lhe malhar frente a frente.

A regra, porém, é malharem numa única fila, postos ombro a ombro para fazerem a *corrida da messe*.

Virar e malhar a burra

Terminada a corrida da messe, as mulheres viram a *burra*. Colhem o centeio da *burra* às braçadas, puxando-o debaixo das fiadas que o tapavam, isto é, das *primeiras carreiras* que lhe haviam sido sobrepostas.

Agora fica o cereal da *burra* em cima da palha já malhada. Segue-se a malha da *burra*.

Malha da espiga

As espigas que foram tiradas antes do virar da messe e foram amontoadas a um lado do eirado são agora malhadas com os malhadores postos em roda, ou em arco quando o monte é maior (Est. IV, fig. 12).

Levantar a eirada e tirar o colmo

Terminada a debulha do grão há que tirar a palha e juntar o grão; é o que se chama *levantar a eirada*. É serviço de mulheres o levantar a palha ou colmo; compete aos homens até-lo.

As mulheres apanham o *colmo* às braçadas: sacodem-no, põem-no ao alto para acertar, *derrabam-no* nas *pontas* e nos *toros*, isto é, sacudindo-o e com auxílio da mão, limpam o colmo da palha miúda ou traçada, de modo a que fiquem só as hastes que não foram esmagadas ou quebradas pelo bater dos *pirtos*. O colmo de três ou quatro braçadas, *igualado* e *derrabado*, é junto e forma um *braçado* ou *panada*, ou seja quanto a mulher pode abarcar com os dois braços de encontro ao peito.

A mulher leva a *panada* ou *braçado* de colmo e vai deitá-lo no *bancelho* ou *bencelho* estendido adiante em cima da palha. Um homem prontamente colhe as pontas do *bencelho*, ata o *molho* de colmo e leva-o para fora do eirado, onde outro homem o desamarra e volta a *derrabar*. Torce bem o *bencelho* e de novo amarra o molho forçando o aperto com o joelho. Põe o molho ao alto e bate-o para igualar. Fica o colmo pronto para ser levado no carro (Est. XII, fig. 27) e convenientemente arrumado no palheiro. Ali o conservam, bem defendido da chuva, para no decorrer do ano servir para enchimento de colchões, fazer *bencelhos*, chauscar os porcos, etc.

Tirar a palha

Depois de tirar o colmo, a palha solta e a que foi derrabada é tirada pelos homens com *engaços* de pau, colhendo a palha com os dentes do engaço, sacudindo-a e pondo-a aos cordões; depois empurram-na para a borda da eirada com a *marra* do engaço a arrastar, isto é, com os dentes para cima. Tal e qual como haviam feito ao tirar a espiga (Est. VII, figs. 17 e 18).

Conhar a espiga e conhar o grão

Depois de levantar a palha do eirado, fica o grão com bastantes espigas à mistura e alguma palha miúda.

As mulheres com *conhas* ou *coanhas* ⁽¹⁾, vassouras de *bido*, ou de cadeço, varrem ao de leve as espigas e palha miúda, por maior, que levam para a borda (Est. X, fig. 23).

Este serviço é o chamado *conhar o grão* ou *conhar o pão*.

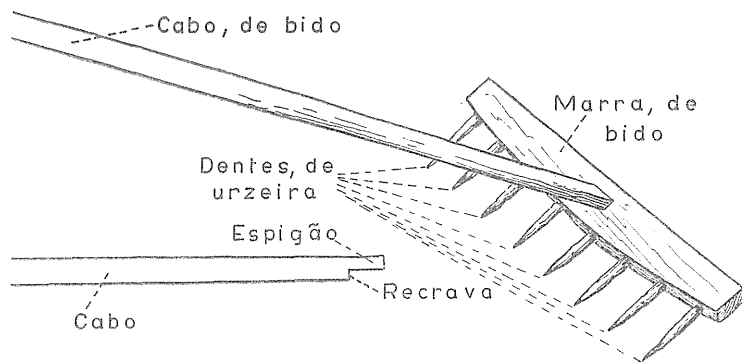


Fig. 4 — Engaçador.

Limpar o pão

Por fim há que limpar o pão.

Hoje, e há muitos anos já, o serviço é feito à máquina, com a tarara.

Antigamente era feito com crivos.

Não se julgue, porém, que era crivado; era, sim, despejado a pouco e pouco pela borda dos crivos.

Descreveram-me tal serviço do seguinte modo.

Quatro ou cinco mulheres, ou mesmo mais se o monte de centeio era grande, e, sobretudo, se havia que aproveitar o vento,

(1) A pronúncia desta palavra era feita de tal modo que hesitei em escrever *coanha* ou *conha*. Pedi a pessoas presentes para me ajudarem na destrição. Permaneceu a hesitação. As mais das vezes o *a* mediano, se é silabado, é-o tão brandamente que se afigura ouvir *conha* e não *coanha*.

munidas de crivos, colhiam o cereal e, ao lado, «procuravam o correr do vento».

Com o crivo erguido à altura da cabeça iam sacudindo pela borda o centeio a pouco e pouco. Deste modo, o vento levava a «moinha» e o pão caía limpo de praganas e palha moída.

Claro que este serviço estava condicionado pelo vento que não devia ser nem de mais nem de menos (1).

A última eirada

Em cada dia fazem 3, ou mesmo 4 eiradas. Por via de regra 3.

As eiradas, como é natural, podem ser maiores ou menores. As grandes podem dar 60 alqueires de centeio. A norma é fazerem-nas um pouco menores dando entre 40 a 50 medidas ou alqueires. O alqueire, na região, tem a capacidade de 13 litros.

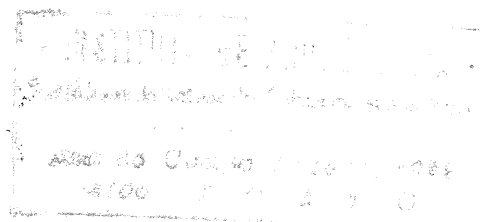
O Sr. António Arcos, importante lavrador-proprietário de Lavradas, que assistiu à malhada e nos auxiliou na colheita dos apontamentos que serviram de base a este trabalho, colhe em cada ano uma média de 500 medidas, o que dá umas 10 eiradas.

(1) O Sr. D. Francisco Gonzalez disse-me ter ouvido em Layantes (Galiza), sua aldeia natal, a seguinte história:

Uma velha muito devota de S. Bento estava a limpar o pão com o crivo pela maneira referida; como o vento fosse pouco, a velha implorou a intercessão do Santo nestes termos: *Airito, airito, meu S. Benito*. O certo é que, diz a história, o vento foi aumentando de intensidade, com grande satisfação da velha, que toda se desfazia em louvores ao santo da sua maior devoção.

Mas o vento começou a soprar forte de mais, com uma ou outra rajada de quando em quando, pelo que não só a moinha era levada, mas o próprio grão também era arrastado pela ventania desabrida.

Foi então que a velha, arrengada, teria imprecado o santo num misto de súplica e de praga: *Poco y poco... Santo ou cuerno!?*



A última eirada dá ensejo a uma divertida e movimentada prisão do dono do cereal, o patrão. Este é preso, como veremos, pelos homens. A patroa é presa pelas mulheres.

Prisão dos patrões

No fim da última eirada, depois de malhar a *espiga* e a *burra*, os homens vão-se ao patrão e prendem-no com *bencelhos* bem amarrados; um nas pernas e outro arrojando os braços ao tronco; quatro homens dão-se as mãos e o amarrado vai estirado em cima dos braços dos homens, com os pés para diante, como se fosse um morto, levado em *padiola*.

Atrás um homem empunha bem erguida uma cruz feita de palha (Est. XI, fig. 26).

Todo o restante pessoal segue em acompanhamento, cantando um «cantar de padres».

Levam o dono do cereal, o patrão, até à porta da adega que abrem com os pés do morto.

E vem vinhaça a faltar, e tanto bebe o morto (que tira o vinho) como os vivos daquele ruidoso acompanhamento.

As mulheres vão a casa prender a patroa. Esta consegue a liberdade distribuindo rebuçados e servindo uma boa pinga. E tudo termina em alegria esfuziante. É uma festa.

Algumas vezes, como sucedeu num dos dias em que estive em Lavradas, o dono do cereal é agarrado, amarrado com *bencelhos* e levado em charola em cima duma manta que vários homens seguram às bordas (Est. XI, figs. 25 e 26).

Informaram-me que às vezes os homens, de «marotos», afrouxam e deixam cair o patrão, que vai dar com as costas no chão.

Nem sempre o transporte em procissão do dono do cereal se faz até à porta da adega. Algumas vezes limitam-se a levá-lo até ao sítio da eira onde estava o pipo.

Vai preso em *charola* até junto do pipo. «Este fica de fiador». Libertam-no, mas fica garantido que o fim de festa será na adega.

O colmo

O colmo tem para o barroirão uma importância muito especial; podemos até dizer que na região de Barroso o colmo é de importância fundamental na cobertura das casas.

Com ele, além do mais, cobrem as casas, o que constitui uma excelente cobertura para a defesa das Neves e dos frios agrestes do inverno. Infelizmente em caso de incêndio com facilidade nele se ateia o fogo. Tem havido incêndios em aldeias de Barroso em que têm ardido todas ou quase todas as casas da aldeia.

Quando arde uma casa, é quase certo que a todas as casas que ficam do lado para onde sopra o vento se ateará o incêndio. As fagulhas ardentes, ao caírem nas coberturas de colmo, em poucos minutos fazem de cada casa uma enorme fogueira.

Assim sucedeu, por exemplo, há uns quinze anos com a aldeia de Carvalho, que confina pelo Sul com o termo de Lavradas, e este ano na própria aldeia de Lavradas.

Por isso muitos proprietários vão cobrindo as casas com telha. No entanto em muitas aldeias a quase totalidade das casas é ainda coberta de colmo.

Precisamente depois das malhadas, ainda no mês de Agosto ou por todo o Setembro, cada um trata de *colmar* convenientemente a casa, metendo porções de colmo nos sítios onde seja preciso. É necessário garantir a defesa durante o inverno que se aproxima, quando não já começado: «primeiro dia de Agosto, primeiro dia de inverno», diz-se em Barroso.

Mas não basta só *colmar*; é indispensável *latar*, ou, seja, colocar sobre o colmo, e aos través, paus compridos que se firmam com pedras.

Este serviço de latar é tão importante que em Barroso corre o seguinte aforismo, que me foi dito quando, no mesmo dia em que assisti à malhada, vi consertar a cobertura da casa que vai reproduzida na fig. 28 da Est. XII.

Colmaste;
 Não lataste?
 Não colmaste.

Como dissemos atrás, o colmo é apanhado na eirada às braçadas, sacudido, posto ao alto e batido para igualar, *derrabado* nas pontas e nos *toros*. Três ou quatro braçadas formam a panada que a mulher vai deitar no *bencilho*. Um homem ata as pontas do *bencilho* e faz o molho que leva para a borda do eirado. Ali outro homem desamarra o molho, torce bem o *bencilho* para lhe dar força, aperta bem o molho com os joelhos e de novo ata o molho, que põe ao alto e bate para igualar, e de novo derraba ao toro para tirar qualquer palha quebrada que haja.

Deste modo se verifica haver na preparação do colmo as seguintes voltas: fazer os *bencilhos* para a atadura; apanhar o colmo às braçadas; em cada braçada, derrabar por cima, derrabar a espiga ou as pontas, e derrabar por baixo, derrabar o *toro* ou pé; bater para igualar; juntar 3 ou 4 *braçadas* num *braçado* ou *panada*; atar o molho e levá-lo para fora da eirada; desamarrear; torcer o *bencilho*; apertar com os joelhos e atar; bater para igualar; por fim nova *derrabadela* ao *toro*.

Assim fica pronto o molho. A cada um destes molhos dão o nome de *colmo*: o todo toma o nome da parte.

Os *bencilhos* (1) são feitos com duas mãos-cheias de colmo humedecido — as *pernas* — que atam pelas pontas com um nó especial. Este serviço é feito por mulheres. O *bencilho*, depois de atadas as

(1) *Bencilhos* é talvez o dizer mais corrente mas ouvi algumas vezes *bincelhos* e até, uma ou outra vez, me pareceu ouvir *bancelho*.

pontas, é repuxado ao peito, pisando uma ponta e puxando a outra para cima (Est. VI, fig. 15).

O *bencelho* de atar o colmo é curto; só tem duas pernas.

O de atar a palha solta é mais comprido; tem 3 ou 4 *pernas*.

Regime de trabalho dos malhadores

O serviço da malha pode fazer-se *a seco* ou *a de comer*.

Quando *a seco*, a *parelha*, isto é homem e mulher do pessoal jornaleiro, ganhava em 1957, data em que fiz estas observações, 45\$00 esc. diários.

Quando *a de comer*, o serviço é feito de graça, por ajuda, e ao dono do cereal compete servir as refeições que se indicam.

Matabicho, às 8 horas.

Um pedaço de bacalhau cru, da peça, pão e vinho.

Almoço, às 10 horas.

Em cima duma pouca de palha estendem-se toalhas e nelas se colocam grandes pratos com a comida. De cada prato comem 4 ou 5 pessoas, acoradas ou sentadas à sua volta. No leste trasmontano, pelo menos nos concelhos de Moncorvo e Mogadouro, a este comer de várias pessoas do mesmo prato chamam *comer à racha*.

Ao almoço é servido caldo de couve ou de vagens, bem engrossado com batatas e massa.

Depois um prato substancial que por via de regra é bacalhau cozido com batatas.

Pão e vinho são à descrição.

Cada um pode comer e beber quanto quiser.

Jantar, às quatro da tarde:

caldo de feijão, batatas e vagens;

carneiro guisado com batatas e presunto;

arroz de feijão e repolho.

O pão e o vinho estão sempre à mão: «é quanto cada um quer».

Estas as refeições que foram servidas aos malhadores do Sr. António Arcos, abastado lavrador-proprietário de Lavradas, naquele ano de 1957 em que assistimos à faina da malha desde a meia manhã até mais de meia tarde.

Um prato que habitualmente é servido a substituir qualquer dos citados é massa guisada com fressura de carneiro.

A acompanhar, tanto o almoço como o jantar, costumam servir salada de pepinos, ou rodela de tomate com cebola, ou pimentos assados. É sacramental uma espécie de salada feita de sangue de carneiro cozido e cortado às rodela, com rodela de cebola e azeite.

O Sr. António Arcos colhe em cada ano 500 a 600 medidas de centeio e na sua malha tem 50 a 60 pessoas a comer.

Naquele ano teve 35 homens e 20 mulheres.

Mata habitualmente dois bons carneiros e gasta por via de regra 10 a 12 almudes de vinho, ou seja meia pipa.

Conclusões

Na malha de Lavradas há, como é natural, muitas coisas que são a repetição do que se observa em qualquer outra terra na malha do cereal.

O mesmo modo de *encher* ou *astrar a eira*. Porém há que registar o nome especial que dão à fiada cimeira, a *burra*, que na Cardenha se chama *covela* e em Mindelo a *porca*.

São frequentes as alusões que nas malhadas se fazem a animais, nomeadamente ao lobo ⁽¹⁾, animais que, e com frequência este último, simbolizam o espírito dos cereais.

(1) Ver notas das págs. 8 e 9 do nosso Trabalho sobre a *Malha do cereal na Cardenha e o coro dos malhadores* adiante citado.

Interessante o malhar ao *vai-vém*: os malhadores postos em fila, ombro a ombro, *no vai*, depois de bem malhada a porção que atingem com o *pirto* do respectivo *malho*, dão um passo em frente, e *no vem* recuam um passo atrás depois de cada malhadela, voltando à posição inicial.

Na última eirada a *prisão do patrão* que é levado em charola até à porta da adega é, *mutatis mutandis*, o que se passa em Celorico de Basto e foi registado por JORGE DIAS (1). Há, no entanto, a particularidade, que realço, de, em certos casos, o patrão não ser levado até à adega mas sim até junto do pipo que sempre está na eira, o qual, como dissemos atrás, *fica a servir de fiador*, garantindo que o fim de festa se fará na adega onde se beberá até fartar.

A prestação de serviços por ajuda, sem remuneração, aliás frequente noutras terras não só nas malhas mas noutros serviços agrícolas, é uma manifestação de harmonia social, como o é também a eira comunitária, onde cada um levantará a *meda* no local que muito bem lhe aprouver e fará o eirado no sítio que quiser escolher.

Interessante é também a refeição servida na eira com toalhas estendidas na palha: a comida deitam-na em grandes pratos de onde comem em súa 4 ou 5 pessoas. O comer e beber em sociedade alegra o espírito, é elemento ponderoso para uma maior cordialidade de relações e factor importante de convivência social.

O malho, instrumento simples de duas porções de madeira ligados por tiras de couro, obedece ao delineamento geral que se observa por toda a parte.

Suponho, porém, que merece referência especial a *carachola* de corno de cabra. Todos os malhos antigos a tinham, o que

(1) JORGE DIAS — *Sacrifícios simbólicos associados às malhas*, sep. da Revista «Terra Lusa», n.º 1, Lisboa, 1951.

dava grande firmeza à *correia de apor* que, como vimos, liga a *mangoeira* ao *insadoiro* do *pirto*. Também faziam *caracholas* de corno de boi.

Em 1957 ainda houve em Lavradas algumas grandes malhadas. Hoje são poucas, e só os pequenos colheiteiros, continuam a malhar o seu cereal.

As debulhadoras estão, ano a ano, a conquistar todas as aldeias. Dentro de pouco as malhas deixarão de se fazer. Quando muito algum, pouco, centeio será batido de modo a aproveitar-se o colmo. Isto mesmo desaparecerá visto que, dado o perigo dos incêndios, há tendência geral na substituição do *colmado* das casas por cobertura de telhas.

Tantas e tão interessantes práticas em torno da malha dos cereais registadas nos trabalhos *Malha do cereal na Cardenha e coro dos malhadores* ⁽¹⁾, *Sacrifícios simbólicos associados às malhas* ⁽²⁾, *Coisas e palavras — Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica* ⁽³⁾, *Uma malha em Celorico de Basto* ⁽⁴⁾ e no que agora se publica, tantas e tão interessantes práticas, dizíamos, estão sentenciadas a desaparecer. Há, portanto, que fazer o estudo

(1) Maestro AFONSO VALENTIM, Padre ANTÓNIO MOURINHO e Doutor SANTOS JÚNIOR — *Malha do cereal na Cardenha e coro dos malhadores*, sep. de «Douro Litoral», n.os VII e VIII da 6.ª série, Porto, 1955, 19 págs. e 17 figs.

(2) JORGE DIAS — *Sacrifícios simbólicos associados às malhas*, cit.

(3) JOSÉ GONÇALO C. HERCULANO DE CARVALHO — *Coisas e palavras — Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*, cit.

(4) FERNANDO GALHANO — *Uma malha em Celorico de Basto*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia» da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e do Centro de Etnologia Peninsular, Vol. XVIII, Fasc. 3-4, Porto, 1961-1962, págs. 353 a 357, 6 figs.

do que ainda resta numa ou noutra aldeia serrana mais arredia e pior servida de vias de comunicação.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e o Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» poderão tomar o encargo de, em 2 ou 3 anos, com o concurso de alguns dos seus sócios etnógrafos e de alguns alunos da cadeira de Antropologia, levar a cabo a tarefa do estudo e registo do que ainda resta de tantas e tão curiosas práticas que, pelo seu simbolismo, atestam esbata-tida sobrevivência de velhos ritos, por vezes bárbaros e sangrentos, ligados à fertilidade da terra, à boa germinação da semente, num todo de homenagem, ou culto, ao espírito dos cereais. De tais barbaridades se ocupou largamente JORGE FRAZER (1), baseado nos textos de antigos autores romanos e gregos.

Pelo que estes autores nos contam, sabe-se que p. ex. os celtas da Gália, pelos fins do séc. II e princípios do I a. C., faziam de 5 em 5 anos verdadeiras carnificinas em festas religiosas impregnadas de singular e bem estranha magia, com as quais tinham em vista estimular a vegetação e garantir a fertilidade das sementes e da terra.

JORGE DIAS, a pág. 8 do seu trabalho cit. *Sacrifícios simbólicos associados às malhas*, extractando FRAZER, escreveu que, naquelas festas, correntes nos celtas da Gália, «as vítimas eram geralmente criminosos, mas, se os não havia em número suficiente, aproveitavam os prisioneiros de guerra, pois quanto maior fosse o número de vítimas maior seria a fertilidade obtida».

O enterro do patrão estudado por JORGE DIAS em Celorico de Basto, o molho do patrão que estudamos na Cardenha concelho de Moncorvo, e a prisão dos patrões que vimos em Lavra-

(1) JORGE FRAZER — *Esprits des blés et des bois* (Trad. francesa), Paris, 1935.

das, onde, como dissemos, o patrão amarrado por *bencellos* segue até à porta da adega estirado como um morto em cima dos braços cruzados de 4 malhadores, são remeniscências das velhas práticas com que em tempos remotos, obedecendo a antigos ritos mágicos se consagrava o espírito dos cereais, estimulando a germinação das sementes e propiciando a manutenção duma excelente fertilidade das terras cultivadas.

*

Tem grande interesse etnográfico o estudo e registo de tudo quanto se prende com o velho costume da malha do cereal.

AQUILINO RIBEIRO, observador perspicaz da vida do povo, a pág. 262 do seu livro *O Homem da Nave* (1.^a edição, Lisboa, sem data) escreveu: «Em regra, acabaram-se as malhadas a mangoal, que alinhavam duas alas de pimpões e terminavam à noite com bebedeira certa e cabeças partidas tantas vezes. O folclore tinha nestas empreitadas um dos seus mais pitorescos e gloriosos capítulos. A malhada era talvez, da faina agrícola, a tarefa mais estrondosa, de que se andava a falar durante a roda do ano. Era simultâneamente uma grande festa pagã».

E na pág. 263 do meu livro lê-se: «Semear, ceifar, malhar são as três fases essenciais da vida rural, no fundo correspondentes aos três tempos de tudo o que vive e evoluciona à superfície da terra».

Em consequência da natural e progressiva utilização das máquinas debulhadoras, a caminho duma inevitável e bem compreensiva generalização, as malhas estão a desaparecer por toda a parte.

Há pois que estudar, e com urgência, o pouco que ainda resta.

A Sociedade de Antropologia, que conta no número dos seus sócios alguns distintos etnógrafos, pode prestar valioso concurso na realização dessa importante tarefa, e, certamente, o prestará de muito bom grado.

E R R A T A

Nesta página, linha 19, onde se lê, *do meu livro*, leia-se *do mesmo livro*.



Fig. 5 — Um homem no alto da meda vai deitando abaixo os molhos que as mulheres levam de rasto para fazer a eirada.



Fig. 6 — Um homem compõe o centeio da primeira carreira ou *burra*.



Fig. 7 — As *carreiras* sucedem-se amplamente sobrepostas umas às outras, e em fiadas paralelas à primeira *carreira* ou *burra*, que se vê à direita com os *toros* voltados para o lado de fora da eirada.



Fig. 8 — Ao malhar uma borda, a *manta* que duas mulheres seguram, evita que o centeio salte para longe e se perca na palha da meda que se vê à direita, rematada no alto pelo *carachucho* que a defende da infiltração das águas das chuvas.

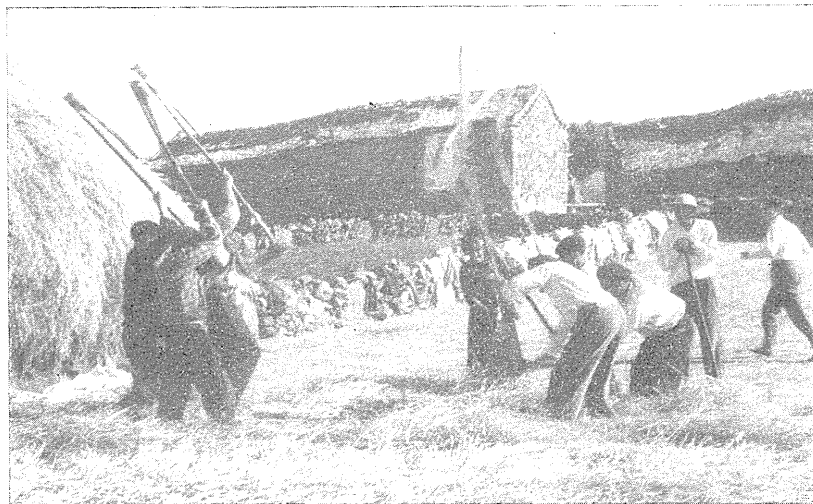


Fig. 9 — Uma borda malhada *lado a lado*, isto é, malhadores em dois grupos, um dum lado e outro do outro. A mulher segura uma *conha* de *bido* com que ampara o grão saltado.

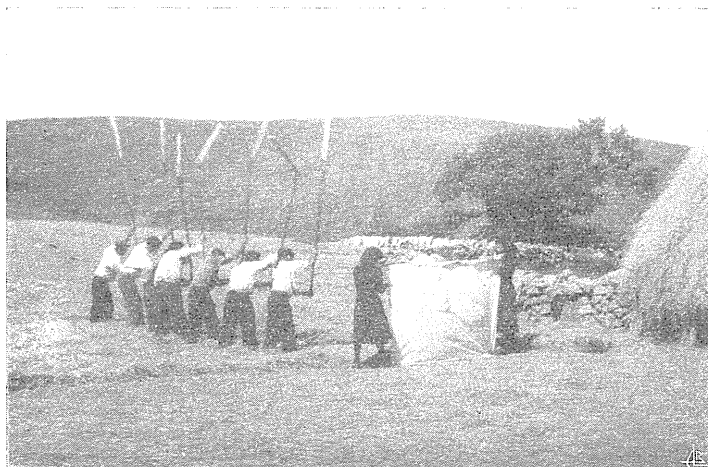


Fig. 10 — Malha ao *vai-vém*. Como na fig. 8 a manta segura pelas mulheres ampara o centeio que o bater forte dos *pirtos* faz saltar para longe.



Fig. 11 — Depois dum *fi... co*, gritado por um dos malhadores, segue-se uma rodada de pipo.



Fig. 12 — Malha da espiga com os malhadores postos em «meia roda»



Fig. 13 — Virar da messe. O centeio é virado com o *debaixo* para cima e posto em novas *carreiras*.



Fig. 14 — O *espaldeirar* da messe virada é um malhar suave como esta fotografia bem mostra.



Fig. 15 — Duas mulheres fazem os *bencelhos*. A da direita repuxa um *bencelho* de duas pernas para firmar bem o nó.



Fig. 16 — O Sr. António Arcos, grande lavrador proprietário de Lavradas, segura um malho de *carachola* de corno de cabra.



Fig. 17 — Na *tira da palha* os homens com os dentes dos *engaços* colhem a palha solta que vão amontoando.



Fig. 18 — Na 2.^a fase da *tira da palha* os homens com a *marra dos engaços*, de dentes virados para cima, empurram-na para fora da eirada.



Fig. 19 — Um *bancelho* de 4 pernas é estendido para receber a palha amontoada à borda da eirada.



Fig. 20 — A palha é levada às costas para se arrumar em grandes medas ou, alguma pouca, se guardar em palheiros.



Fig. 21 — Depois da malha e da *tira da palha*, segue-se a *tira do colmo* que as mulheres apanham às braçadas, os homens amarram em grandes molhos e levam para fora da *eirada*.



Fig. 22 — Fora da *eirada* um homem desamarra os molhos de colmo, derraba, volta a amarrar forte, põe ao alto e bate para acertar.



Fig. 23 — O final de cada *eirada* é o *conhar* da espiga e o *conhar* do grão, serviço feito pelas mulheres com *conha* de *bido* ou de *codeço*.



Fig. 24 — À meia tarde uma pequena merenda foi pretexto para um golo de vinho bebido pelo pipo.



Fig. 25 — Prisão do patrão que quatro homens levam dentro duma manta. À direita um homem e uma mulher agarram o filho do dono do cereal!



Fig. 26 — O filho do dono do cereal também vai preso e posto na manta; repontou com a brincadeira. Atrás um homem segura uma cruz de palha.

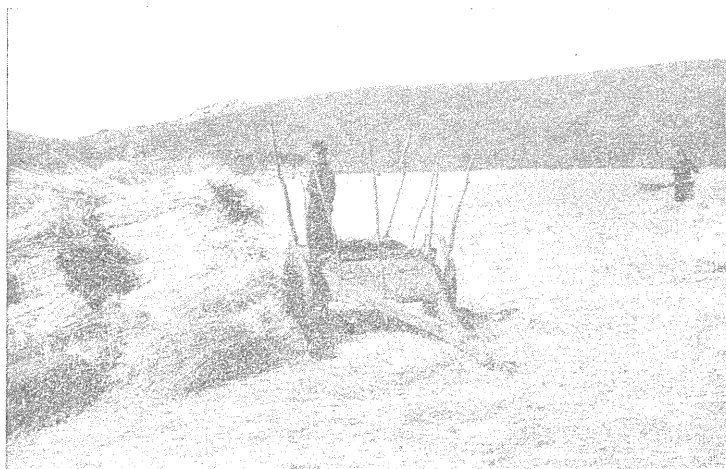


Fig. 27 — Rima de molhos de colmo prestes a serem carregados.



Fig. 28 — Na cobertura de colmo desta casa as partes mais claras são de colmo novo, entremeado e sobreposto ao velho escurecido pelas invernadas.

VÁRIA

A Lapa do Bugio (Necrópole pré-histórica da Azóia)

A Lapa do Bugio é uma pequena gruta natural com 9 m de comprimento por 5,5 m de largura máxima, situada na freguesia de Azóia, do concelho de Sesimbra, entre a vila do mesmo nome e o Cabo Espichel. Fica sobranceira ao mar, quase no alto da falésia calcária, com um desnível dos seus 150 m.

Foi descoberta em 1957 pelo Sr. RAFAEL MONTEIRO, arqueólogo por vocação. Desde então extraiu dela um valioso espólio, constituído por muitos ossos humanos e alguns de animais, várias placas-ídolos, ídolos cilíndricos, contas, cerâmica, instrumentos de pedra, etc., conforme nos diz num trabalho ⁽¹⁾ que publicou em 1959 de colaboração com o Sr. Dr. EDUARDO DA CUNHA SERRÃO.

Quase todo este material tem sido estudado, excepto os ossos, que se encontram, na sua grande maioria, no Museu Municipal do Castelo de Sesimbra e uma pequena parte no Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», da Faculdade de Ciências do Porto, cujo estudo já iniciei e espero prosseguir e ultimar.

Parece tratar-se duma gruta neo-eneolítica, dada a natureza dos achados e a ausência de metal.

Em meados de Outubro de 1962, com a dedicada colaboração e boa vontade do Sr. RAFAEL MONTEIRO e ainda devido à gentileza do Ex.^{mo} Sr. MÁRIO AUGUSTO TORRES ÁGUAS, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra, pudemos fazer uma escavação sumária na referida gruta.

A gruta está aberta na rocha calcária e apresenta esboçadas algumas estalagmites e estalactites. A boca da entrada é pequena,

(1) RAFAEL MONTEIRO e EDUARDO DA CUNHA SERRÃO, *Estação Isabel, Necrópole pré-histórica da Azoia*, Separata do I vol. das «Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia», Lisboa, 1959, páginas 407 a 429, 4 figs. e 3 estampas.

voltada a sul, está fechada por uma grade de ferro, mandada ali colocar pela Câmara Municipal, para evitar que a gruta sofra o vandalismo dos curiosos e dos pesquisadores de tesouros, de que já foi vítima.

A entrada na gruta faz-se com certa dificuldade. Tem que se entrar às arrecuas.

Iniciámos a escavação na zona que fica do lado poente e um pouco adiante da entrada. Preparávamo-nos para, de acordo com os preceitos científicos, escavar por planos e por medidas. Em breve, porém notámos que toda a terra já tinha sofrido vários remeximentos. Uns mais recentes, demonstrados por uma pequena pá e uma pequena vassoura que ali encontrámos, e outros seguramente mais antigos, pois os elementos que constituíam o espólio apresentavam superfícies de fracturas antigas.

É abundante o material osteológico. Infelizmente são poucos os ossos íntegros. Uma ou outra clavícula, algumas vértebras e alguns ossos do pé e da mão. Ossos longos não recolhi nenhum inteiro; porções maiores ou menores, mas por via de regra, pequenas. Uns ossos apresentam superfícies de fractura de bordos ou arestas vivas, noutros os topos das fracturas estão como que apodrecidos e são duma grande friabilidade. Encontramos várias placas-ídolos, umas intactas, outras já fragmentadas, ídolos cilíndricos, facas de sílex, pontas de seta, várias contas e muita cerâmica.

Uma escavação intempestiva feita por alunos duma escola secundária de Lisboa, os que certamente ali deixaram a pá e a vassoura a que já me referi, pode classificar-se com toda a propriedade de escavacção.

Havia, pois, que remover e crivar a terra desordenadamente remexida e amontoada na parte média da gruta, local que, em parte, havia sido já escavado pelo Sr. RAFAEL MONTEIRO (Ver fig. 2 do trabalho citado), segundo zonas bem marcadas e por estratos.

Dessa forma se procuraria encontrar a assentada primitiva isenta de remeximentos.

Ao remover essa terra deparámos com dois núcleos de ossos humanos que nos poderiam fazer pensar em duas tumulações, se não fosse o estado de desordem e de fractura em que se encontravam os ossos, bem como a cerâmica e até as placas-ídolos.

Toda a gruta sofreu vários remeximentos, excepto talvez a parte que se encontra no recanto do lado oeste, local onde parece existir a primitiva entrada da gruta.

Importa fazer uma exploração cuidada da gruta e estudar no seu conjunto todo o ossuário humano e animal ali encontrado,

para se poder avaliar o número aproximado de esqueletos humanos que ali foram depositados, suas idades, cronologia, suas particularidades, etc..

Em dois dias de trabalho, auxiliado pela colaboração dedicada e entusiástica do Sr. RAFAEL MONTEIRO e de dois auxiliares jornaleiros, só uma pequena parte da terra remexida, foi removida para o exterior e ali crivada. Há que escavar cautelosamente, sem pressas, com todo o cuidado, mesmo quando, como no caso presente, houve remeximentos anteriores.

Importa prosseguir e ultimar esta tarefa de limpeza, que levará alguns dias. Depois, encontrada a jazida primitiva e, talvez não revolvida, ao menos em remeximentos recentes, a escavação poderá fazer-se segundo a boa técnica. Espero poder fazê-lo na primeira oportunidade.

AGOSTINHO ISIDORO

Assistente Extraordinário da Faculdade de Ciências do Porto e Naturalista do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»

Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo)

Novos elementos

Mercê de explorações arqueológicas efectuadas no verão de 1962, pudemos colher novos elementos na Anta da Herdade da Coutada de Barros e na da Herdade da Crucieira, ambas pertencentes à freguesia e concelho do Crato. Tivemos ainda conhecimento da existência doutra anta na Herdade do Matinho, na Folha do Russo, na mesma freguesia, que esperamos visitar em ocasião oportuna.

Anta da Herdade da Coutada de Barros

No nosso trabalho *Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo)* (1), a páginas 7 e 8, fizemos a transcrição duma

(1) AGOSTINHO ISIDORO, *Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo)*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», Porto, 1962, 27 págs., 2 figuras e XII estampas com mais 29 figuras.

nota do fundo de página dum trabalho do Prof. MANUEL HELENO (1), em que este ilustre Professor diz ter tido conhecimento da sua existência, a 4 km do Crato.

Publicamos agora duas fotografias desta anta (Figs. 1 e 2). Para a encontrar basta seguir pela estrada Crato-Alter do Chão, e, ao chegar ao km 21,5, olhar para noroeste. Vê-se então a anta num pequeno cabeço despido de vegetação, à distância de uns 400 m. A oeste da anta, e muito próximo, passa o caminho que vai para o monte da Herdade do Murtal.



Fig. 1 — Anta da Herdade da Coutada de Barros
vista do lado sul

A anta teve inicialmente 7 esteios, dos quais ainda mantém 6, de granito de grão fino, algo conservados. O da cabeceira e o do lado norte, estão bastante inclinados para a câmara, especialmente o primeiro. Esta anta já não tem «chapéu». Os esteios têm de altura (na linha média), de largura (junto ao terreno) e de espessura máxima, respectivamente: 1-1,67 m, 1,06 m e 0,50 m;

(1) MANUEL HELENO, *Notas sobre algumas estações da época lusitano-romana*, in «Arqueólogo Português», Nova série, II, Lisboa, 1953, págs. 257-260.

2-1,70 m, 0,87 m e 0,33 m; 3-1,74 m, 1,60 m e 0,23 m; 4-1,74 m, 0,95 m e 0,70 m; 5-1,40 m, 0,95 m e 0,53 m e 6-2,25 m, 1,50 m e 0,17 m ⁽¹⁾. A altura e largura são medidas exteriores. Falta o esteio do lado sul.

A câmara tem a forma poligonal; diâmetro leste-oeste 2,40 m; norte-sul 2,90 m. Há ainda um resto de corredor voltado a leste,



Fig. 2 — A mesma anta da Herdade da Coutada de Barros vista do lado norte

com 2,45 m de comprimento e 0,58 m de largura. É constituído por quatro pequenas pedras; duas do lado sul e duas do lado norte.

Anta da Herdade da Crucieira

Na primeira prospeção arqueológica que fiz neste concelho, como referi, a pág. 9 do meu já citado trabalho, tive conhecimento da existência desta anta. Na carta que publiquei então, segundo informes colhidos, localizei-a a sul da estrada Crato-

(1) Os esteios existentes são indicados por algarismos, iniciando a contagem pela esquerda da porta, no sentido do movimento dos ponteiros do relógio.

-Portalegre. Posso agora rectificar que não se encontra a sul mas a norte da referida estrada, distante dela uns 1500 m, no local chamado Carvalhal, algo acidentado, e com bastantes azinheiras e carvalhos. Quem a quiser encontrar deve deixar a estrada acima indicada, no ponto onde está a Horta Nova e seguir na direcção norte a corta-mato.

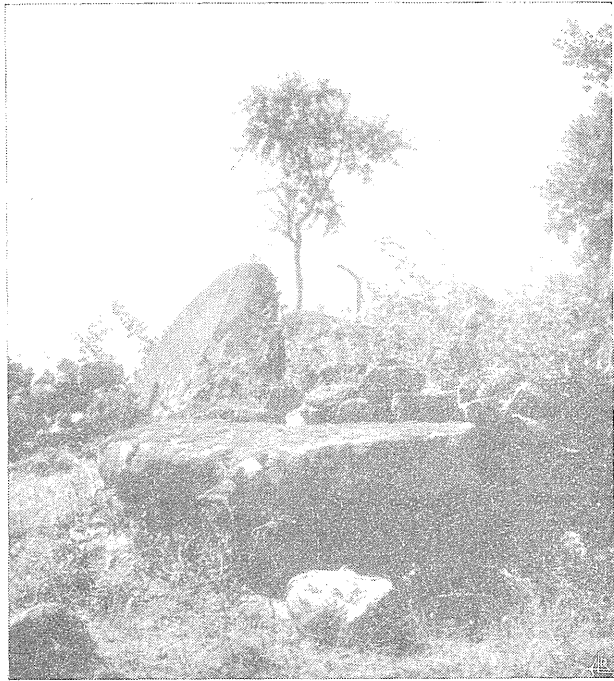


Fig. 3 — Anta da Herdade da Crucieira vista do lado norte

A anta está de tal modo atulhada e cercada por um amontoado de pequenas pedras, que para ali foram carreadas dos terrenos em volta, por causa dos trabalhos agrícolas, que não pudemos tirar quaisquer medidas. As fotografias (Figs. 3 e 4), mostram essas pedras em volta dos esteios.

Tem ainda os 7 esteios iniciais, de granito e bastante conservados. O esteio 1 é o mais robusto. A porta está voltada ao

nascente. Já não conserva «chapéu». Há uma pedra a norte, com 1,90 m de comprimento, 0,63 m de largura e 0,23 m de



Fig. 4 — A mesma anta vista do lado nascente

espessura, que muito provavelmente é um pedaço da mesa ou «chapéu» da anta.

Dentro da mesma, a sul, cresce uma chaparra (azinheira nova).

ÁGOSTINHO ISIDORO

Necrópole galaico-romana de La Lanzada

No areal da praia de Noalla fronteira ao mar de La Lanzada, mais ou menos a meia distância de Portonovo a La Toja, existe um importante núcleo arqueológico.

No promontório, chamado Campo de Lanzada ligado a um outro mais avançado onde está a igreja românica de N. Sr.ª de La Lanzada, o Museu de Pontevedra e a Comisaria Provincial de Escavaciones, dirigidos um e outra pelo Prof. Dr. FILGUEIRA VALVERDE, promoveram escavações que puseram a descoberto parte das ruínas dum velho povoado, considerado como um castro, que perdurou até ao baixo império.

As ruínas duma velha torre ou antigo farol, denominado correntemente torre fenícia, é outro elemento arqueológico situado junto do istmo que liga os dois promontórios por passagem estreita de cerca de 4 m de largura, a qual dá passagem ao caminho que leva à igreja referida.

A uns 150 m para leste das ruínas do castro passa a estrada para La Toja.

À borda dela, para a terra, foi descoberta uma necrópole, sem dúvida a mais importante da Galiza.

A ela havia antigas referências das quais as mais precisas são as do ilustre galego P.º SARMIENTO, patrono do Seminário de Estudios Gallegos, o qual registou terem-se ali descoberto em Outubro de 1754, muitos ossos e sepulcros.

No inverno de 1950 as águas pluviais puseram a descoberto restos duma velha parede. Essa circunstância casual aguilhoou a acuidade científica dos Professores SANCHEZ CANTON, SANTA OLALLA e FILGUEIRA VALVERDE que em notável conjunção de esforços promoveram a realização de escavações.

Há uns 10 anos tive o prazer de colaborar nessas escavações em companhia de FILGUEIRA VALVERDE e de GARCIA ALÉN, o dinâmico secretário do Museu de Pontevedra.

No último mês de Agosto, participei em mais uma campanha de escavações a convite do Patronato do Museu de Pontevedra, que tem como grande auxiliar D. JOSÉ FERNANDEZ LOPEZ, mecenas cuja grande fortuna tem notáveis paralelos com a sua generosidade, simpatia e simplicidade de trato.

Na semana escassa que estive em La Lanzada tive o gratíssimo convívio do Prof. BLANCO FREJEIRO catedrático de Arqueologia da Universidade de Sevilha e GARCIA ALÉN que dirigiram as escavações feitas por um grupo de alunos do 6.º e 7.º ano do Liceu de Pontevedra, onde GARCIA ALÉN é distinto professor e FILGUEIRA VALVERDE reitor consagrado.

Dois jornaleros, cuidadosamente adestrados em anos sucessivos de escavações naquela necrópole, auxiliaram prestimosamente os serviços.

Na campanha deste ano descobriram-se sete esqueletos que, depois de cuidadosamente fotografados, desenhados e estudados,

in situ, quanto às condições de posição e outras de maior ou menor interesse arqueológico — tudo é cuidadosamente observado e anotado — foram levantados e remetidos para o Laboratório Antropológico da Universidade de Barcelona para serem estudados pelo distinto antropologista espanhol M. FUSTÉ ARA.

A fig. 1 mostra dois dos esqueletos descobertos na campanha deste ano de 1962. Num e no outro vêem-se telhas que, quando do enterramento, foram postas debaixo da cabeça do cadáver, à maneira de traveseira.



Fig. 1 — Dois esqueletos descobertos na campanha de 1962, ambos com as cabeças pousadas sobre telhas.

A fig. 2 é um pormenor do pé do esqueleto do primeiro plano da fig. 1. Mostra uma fiada de tachas do calçado cardado com que o cadáver foi enterrado. A jazida é constituída por areia de grão fino. A maneira cuidadosa como a escavação era conduzida está bem demonstrada por esta fotografia que reproduz as tachas no seu alinhamento e regular espaçamento, conservadas na posição que certamente tinham nos sapatos ou socos com que o morto foi enterrado.

O espólio até agora descoberto nas campanhas dos últimos anos conserva-se no esplêndido Museu de Pontevedra e é constituído por vasos de cerâmica de vários tipos, vasos de vidro que

foram hàbilmente reconstituídos, grande quantidade de tachas com que era cardado o calçado com que foram enterrados os cadáveres, alguns cravos de ferro que pregariam as tábuas dos caixões, uma bela colecção de alfinetes de osso e moedas romanas; entre elas, algumas em bom estado de conservação, do tempo de Cláudio Gótico, Galieno, Licínio, Juliano II, Constantino II e Graciano, ou seja do séc. III e IV.



Fig. 2 — Pormenor do pé do esqueleto do 1.º plano da fig. 1, mostrando uma fiada de tachas do calçado com que o cadáver foi enterrado.

Há necrópoles similares no norte de Portugal, em Rio Tinto, Baião, Amarante, Vila Verde e Vila do Conde que foram estudadas por RICARDO SEVERO e JOSÉ FORTES e publicadas na «Portugália».

Uma particularidade da necrópole de La Lanzada é o facto, inédito para a Península, de quase todos os esqueletos nas sepulturas de inumação repousarem as caveiras sobre telhas. Encontraram-se também sepulturas de incineração.

São dignos de realce vários factos ligados a estas escavações. Um deles é a cooperação de esforços de SANCHEZ CANTON, SANTA OLALLA, FILGUEIRA VALVERDE, ANTONIO FREIJEIRO e GARCIA ALÉN que em notável continuidade de trabalhos, por anos

sucessivos, permitiu recolher abundante material de grande interesse arqueológico. O estudo deste material está a ser feito pelos dois últimos na parte arqueológica e por FUSTÉ ARA na parte antropológica. Num primeiro trabalho, *La necrópolis galaico-romano de la Lanzada (Noalla-Pontevedra)* por A. BLANCO FREIJEIRO, M. FUSTÉ ARA y GARCIA ALÉN, «Cuadernos de Estudios Gallegos», Fasc. II, Año 1961, Madrid, 1961, págs. 141 a 158, 5 figs. e VI Ests. com mais 17 figs., os AA. dão conta de alguns resultados preliminares. Outro facto a assinalar; a generosidade de D. JOSÉ FERNANDEZ LOPEZ que tem subsidiado amplamente as escavações e o Museu de Pontevedra.

A cooperação dos alunos dos últimos anos do Liceu de Pontevedra que, sob a direcção de FILGUEIRA VALVERDE, ANTONIO FREIJEIRO e GARCIA ALÉN, vi trabalhar com grande dedicação e perfeito acerto é também circunstância que sobressai no conjunto de dedicações, coordenada cooperação, e ajuste de trabalhos, que em anos sucessivos tem permitido levar por diante as notáveis escavações de La Lanzada. Exemplo a seguir.

SANTOS JÚNIOR

O Castro de S. Vicente da Chã (Barroso)

A Empresa Hidro Eléctrica do Cávado (HICA) está a construir no rio Rabagão a barragem dos Pisões. A albufeira desta importante barragem irá submergir em parte um cabeço onde existe um castro.

Tive disto conhecimento e dirigi-me à HICA.

Prontamente, e numa solicitude cativante, se combinou uma visita ao castro em 18 e 19 de Setembro.

Com o Assistente Lic. Agostinho F. Isidoro e na companhia do Sr. Dr. Carlos da Silva Lopes, chefe dos Serviços do Contencioso e Expropriações da HICA e Conservador Adjunto dos Museus Nacionais visitamos o castro de S. Vicente da Chã, na margem direita do Rabagão, em termo da freguesia do mesmo nome, concelho de Montalegre, e situada entre Travassos da Chã e S. Vicente da Chã.

Visitámos também o «Castro do Monte dos Castelos» que fica fora da região inundada pela albufeira, ao deslado, e muito perto, da barragem, para o lado sul, no lugar de Perafita, freguesia de Veado, concelho de Montalegre.

O castro de S. Vicente da Chã fica num cabeço abraçado na maior parte da sua extensão pelo Rabagão. É um castro relativamente pequeno. No lado noroeste é patente um alinhamento da muralha numa extensão dos seus 70 a 80 m, a que se segue na encosta uma espécie de degrau ou plataforma onde algumas fiadas de pedras, que se vêem aqui e ali, devem corresponder a restos de casas circulares.

À superfície apanharam-se bastantes fragmentos de cerâmica, granosa e micácea, de várias espessuras e colorações. Cerâmica castreja típica.

Particularmente interessante é uma escavação ovóide, com a profundidade de cerca de 40 cm e tendo de boca 71 cm \times 80 cm, aberta no encontro de duas superfícies uma mais ou menos horizontal e a outra vertical, superfícies feitas a pico num rochedo de xisto.

À escavação sistemática dum castro tem sempre interesse, e é de crer que a deste forneça elementos de certa valia para o estudo da cultura castreja trasmontana.

Por isso é digna de registo, e de louvor, a atitude da HICA em subsidiar escavações a fazer naquele castro.

Para uma primeira campanha projectada para o verão de 1963 a Empresa votou uma verba de 5.000\$00 esc., concedida à Sociedade Portuguesa de Antropologia, comunicada em officio de 21 de Setembro de 1962.

A escavação que se pensa fazer permitirá explorar uma ou outra zona do castro. Os resultados dirão se valerá a pena prosseguir em novas campanhas.

SANTOS JÚNIOR

O porco na Etnografia Ibérica

(Subsídios)

Na Etnografia ibérica e, particularmente, na lusitana, há um elemento vivo de grande importâcia — o porco — quer seja na forma doméstica quer na selvagem.

Estes dois estados permitem que um deles — o da forma selvagem — atinja a culminância de «divina» com a qual é aconselhável estar em boas graças. As diversas figuras de *porco*, que

a cada passo se encontram, são, sem dúvida, os vestígios dum culto muito peculiar às regiões do Norte, incluindo a Galiza.

Há nas inscrições Peninsulares recolhidas por HÜBNER, quer no *Corpus* (vol. II), quer nos *M. L. Ibericae*, frequentes referências ao porco — quer doméstico, quer selvagem — que, por não terem sido devidamente esclarecidas, nunca foram postas em evidência.

Ainda que não seja meu intuito fazer qualquer estudo sobre o porco, vou, contudo, destacar algumas inscrições que podem servir a quem o desejar fazer em profundidade.

I

Como divindade ligada a *Marte*, numa das suas metamorfoses, a de javali, para matar *Adónis*, vd. a inscrição de *Tuy* (Cf. *Relig. da Lusit.*, v. III, págs. 6-7, e a correcção posterior de F. BOUZA-BREY in *Rev. de Guimarães*, vol. LXII, n.º 1 — 1953, págs. 140-144).

MARTICAPRIOCIECO

Marti κάπρισι(ά)-eco.

V. *A Marte, na divina forma de javali.*

de κάπριος + σιά + o sufixo ibérico — eco (dat. de *ecus*).

II

Inscrição de *Lourizán*, Espanha, referida por F. BOUZA-BREY como *VESTIO ALONIECO*, *deidad galaica* (in *Arch. Esp. de Arqueologia*, 1946, pág. 110).

VESTIOALONIECO

ὑες τῶ ἄλωνι — eco (dat. de *ecus*).

V. *Os porcos que eu adore no halo luminoso (no sol).*

O ilustre Arqueólogo dividiu o conjunto em duas partes apenas — *vestio* + *aloniéco* —. Eu fragmentei-o em quatro partes, ou seja, o que está acima: — VES TIO ALONI ECO em que o último elemento é o sufixo ibérico de adjectivação, *eco*, dat. de *ecus*.



III

A inscrição a seguir é de Beiriz (Cf. *Póvoa de Varzim*, «Boletim Cultural», ed. da C. M. da Póvoa de Varzim, vol. II, n.º 2, 1959 — págs. 201-208).

VIEANI
 ΔVSIBN
 DVIOCCLE

.....

βίη ἀντα ὡσι βάν δότις κλη[ρος].

V. *O emprego da força e o cuidado com os porcos — pesada herança — foram-se (acabaram).*

Não sei se as três linhas que aqui destaquei, correspondem a uma divindade polinómica ou não; fundamenta-se esta dúvida na falta do sufixo ibérico. Daqui poderá inferir-se que não seja divindade, mas apenas um voto feito por um liberto chamado *Cornelio* que passou a vida a forçar porcos, na matança.

IV

A inscrição seguinte onde se fala, sem dúvida, de porcos bravos, é a célebre inscrição de *Lamas de Moledo*, referenciada pela primeira vez em 1630, por MANUEL BOTELHO RIBEIRO PEREIRA (Cf. *Diálogos Moraes, Históricas, Políticas*, etc. Viseu, 1630, Cap. XVI, folha 83 v. e folha 85; manuscrito existente na Biblioteca M. do Porto).

Depois deste, falaram dela, o cónego JOSÉ DE OLIVEIRA BERARDO, em 1857; a seguir HÜBNER e GURLITT. Em 1935, HERNANDO BALMORI (Cf. *Emerita*, tom. III, 1935, págs. 77-119) faz um longo estudo com frágeis conclusões e, por último, o autor destas linhas que aproveita a circunstância para fazer algumas correcções sem desprezar os pontos.

.....

VEAMNICO.RI
 DOENTI

ANC · OM
 LAMATICO · M
 CROVCEAIMAC · A
 REAICOI · PETRANIOIT —
 ΔDOM · PORCOMIO · VEAI
 CAELOBRICOI ·

βίαν νικῶ· ῥιδῶ ἦν τι ἀγκῶν·
 λαματικῶν· χρωῶ οὐ χέαι μάχα·
 ῥέα ἴ χοί· πετρῶνιοι τ' ἄδον·
 πόρκων ἰῶ· βίαι κηλοθρίκοι·

- V. *Eu domino a força que consolide!*
Se algum dos audaciosos dos vales
não deixar cair a pele facilmente,
por si, no combate, então os importunados
pelas pedras com boa razão grunham:
— As forças para um só dos porcos,
ó cidadãos dos dardos! —

V

A inscrição seguinte é de achado muito recente. Foi descoberta em 1959 pelo Prof. Dr. ADRIANO VASCO RODRIGUES, no *Cabeço dās Fráguas*, Serra da Estrela, próximo da Guarda, numa enorme «bola» de granito conhecida por «Pedra da Moira».

No local há vestígios dum *crasto*. Desta inscrição deu sumária notícia, em 1959, na revista *Beira Alta*. Em 1960, na mesma revista, apresentei a sua interpretação que é, aproximadamente, a que aqui se exhibe:

OILAM · TREIOI · AU ·
 INOI · PORCOM · LAMBO ·
 COMAI AM · ICCONA · LOIM
 ΙΑΙΝΑ · OILAM · VSSEAM ·
 TREIII · AVNE · INOI · TAVROM
 APAΘEM
 REVSEIM

οἱ λᾶν τρεῖ οἱ αὖ ἴν' οἱ πόρκων λᾶν βῶ
 κόμαι ἄν ἴσχον ἅ λοιμῖα ἴ
 νᾶ οἱ λᾶν ὕς σ' ἐᾶν τρεῖ ἐ αὖ νῆ
 ἴν' οἱ ταυρῶν ἀπαθῆν ῥεύσειν·

- V. *Até que ponto receia ele olhar? Até que ponto pois,
para eu ter de ir com ele olhar o porco,
se as folhagens impedem? A peste corre por si própria!...
Até onde o javali te deixar olhar, então, sim, receia-o,
porque mudando-o em touro não sofre haver de correr!*

VI

A inscrição seguinte é de *Arroyo del Puerco*, Espanha, e foi recolhida por HÜBNER (*C. I. L.*, II, 739) sem porém, a interpretar.

ḄOEMINA · INDI · ENV
PETANIM · INDI · AR
IMOM · SINTAMOM
INDI · TEVCOM
SINTAMO

βῶ; ἔμ[ε]ἰνα [ε]ἰν Δι
ἦν οὐκ ἦτ' ἄν ἰν
[ε]ἰν ἀρ' ἰμ' ὄν
σ' ὄν ταμῶν [ε]ἰν Δι
τεύγον σ' ὄν ταμῶ!

- V. *Que eu vá?
Fiquei! Com o poder de Zeus estava!
De maneira nenhuma estarieis para si, com o poder de Zeus!
Será que te mutilando o porco, realmente, com o poder de
Zeus, fabricavam a cobertura?
Que eu te mutile o porco!*

VII

Esta outra inscrição é da mesma região da anterior — *Arroyo del Puerco* — e apresenta-se com as mesmas características. Foi também recolhida por HÜBNER. Já foi por mim discutida e, para isso, acrescentei-lhe substância na suposição de que apenas continha as raízes das palavras. Depois de publicada, confrontando-a com a anterior, pude verificar que a substância existia completa no corpo da inscrição sem necessidade de quaisquer acrescenta-

mentos e que ambas as inscrições tinham analogias e, ainda, que possivelmente, uma, seja complemento da outra.

AMBATVS
 SCRIFS
 CARLAE PRAISOM
 SECIAS · ERBA · MVITIE
 AS · ARIMO · PRAESO
 NDO · SINGEIEYO
 INI · AVA · INDI · VEA
 VN · INDI · NEDAGA
 ROM · TEVCAECOM
 INDI · NVRIM · I Γ Γ
 VDEIEC · RVRSE: :CO
 AMPILVA
 INDI

Ambatus scripsi

Κάρ λάε πρα[ε]ϊ σῶν σε κ[ε]ϊ ἄς
 ἤρ βᾱ μῶι τι ἕας ἀρ'ίμῶ
 πραε[ι] σῶν; δῶ σῶν γῆ εὐοίη[ε]ϊ
 αὖ ἄ [ε]ϊν Δι βία σῶν [ε]ϊν Δι
 νῆ ὄζγα ρῶν τευχάεκων
 [ε]ϊν Δι νοῦ ρῶν I Γ Γ
 ὕδει ἐκ ρ'ούρ[ε]ϊ σε: :
 κῶ; ἀμπίλου ἄ [ε]ϊν Δι!

V. *O Cário olhava.*

A Primavera, com o calmante das aves que cantam, chegou, tanto que tens vontade de te estender.

Porque estavas? Por causa do rato?

Será que tiro água do poço com o calmante das aves que cantam?

Que ele te possa dar o porco com a terra!

Ela produzia então bom vinho, ao mesmo tempo com o poder de Zeus?

À força?

Como se disse, com o poder de Zeus; sim, por causa da manha dos fluxos de ventre a preparar recusa.

Para si próprio, com o poder de Zeus em pensamento, o dó, ré, lá, canta, depois, urina-te, com certeza.

Como?

Em cima da cobertura, juntamente com o poder de Zeus!

VIII

Remato estes breves subsídios com uma inscrição bastante curiosa gravada em caracteres arcaicos ibéricos em escrita retrógrada.

É de *Sierra de Gados*, Almeria, Espanha, e foi recolhida por HÜBNER, nos *M. L. Ibericae*.

Pelo que se verá, é um precário de alveitar, em relação com serviços diversos a prestar na assistência à espécie porcina. Os preços são quatro e vão gradualmente diminuindo na proporção do menor serviço reclamado. As linhas vão numeradas para a conseqüente referência:

|||||↑}⊗#ϕϖϑχμζο⊗⊗ϖ⊗ν49οΔΙ — 1
 |||||↑}⊗#ϕϖϑχμζο⊗#ϕ⊗↑↑ομϒ — 2
 ||||↑}⊗⊗ϕϖϑχμζο⊗#ϕ⊗↑↑⊗Ε — 3
 #νϖ⊗#⊗ο}ωχβ⊗⊗⊗⊗⊗⊗ξ↓||| — 4

(A linha 4 está invertida).

- 1 — ἰδὼ ρεῖ' ὕεῖα ὦν στῆ ἀὶ ἄνῃ: — θ'...
- 2 — φῶ ἦ πῆ (ou πῆ) εἰ ὦν στῆ ἀὶ ἄνῃ: — ς'...
- 3 — ἔα ἦ πῆ εἰ ὦν στῆ ἀὶ ἄνῃ: — δ'...
- 4 — ἦ' ἐπὶ ἰὼν στῆ ἀὶ ἄνῃ: — γ'...

A versão correspondente aos numerais, seria :

1 — «Que eu examine sem dificuldade a espécie de porcos que, depois disso, se ponha de pé; cada vez, execução: 9...?»

2 — «Que eu limpe (ou esfregue) ou, de qualquer maneira, desde que, depois disso, se ponha de pé; cada vez, execução: — 6...?»

3 — «Pretende desistir ou, de qualquer maneira, desde que, depois disso, se ponha de pé; cada vez, execução — 4...?»

4 — «Havendo de voltar lá, a seguir, depois que se ponha de pé; cada vez, execução: 3...?»

Suponho que este seja o documento mais antigo sobre alveitares, pelo menos na Península Ibérica.

Com esta termino aqui este pequeno rol de inscrições Peninsulares onde se faz referência ao porco.

ROGÉRIO AZEVEDO

Prof. da Escola Superior de Belas-Artes
do Porto e do Cons. Director da S. P. A. E.

Etnografia Açoriana

Nótulas de viagem

Arribanas

Na Ilha de S. Miguel o milho é secado em secadouros do feitto de pirâmide seccionada e prolongada (a foto dá clara ideia do formato), denominados *arribanas* (Est. 1, fotos *a* e *c*) e semelhante aos usados no baixo litoral do Entre Douro e Minho e na Maia, para arrumar a palha milha, onde se chamam *cabanas*.

Em Ponta-Garça e Vila Franca do Campo, e todo o sudoeste, as hastes (hoje de criptoméria), são pregadas e ajustadas pelos topos.

Na Povoação Faial e nordeste, são atadas de cruzeta, com vergas.

A palha é guardada com a espiga.

Palha e espiga são retiradas à medida das necessidades, e a espiga é então *ralada* numa pedra de basalto igual às tábuas de lavar do continente. A foto da Est. 1, fig. 1 *f*, mostra bem o trabalho.

Em Santa Maria chama-se *cafua* à arribana.

Vacas à corda

As pastagens, as maravilhosas pastagens das formosas, úberes e ferazes colinas da Ilha — são cortadas de quadriláteros irregulares, cada um seu *pasto*, separados por pequenos taludes de terra batida, chamados *bardos*, forrados a hortenses (aqui denominadas *novelões*). Pastagens bravas, incultas, que se surribaram

à picareta (hoje a *bulldozer*) e se fertilizam anualmente com cobertura de adubo químico.

As vacas andam presas pela pata traseira a uma corrente de ferro (Est. II, fig. 2, *e*) de cerca de 3 metros que se prende a uma *estaca*, e esta é espetada no chão com um mascoto pesado de madeira.

De manhã e à tarde o pastor vai «dar corda à vaca» — e dá-lhe mais 3 metros de espaço para ela ir pastando a seguir.

É típico e do mais belo efeito cenográfico, a panorâmica dos montes recortados como mapas em relevo, e nos pastos, sua *linha* de cinco e seis vacas em cada (Est. II, fig. 2, *a*).

Aguilhada

O gado (vacas) da Ilha é tangido por vara de dimensões *ad. lib.* mas geralmente fina, e de 3^m,20 de extensão. As fotos da Est. II, fig. 2, *b*, o indicam com nitidez, pela proporção com o pastor. Na ponta um pequeno aguilhão metálico. A junta de vacas do carro, que *não usam sogas*, é chamada à voz e com a *aguilhada* tocando ao de leve o dorso dos animais. Uma foto do preciso instante do chamamento, indica claramente a operação (Est. II, fig. 2, *c*).

Na Bretanha usam aguilhadas trabalhadas de alto valor etnográfico, com embutidos — e até de pau-santo.

Albardão

Os cavalos (garronotes) da Ilha são cavalgados em albardões de espadana (*Phormix tenax*) entrançada (Est. I, fig. 1, *b*). Esta planta foi introduzida na Ilha por antepassado do actual Visconde de Botelho, que a trouxe da Nova Zelândia onde foi refazer a fortuna que esbanjara na ilha natal. *Montam de lado, à amazona* (Est. I, fig. 1, *d*).

Conteiras

São as esferas de latão com que o gado da Ilha de Santa Maria anda embolado, tal qual as *chocas* (cabrestos) do Ribatejo. Custam 7\$50 actualmente.

As da foto da Est. II, fig. 2, *d*, são do gado do Presidente da Câmara Municipal, e seu boieiro é José Soares de Braga Almagreiro.

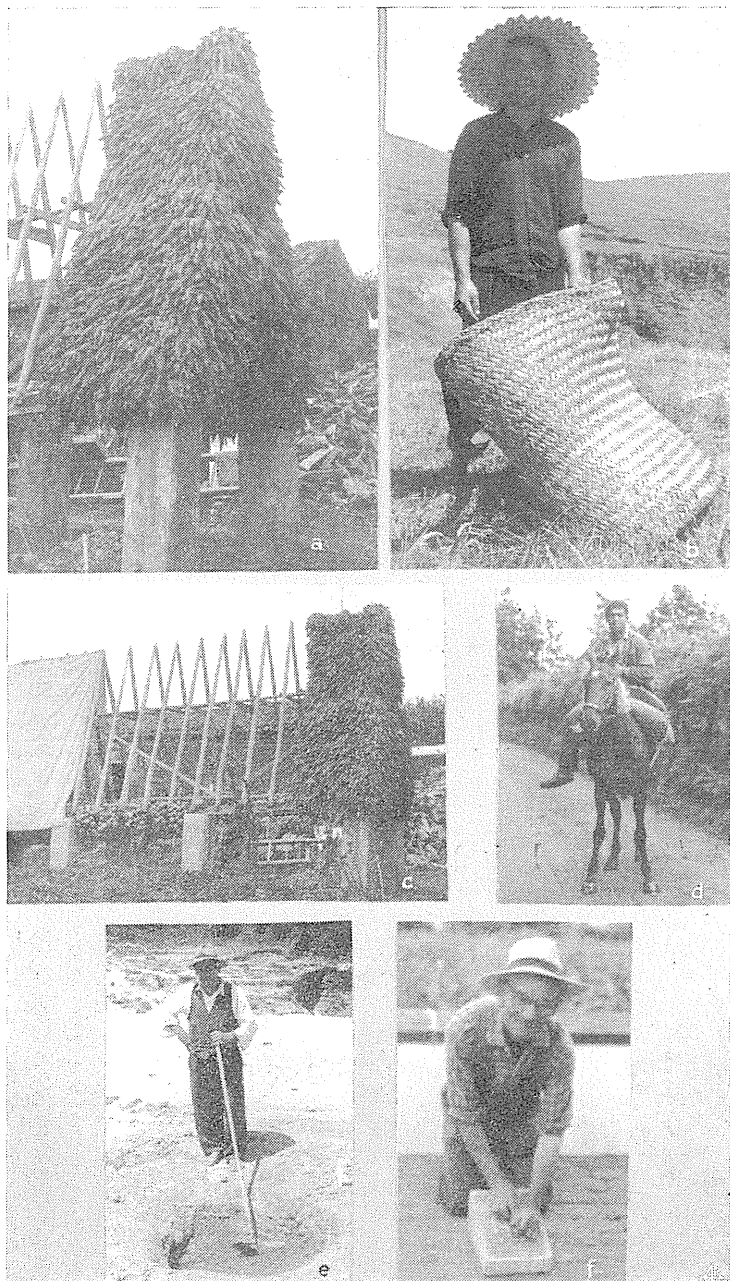


Fig. 1 — *a e c*, arribanas; *b*, albardão; *d*, cavalo montado à amazona; *e*, cova aberta na lama da furna para cozinhar galinha ou bacalhau; *f*, pedra de basalto para «ralar» a espiga de milho.

Fotos do Autor.

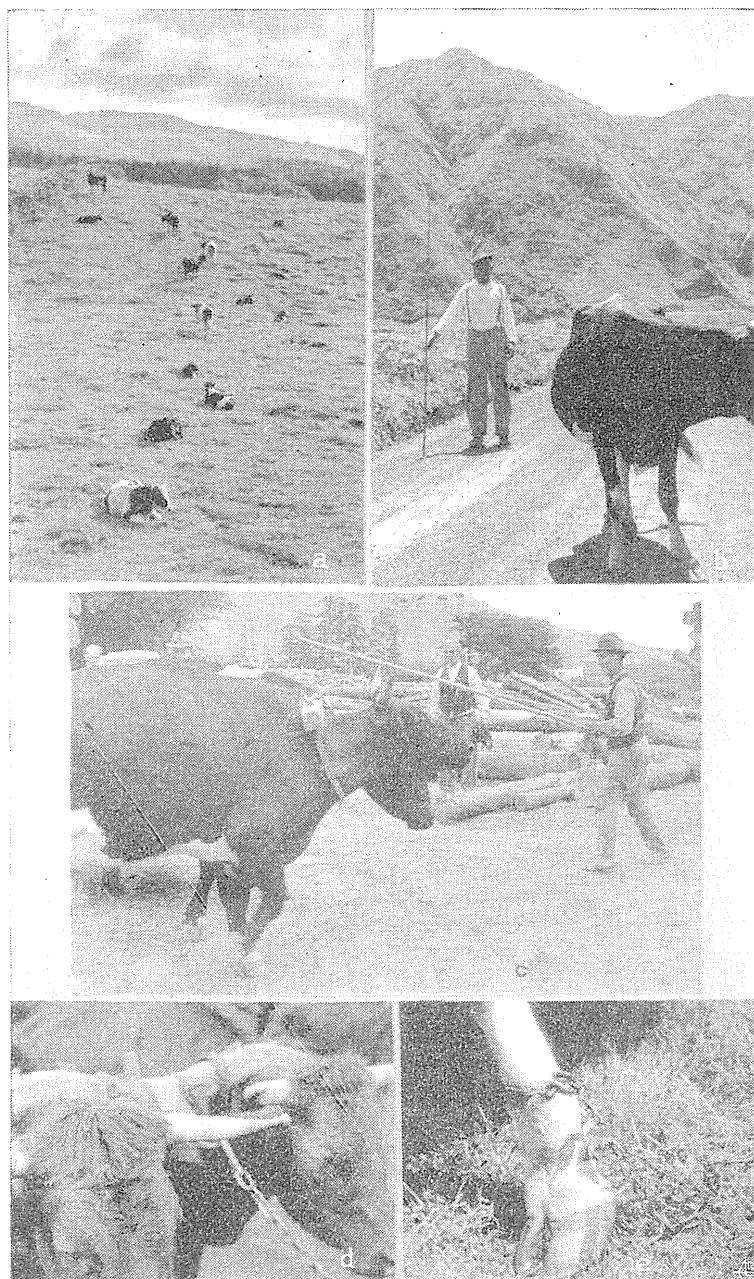


Fig. 2 — *a*, linha de vacas no pasto; *b*, pastor empunhando a aguilhada; *c*, vacas chamadas com aguilhada; *d*, conceiras; *e*, pata de vaca com a corrente de ferro que a prende.

Fotos do Autor.

Peneira

Na Ilha de Santa Maria, fazem-se peneiras cujo fundo (crivo) é de pequeninos troncos cilíndricos paralelos, de junco, justapostos.

Culinária

Nas *furnas* junto à Lagoa das Furnas, na Ilha de S. Miguel, cozinha-se esplêndido bacalhau e galinha, colocando-se a galinha num saco de pano sarjado e este dentro de outro de serapilheira grossa enterrados sob um meio metro de lama da própria furna que é de domínio e uso público; e o bacalhau, numa panela fechada. O bacalhau está lá *três horas* e a galinha *cinco*.

Cava-se com enxada, enterra-se a sacaria, e, passado o tempo da receita, volta-se a escavar (Est. I, fig. 1, e).

A foto mostra a operação da escavadela final.

CONDE D'ÁURORA

Vindimas no Minho e escadas de vindima (1)

(Nota etnográfica)

De todos os serviços de lavoura portuguesa, um dos mais típicos e alegremente executados é o das vindimas no Minho. Quase não pode chamar-se à vindima minhota um *trabalho*, mas sim uma verdadeira festa dionisíaca, movimentada, colorida e álaque, na qual participam homens, mulheres e crianças, numa faina onde todos colaboram, sob o sol já menos ardente dos começos do Outono, numa atmosfera límpida e tranquila, vibrando apenas com os gritos constantes dos vindimadores, a chamarem as mulheres pertencentes ao casal, ou as jornaleiras contratadas para o despejar das cestas abarrotadas de uvas.

Os homens colhem os cachos sumarentos e bem maduros; as mulheres correm céleres, aos berros do «*torna, torna!*» dos vindimadores, e despejam rapidamente nos cestos as uvas contidas nas pequenas cestas da recolha, que os lavradores, empoleirados no cimo das escadas arrimadas aos choupos e cerejeiras, descem

(1) Comunicação apresentada em 5-IX-1962, no Instituto Superior de Agronomia, à 11.ª Secção das «Jornadas Vitivinícolas».

lá do alto, por meio de uma corda com um gancho de ferro na extremidade, a prender à asa da cesta; as crianças e mulheres idosas, que não aguentam à cabeça, num vaivém constante, como as moças novas e robustas, os pesados cestos de uvas, na condução para o lagar ou para a dorna colocada perto, no carro de bois, que por sua vez as levará ao lagar — essas, apanham os bagos que, ao cortar apressado dos cachos, se desprendem e salpicam o chão de reluzentes contas negras.

E todo este formigueiro humano se move, corre, grita, chala-ceia e ri alegremente, apesar do enorme esforço físico que tão árdua tarefa exige, o dia inteiro.

A nota que imprime carácter especial à vindima minhota, essa festança báquica dominada pela alegria dos moços e das raparigas casadoiras, fortes e sadias, ostentando os seus lenços de cores berrantes e pontas cruzadas sobre os seios túmidos — resulta especialmente de o sistema de cultivo da videira ser o chamado «de enforcado», e não a vinha rasteira, como no Douro e em quase todas as outras regiões vinhateiras portuguesas.

A videira que produz o acidulado vinho verde, resultante da mistura adequada das castas borraçal, asal, espadeiro e tinto ou vinhão, cresce abraçada à árvore que a segura, e, trepando até o alto das cerdeiras, negrilhos, choupos, castanheiros e carvalhos, podados à feição para esta finalidade, exige processos de tratamento, bem como a colheita das uvas, inteiramente diferentes dos que se praticam nas vinhas baixas.

Na vindima do Douro, por exemplo, é em geral a mulher quem colhe as uvas, e o homem quem as leva nos cestos, ao lagar. A forma dos próprios cestos e a maneira de os conduzir são diferentes. No Minho, pelo contrário, é sempre o homem quem colhe e a mulher quem conduz; a razão desta diferença está no facto de a mulher não dispor da força suficiente para deslocar, de árvore em árvore, as grandes escadas de vindima, que chegam a ter 15 metros de altura, e também, de certo modo, porque a moral correria perigo se as moças subissem ao alto dessas escadas e os rapazes andassem por baixo, apreciando naturalmente o agradável *panorama* da plástica oculta, que nesse caso lhes seria revelada (Fig. 1).

Mas nem todos os vindimadores têm a prática suficiente para deslocarem, com desembaraço e perfeitamente equilibradas, essas altas escadas que, ao menor desaprumo, não há possibilidade de segurar e tombam pesadamente, quebrando-se no solo. Os homens que movem com firmeza, erguidas a prumo, as mais compridas, com 20, 25 e até 30 degraus, têm vaidade nisso. O próprio trabalho da colheita das uvas e da poda das árvores e videiras,

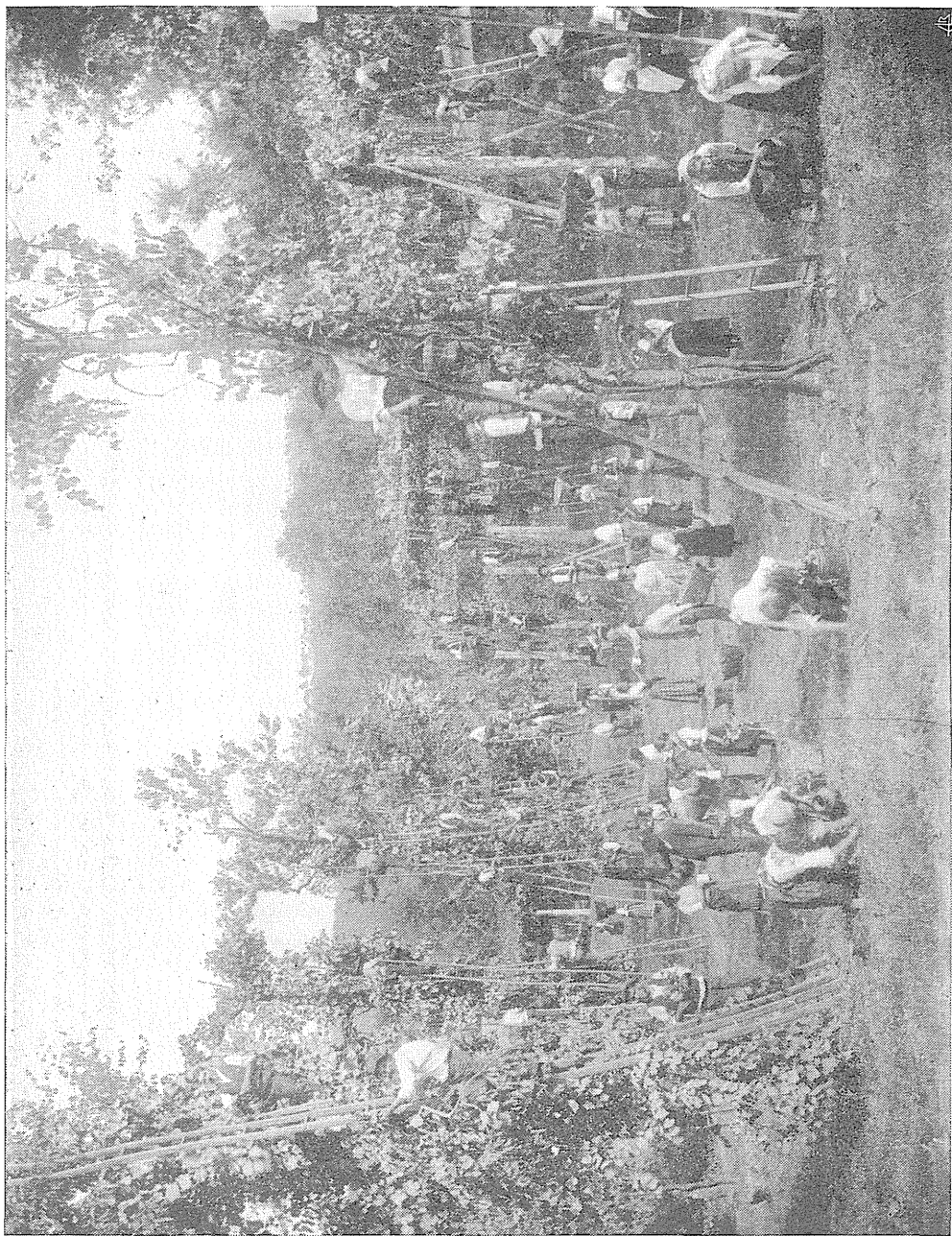
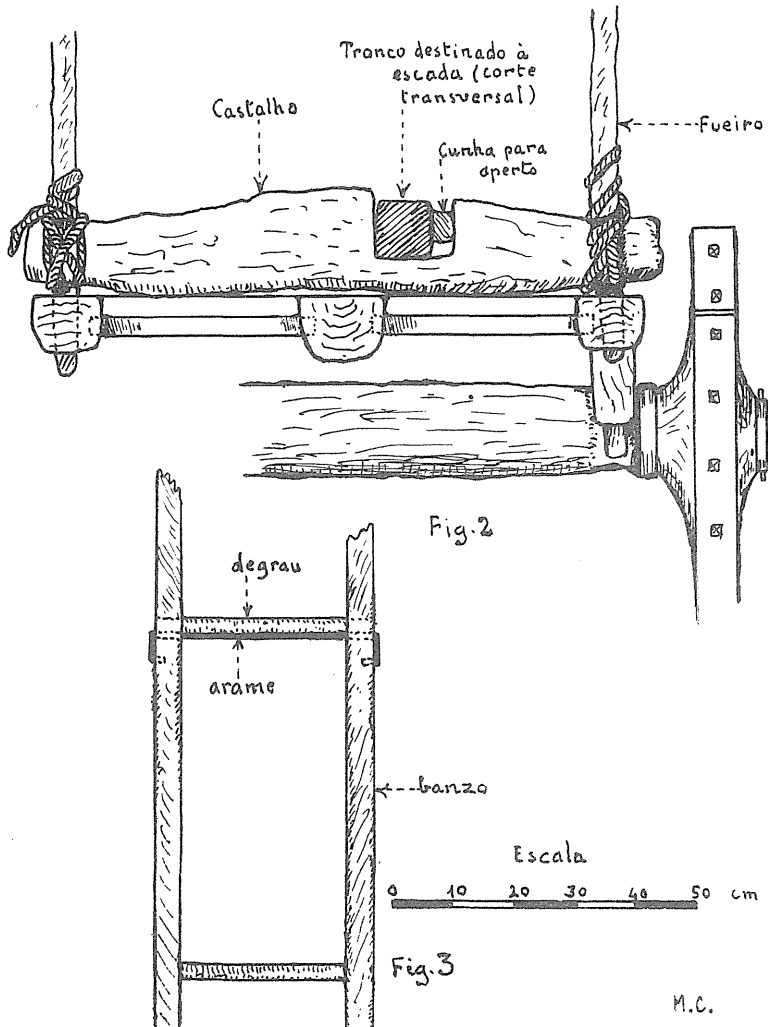


Fig. 1 —Vindima na aldeia minhota de Corvite, do concelho de Guimarães.

feito, como é, subindo a essas escadas, se torna arriscado, e não raras vezes o lavrador é vítima de quedas desastrosas e mortais. Dizia-nos, há bastantes anos, um ilustre oficial da nossa marinha



de guerra que os mancebos apurados para o serviço da Armada que mostravam maior agilidade e segurança na subida aos altos mastros das fragatas de instrução eram precisamente os oriundos não da beira-mar, mas do interior do país, muitos deles minotos

que nunca tinham visto o mar. Possivelmente influiria nesta qualidade de não sentirem a «vertigem das alturas» a prática de andarem frequentemente, no trabalho agrícola habitual, empoleirados nas árvores de videiras.

Geralmente é o próprio lavrador minhoto quem fabrica estas escadas de vindima. Nessa operação dispensa o artifice carpinteiro. As madeiras vulgarmente empregadas são o choupo ou o eucalipto; este é um pouco mais pesado, especialmente quando ainda mal seco; o choupo é mais leve, mas, se apanha chuva, torna-se bastante pesado.

Cortada a árvore, de tronco alto, bem direito e pouco grosso, que há-de servir para fazer a escada, a primeira operação que o pau sofre é a do *aparelhar*, isto é, o seu esquadramento mais ou menos perfeito, praticado com a machadinha de mão.

Seguidamente, fazem-se, com um trado, ao longo do tronco, os furos de cerca de 2,5 cm de diâmetro, para o encaixe dos degraus, a distâncias regulares de 55 cm uns dos outros.

Procede-se depois à serragem do pau, em duas metades iguais no sentido longitudinal, que darão os dois lados paralelos da escada (*banzos*). Utiliza-se para o efeito uma serra própria (*serrinha*), que um só homem maneja com facilidade; mas, para isso, é evidentemente necessário que o tronco esteja bem firme; é então preso (*encastalhado*) pela parte mais grossa, da base, que será também a base ou o pé da escada, a um madeiro chamado *castalho*, contendo um corte quadrangular, onde fica sujeitada, com uma cunha, a extremidade do tronco. A outra extremidade, a ponta, fica apoiada livremente em qualquer banco ou caixote. Por sua vez, o *castalho* é fixado fortemente, com uma corda, à parte traseira do carro de bois (Vide fig. 2).

Depois de serrado o pau em duas metades (*banzos*), são estas bem alisadas à plaina, para não deixarem farpas que possam ferir as mãos do homem que mais tarde maneará a escada.

Falta então apenas encaixar os degraus nos respectivos buracos abertos nos banzos, e travá-los nas extremidades, pela parte exterior, com cunhas de madeira. E, para que o conjunto se mantenha sempre unido e firme são ainda colocados, de dois em dois degraus, ao longo da parte inferior de cada um, arames cujas pontas dobram e se cravam no lado exterior dos banzos (Vide fig. 3)

MÁRIO CARDOZO

Presidente da Sociedade de
Martins Sarmento—Guimarães

Canto do manjaricão

No trabalho *Malha do cereal na Cardenha e coro dos malhadores*, que fizemos de colaboração com os Srs. P.^o ANTÓNIO MOURINHO e Maestro AFONSO VALENTIM (Sep. da revista «Douro Litoral», n.º VII-VIII da 6.^a série, Porto, 1955, 19 págs. e 17 figs., a pág. 10 dissemos ser de regra que as mulheres, ao *acanhoar*, cantem o manjaricão. O certo é que não só as mulheres o cantam mas toda a gente, homens e mulheres, em trabalho na eira, o que lhe dá carácter de verdadeiro coro.

Lento

Na altura da nossa ida à Cardenha não se pôde colher a música do *canto do manjaricão*. Ali voltei no ano seguinte, 1956. Com um aparelho de registo sonoro colhi a música em fita electromagnética. Mais tarde o Sr. JOSÉ NEVES, distinto professor do Conservatório de Música do Porto, ouvindo o nosso registo, escreveu a música que agora se publica.

Esta canção foi-nos cantada em 1956 pela Sr.^a Maria Veríssima, que devia ter a linda idade dos seus 80 anos e estava ainda bem conservada e com uma linda voz.

Qualquer quadra serve para o *canto do manjaricão*, porém no nosso trabalho acima referido indicamos 3 quadras como as mais correntes naquela canção. São as primeiras da série que agora ampliamos com mais quadras alusivas ao manjaricão.

I

O *manjaricão* é mimo,
Eu também já fui mimosa.
Se não estivesse ofendida
Não me *amostrava* queixosa.

VI

Manjaricão da janela
Regadinho com vinagre,
Nem eu era do teu gosto
Nem tu da minha vontade.

II

Ai Jesus que assim faz calma
Na eira aos malhadores:
Quem fora ramo de murta
Qu'assombrara o meu amor.

VII

Manjaricão miudinho,
Já meu peito foi teu vaso,
Já tendes novos amores
Já de mim não fazeis caso.

III

Manjaricão da janela,
Já te podes ir *sequendo* :
Já morreu quem te regava;
Eu já me vou *enfadendo*.

VIII

Manjaricão miudinho,
Dá-me a tua mão p'ra subir,
Eu sou muito vergonhoso,
Pela porta não hei-de ir.

IV

Junquinho verde, ouvi-me,
Manjaricão, escutai-me,
Rosa branca, respondi-me,
Amor-perfeito, falai-me.

IX

Manjaricão miudinho
Posto no vaso do rei,
Tira de mim o sentido
Qu'eu de tí já o tirei.

V

Manjaricão da janela
Não dá cheiro nem semente,
É como a língua da mulher :
Quanto mais fala mais mente.

X

O *manjaricão* é triste,
Alegre quando tem flor.
Logre quem te lograr;
Triste de mim se não for.

Com estas quadras, ou quaisquer outras, entoam a *canção do manjaricão*, cantada quer só pelas mulheres quer por toda a gente, homens e mulheres, em trabalho na eira.

O manjaricão é cantado ao *acanhoar*. Este serviço compete conjuntamente às mulheres e aos homens.

Estes com as *forcadas* levam para a borda da eirada alguma palha miúda e as espigas que, ao malhar, quebraram e, desprendidas de colmo, ficaram misturadas com o grão.

Para este serviço ficar bem feito, há que fazer várias passagens com os forcados e, depois, com o *engaço* (ancinho de dentes de pau).

Atrás dos homens vão as mulheres com *coanhas*, toscas vassouras de *gesta* (cf. *giesta*) — uma *gesta* *nacida* ou ramos de *gesta* com as pontas naturais. *Acoanhar* é tirar do grão a palha miúda e o *côscó*. Este é formado por cabeças ou bocados de espigas, praganas e palhuço miúdo.

Este trabalho não pode ser feito a correr. Tem de ser feito de vagar e com calma.

A música do *manjaricão* é lenta, compassada. Quadra bem com o vagaroso cuidado com que tem de fazer-se o trabalho do *acanhoar*. A lentidão do canto como que marca o ritmo do passar leve das coanhas por sobre o grão, para o limpar do palhuço.

SANTOS JÚNIOR

Grade de dentes de pau

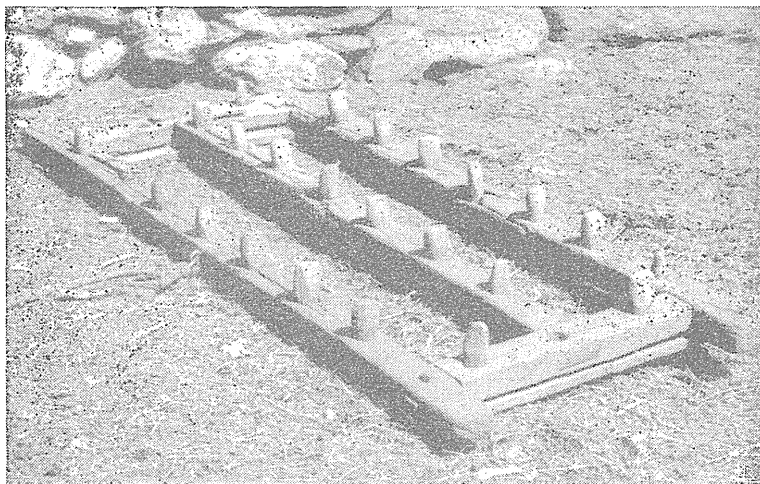
Lavradas, típica aldeia barrosã, sobranceira a Carvalhelhos, fica na vertente leste da serra das Alturas de Barroso, a uns 850 ou 900 m de altitude e pertence à freguesia de Beça, concelho de Boticas. Lavradas é extrema do concelho e confina com a aldeia de Lamachã, da freguesia de Negrões, concelho de Montalegre.

No verão de 1962 ali vi a grade que vai fotografada. Os dentes ao longe davam a impressão de machados neolíticos, como a fotografia bem mostra.

Isso fez renascer no meu espírito a ideia de que, dada a quantidade de machados neolíticos que aparecem, alguns deles tivessem, porventura, servido como dentes de grades. Aliás ainda hoje em muitas regiões os trilhos com que se debulha o cereal (trigo ou centeio) são feitos de pequenas pedras de sílex convenientemente talhadas e embutidas na face inferior do tabuão do trilho.

Os dentes da grade de Lavradas eram, como dissemos, de pau.

Fernando Galhano, do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, que ao estudo das alfaias agrícolas de Portugal tem dedicado alguns anos da sua actividade de investigador, diz-me nunca ter visto em Trás-os-Montes grades com dentes de pau.



Isso me levou a dar conhecimento do facto, podendo assim estender-se até à região de Barroso a zona de sobrevivência de tal arcaísmo.

SANTOS JÚNIOR

Direcção da Sociedade de Antropologia

Em assembleia geral realizada no dia 4 de Maio de 1962 foi eleita por unanimidade, a direcção da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que ficou assim constituída:

Presidente — Prof. Doutor J. R. dos Santos Júnior, professor de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e Director do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa».

Vice-Presidente — Prof. Doutor M. Melo Adrião, professor de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Director do Instituto de Anatomia «Dr. J. A. Pires de Lima».

Tesoureiro — Prof. Arq.º Rogério Azevedo, professor da Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

Vogal Bibliotecário — Conde de Aurora, juiz do Tribunal do Trabalho do Porto, publicista e etnógrafo.

Secretário — Lic. Agostinho F. Isidoro, Assistente Ext. da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e Naturalista do Museu do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa».

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

ALEXANDRE SARMENTO & F. FIGUEIRA HENRIQUES — **Subsídio para o estudo de alguns índices antropobiométricos na tribo Pombo** — Sep. do Vol. 8, n.º 4, da Rev. da Junta de Investigações do Ultramar «Garcia de Orta», págs. 795-807, 5 figs. — Lisboa, 1960; id. id. — **Contribuição para o estudo da fertilidade da mulher nativa da tribo Ganda** — Sep. do n.º 13 da Rev. do Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística, págs. 71-85, 1 fig., Lisboa, 1962.

Os AA., e especialmente o Dr. Alexandre Sarmiento, têm-se dedicado ao estudo da antropologia dos negros de Angola.

No primeiro trabalho estudam a robustez em 123 homens adultos da tribo dos Pombos, do Concelho do Alto Cauale (Angola), do grupo etnolinguístico quicongo.

A robustez avalia-se pelos chamados índices de corpulência, dos quais os AA. adoptaram três; o de Pignet, o de Lefrou e o de Verwaeck. O primeiro destes índices é muitas vezes designado por coeficiente, ou escala, de Pignet.

Os resultados expressos em constituições boas, regulares ou más, calculados nos 123 Pombos pelos 3 índices referidos, mostram que há relativa concordância dos mesmos quanto aos índices de Pignet e de Lefrou, ambos com altas percentagens nas constituições más.

Quanto ao de Verwaeck verifica-se que ele exprime na série estudada um melhor grau de corpulência ou robustez, por acentuada diminuição das constituições más. Estas de cerca de 50% nos dois primeiros índices baixam no de Verwaeck para 30%.

Parece podermos concluir que talvez se deva preferir o índice de Verwaeck para avaliar a corpulência nos pretos africanos.

H. Gordzialsowski ao estudar a estatura, peso e perímetro torácico pelo coeficiente Pignet (*échelle de Pignet* lhe chama) num grupo de pretos do antigo Congo Belga (Compte-rendue do «XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie», Paris, 1933, págs. 6-11) achou percentagens de constituições fracas e muito fracas tão altas que a percentagem de indivíduos inaptos para o trabalho somava 82,0%. O certo porém era que tais indivíduos eram excelentes trabalhadores, de força física mais que suficiente e dotados de grande resistência à fadiga.

Também eu em Tete (Moçambique) verifiquei discordância entre a capacidade de trabalho e resistência dos indígenas e os valores neles determinados pelo coeficiente de Pignet.

Isto prova, como escrevi a pág. 189 do trabalho *Contribuição para o estudo da Antropologia de Moçambique — Algumas tribos do distrito de Tete*, 1944, que a escala que Pignet estabeleceu para os europeus não pode aplicar-se sem reservas aos negros, nos quais, como realçou Gordzalkowski, para uma estatura média que difere pouco em relação à média europeia, há pequeno desenvolvimento da túnica adiposa subcutânea e um volume pulmonar inferior ao dos europeus. Consequentemente o valor que se subtrai é menor e daí a alta para os valores do coeficiente.

É grande o interesse antropológico da expressão numérica da corpulência por intermédio de índices, coeficientes ou escalas. Os vários índices que têm sido propostos provam que o assunto tem sido, e continua a ser, motivo de controvérsia.

Daí o interesse do trabalho analisado, o qual, como os próprios AA. referem, é uma contribuição para se apurar quais os índices mais convenientes para avaliação da robustez das diversas raças ou tribos.

A gravura da fig. 1 dispensava-se perfeitamente. Os gráficos das figs. 3, 4 e 5, de pág. inteira dariam mais equilíbrio à impressão se fossem reduzidos.

No segundo trabalho os AA. estudaram a fertilidade em 100 mulheres negras de tribo Ganda, do Concelho de Ganda, cuja sede é Vila Mariano Machado (Angola).

A idade aparente das mulheres inquiridas ia dos 15 aos 49 anos, sendo de 16% a percentagem de idades inferiores aos 20 anos.

Os AA. tiraram as seguintes conclusões: número médio de gestações por mulher fértil 4,6; taxa de esterilidade 5%; número médio de filhos havidos por mulher fértil 4,1; abortos 8,6% em relação ao número total de gestações; percentagem de filhos falecidos em relação ao total de nascimento 36,1; taxa de masculinidade nos nascimentos 122,4, e no obituário 123,4; partos gêmeares na percentagem de 1 por cada 100 nascimentos.

É desnecessário encarecer o interesse médico, sociológico e demográfico do estudo da fertilidade feminina e, consequentemente, o da contribuição trazida pelos AA. para o estudo da antropologia da tribo angolana dos Gandas.

SANTOS JÚNIOR

- O. DA VEIGA FERREIRA — *Acerca da presença de arsénio em instrumentos primitivos encontrados em Portugal* — Sep. do «Boletim de Minas», n.º 12, 1961, 8 págs.

Ao publicar os resultados das análises espectrográficas de 43 peças cúpricas (machados, punhais, braceletes, punções, etc.) do Museu dos Serviços Geológicos) e mais outras 7 peças (machado, cinzel, punção e espada) da colecção particular de Maxime Vaultier, análises feitas pelo Prof. Edward Sangmeister, da Universidade de Marburgo e do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid, o A. põe em realce o grande interesse do estudo da metalurgia primitiva, sobre a qual têm emitido seu abalizado parecer alguns arqueólogos portugueses que cita.

Muito justas as considerações que faz sobre o chamado bronze arsenioso, que afinal não chega a ser bronze visto que não é senão cobre com arsénio, este em consequência não da sua adjunção intencional mas devido à circunstância de nos minérios de cobre portugueses existir grande percentagem de arsénio.

O A. alude ao facto de Mário Cardoso num trabalho sobre análises de 10 objectos cúpricos, ter encontrado apenas 4 de bronze, isto é da liga do cobre e estanho, entrando este na percentagem de uns 8 a 12%, objectos tipologicamente pertencentes à chamada cultura argárica.

Os objectos ou peças cúpricas com fraca ou nenhuma percentagem de estanho e grande percentagem de arsénio, são de tipologia anteargárica.

Dáí conclui o A. que o Bronze I ou Bronze I—mediterrânico é assim mal chamado, porquanto «não passa dum verdadeiro período de cobre».

S. J.

-
- C. CALLEJO & A. BLANCO — *Los torques de oro de Berzocana (Cáceres)* — in «Zephyrus», vol. XI, 1960, págs. 250 a 255, 4 figs. + 3 Est. com 3 figs.

Na povoação de Berzocana, na serra de Guadalupe, um pastor encontrou no meio dum montão de pedras um prato de bronze, em parte mutilado, com torques de ouro, que, desde Maio de 1961, estão no Museu de Cáceres. Um terceiro torque, cujas condições de achamento se desconhecem, teria sido vendido clandestinamente a um ourives que o fundiu.

Os dois torques salvos do cadinho são de ouro de 24 quilates. Um deles pesa 950 gr e o outro 750 gr. A forma dos mesmos bem como a sua ornamentação, feita a punção e constituída por losangos, triângulos e linhas paralelas, coincidem, no dizer dos AA., «con espantosa exactitud con los elementos que componen el pesado collar de Sintra, variedad lusitana do *Halskragen* nórdico».

A semelhança com outras jóias proto-históricas portuguesas como o célebre colar de Évora e o colar laminiforme de Moura, levam os AA. a colocar cronològicamente os dois torques de Cáceres nos sécs. VII-VI, considerando-as como as jóias célticas peninsulares mais antigas.

Como os AA. realçam, e justamente, os dois torques do tesouro de Berzocana constituem achado valioso não só pelo seu peso em ouro — um dos torques como vimos pesa quase 1 kg — mas, e sobretudo, pelo interesse arqueològico resultante da sua forma e decoração, semelhantes a jóias proto-históricas portuguesas. O seu aparecimento dentro dum recipiente de bronze é caso único até à data.

S. J.

- A. BLANCO FREIJEIRO, M. FUSTÊ ARA & A. GARCIA ALÉN. — La necrópolis galaico-romana de La Lanzada (Noalla, Pontevedra) — in «Cuadernos de Estudios Gallegos», Fasc. II, Año 1961, Madrid, 1961, págs. 141 a 158, 5 figs. e 6 Est. com mais 17 figs.

Na praia do mar de Lanzada existe uma necrópole na qual nos meados do Séc. XVIII se tinham descoberto sepulturas com esqueletos.

A partir de 1949 o Museu de Pontevedra e a Comissão Provincial de Escavações fizeram escavações no promontório contíguo àquele em que está a igreja românica de N.^a Sr.^a de La Lanzada. As escavações puseram a descoberto parte das ruínas dum castro romanizado, situado ao lado da estrada do Portonovo a Lanzada, entre ela e o mar.

A borda da estrada, para o lado da terra, as chuvas do inverno de 1950 puseram a descoberto restos de paredes duma velha construção que levaram a fazer escavações e a descobrir em plena areia o primeiro esqueleto da necrópole.

Sucessivas campanhas puseram a descoberto 11 sepulturas, das quais 10 por inumação e 1 por incineração.

Indicam os AA. as posições em que se encontravam vários esqueletos quase todos estendidos e deitados de costas. Na sepultura de incineração entre cinzas encontraram-se fragmentos de ossos e de madeira queimada.

É abundante e rico o espólio. Apareceram em várias sepulturas vasos de cerâmica, alguns deles inteiros, e belos vasos de vidro. Destes, alguns estavam muito fragmentados e foram primorosamente reconstituídos: encontram-se no belo Museu de Pontevedra de que é director o Dr. Filgueira Valverde que tem sido o grande impulsionador das escavações da Lanzada.

No espólio avultam pelo seu significado e interesse, 10 alfinetes de osso, alguns com mais de 10 cm de comprimento. Na sepultura de incineração juntamente com vasos de cerâmica apareceram pregos, tachas de ferro, e uma moeda de bronze muito corroída. Os AA. atribuem àqueles 11 sepulturas à baixa época romana, entre o fim do Séc. III e o começo do Séc. V, e compararam-nas com outras similares portuguesas do N. de Portugal.

Particularidade notável é a existência de uma ou duas telhas (imbrices) debaixo da cabeça do esqueleto. Tal facto, pela primeira vez registado na Península, era já conhecido em alguns necrópoles do sul de França,

O último capítulo do trabalho constitui nota preliminar sobre o estudo antropométrico dos esqueletos que foi realizado no Laboratório de Antropologia da Universidade de Barcelona.

Em 8 esqueletos, 5 masculinos e 3 femininos, tiraram-se medidas e com elas se determinaram alguns índices que figuram num quadro a objectivar os resultados.

As estaturas calculadas a partir dos ossos longos são relativamente elevadas. Dois crânios parecem apresentar «influências cromanhonoides. Um dos esqueletos pela sua grande estatura (1,76 m — estatura calculada) e certo número de caracteres osteológicos pode atribuir-se à raça nórdica».

Há ao que parece uma certa diversidade nos caracteres antropológicos dos esqueletos que não podem atribuir-se a um mesmo tipo racial.

Os resultados do estudo antropológico dos 8 esqueletos são apresentados com a natural reserva inerente a trabalhos desta natureza dado não só o pequeno número de esqueletos como também a grande variabilidade a que estão sujeitos os homens de qualquer raça, facto biológico que nunca devemos esquecer.

ANTONIO BLANCO FREJEIRO — El aceite en los albores de la Historia de España — Sep. de «Oretania», revista do Museu Arqueológico de Linares, 13 págs., 8 figs., Madrid, 1959.

O A., distinto Professor de Arqueologia na Universidade de Sevilha, Mestre consagrado especialmente na arqueologia grega e romana, dá neste trabalho referências arqueológico-históricas respeitantes ao azeite e, conseqüentemente, à cultura da oliveira na antiguidade.

A oliveira de cultura a que podemos chamar a oliveira mansa (*Olea europaea* L.) é planta essencialmente mediterrânica. A maioria dos botânicos considera a oliveira brava ou oliveira silvestre (*Olea silvestres* Mill) como sua antecessora.

Esta é conhecida em Espanha pelo nome vulgar de «acebuche» e em Portugal pelos «zambujeiro» no sul, e de «zambulho», em Trás-os-Montes, onde é muito frequente em todo o vale do Alto Douro e seus afluentes.

No que respeita à Península Ibérica o problema está em saber se a cultura da oliveira vem dos tempos pré-históricos como cultura autóctona ou se, pelo contrário, foi introduzida pelos fenícios e gregos, históricos colonizadores da Hispânia.

O A. refere o achado de Siret na estação neolítica, ou do princípio da idade do bronze, de Garcel, onde apareceram carcos de oliveira brava, o «zambulho».

Acentua no entanto que nenhum texto histórico confirma tal antiguidade da cultura da oliveira mansa (*Olea europaea* L.).

Apesar de em muitas regiões de Portugal e da Espanha a oliveira brava, ou «zambulho», crescer espontâneamente e viçosa, parece que a oliveira mansa é árvore de introdução e nos veio do Mediterrâneo Oriental.

A arqueologia aponta dois centros orientais de cultura da oliveira, um na Síria e Palestina, e outro em Creta.

Embora a Espanha, a Itália e a Tunísia, desde a época romana ou um pouco antes, sejam os maiores produtores do azeite, o certo é que, como o A. accentua, até agora, nem a história, nem a arqueologia nem sequer referências lendárias apontam qualquer região do Mediterrâneo Ocidental como centro de cultura remota da oliveira mansa. Portanto há que aceitar a sua vinda até à Espanha trazida de qualquer dos referidos centros do oriente mediterrânico.

Trabalho bem documentado. É uma valiosa contribuição para o estudo da agricultura primitiva na bacia do Mediterrâneo.

S. J.

BOSCH-GIMPERA — Les Indo-Européens. Problèmes archéologiques — Éditions Payot, Paris, 1961 — 239 págs. com prefácio de Raymond LANTIER, Membro do Instituto.

Este precioso volume da autoria de P. BOSCH-GIMPERA mereceria um comentário elogioso mais desenvolvido se para tal fosse necessário destacar um de entre tantos trabalhos de onde lhe advém a fama por direito próprio na tão vasta quão difícil matéria do campo arqueológico.

É certo que Arqueologia, para muitos dos que se lhe acorrentam, é terreno plano onde o pensamento pode divagar sem travão por minguia de testemunhas que os contradigam.

Segundo a imaginação, formulam hipóteses, constroem teorias e, verdades ou falácias, como lufadas, vão correndo mundo que as aceita — sem reflectir — consoante o *nome* que as dispara.

Para outros é terreno altamente escabroso. Os conhecimentos que a Arqueologia exige torna-os prudentes e sentem bem que a uma hipótese se pode opor outra hipótese e, ainda, que para qualquer teoria se desenvolver não basta só ter imaginação, faz-se mister *provas*.

Este precioso trabalho de BOSCH-GIMPERA concentra as opiniões de vários especialistas da matéria, ou seja, os problemas das origens dos povos históricos incluindo o básico problema linguístico.

Muito se tem escrito acerca destes problemas, sobretudo sobre o linguístico que, me parece, ficará sempre em suspenso tais as contradições. Autores como FEIST, HIRT, KRETSCHMER, MEILLET, UHLENBECK, BENVENISTE, e tantos outros, todos eles apontados no trabalho de BOSCH-GIMPERA, dão-nos uma amostra de imprecisão para um juízo de valor entre tantas opiniões divergentes.

Assim, para S. FEIST os germanos não seriam originariamente indo-europeus sendo o idioma diferente desta origem.

H. HIRT por sua vez crê numa muito antiga unidade dos germanos e dos indo-europeus. P. KRETSCHMER situa no Norte e centro da Europa a origem dos indo-europeus. UHLENBECK explica o conhecimento das línguas indo-europeias em dois complexos — *A* e *B* — pertencendo os pronomes e as raízes verbais ao *A* e os numerais, os substantivos designando graus de parentesco, as partes do corpo, os animais, os vegetais, etc., ao *B*, definindo que o grupo *A* tende para o uralo-altaico e o *B* se aproxima do caucásico.

A. MEILLET muito judiciosamente conclui *ser vão tentar uma reconstituição do indo-europeu primitivo* e, para tal, apresenta razões ponderáveis como seja, o facto de *as línguas que derivam dele estarem num estado muito avançado da sua evolução*.

BENVENISTE, que juntou as conclusões dos linguistas anteriores, cita POKORNY que lhes acrescenta o arménio, pondo em evidência o parentesco particular entre este idioma e o trácio-frígio e, como HERMAN, põe o *tokhariano* em relação com o frígio do qual resulta uma linguagem intermediária entre o trácio e o arménio.

Não é necessário alongar esta resenha para se verificar o alto benefício que BOSCH-GIMPERA presta com este trabalho onde o estudioso encontra todas as afirmações hauridas na larga bibliografia pertinente que apresenta.

Antes de terminar desejo apontar a citação referente a EDOUARD MEYER em que este autor é posto como baliza do reconhecimento dos *Etruscos como povo autóctone de Itália*. Se, de facto, esta origem só ficou assente *desde Meyer* é justo que lembremos DIONÍSIO DE HALICARNASSO que já muito antes havia feito essa afirmação, contra HERÓDOTO, que dava origem Lídia aos Etruscos.

Depois de ter estudado algumas inscrições Etruscas que apresentei em Novembro de 1960 ao *Congresso de Sevilha* das Sociedades Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências, pude verificar que o idioma Etrusco se devia situar entre o *eólico* e o *dórico*, com influências de cada grupo sem ser, todavia, *eolo-dórico*. Por aqui me ficou a impressão de que quem deve estar dentro da razão é HERÓDOTO, se o estudo arqueológico das línguas servir para *veredictum exacto*...

ROGÉRIO AZEVEDO

CELESTINO MAIA — Pedras de peçonha da região do Gerês
— Sep. de «O Médico», n.º 565, Porto, 1962, 23 págs.
e 11 figs.

Trabalho de medicina popular respeitante à cura das mordeduras de víbora e outros animais peçonhentos pela aplicação de pedras, as chamadas *pedras de peçonha*, de que o A. teve conhecimento, e estudou, em várias aldeias da Serra do Gerês.

Estes costumes populares são «reliquats» ou sobrevivências da petroterapia clássica que noutros tempos teve larga difusão. Vem de tempos remotos o uso das pedras como elemento terapêutico. Na Idade Média e mesmo nos sécs. XVII e XVIII foi

muito grande o emprego das pedras em acções medicamentosas as mais variadas.

O A., com apurado critério de naturalista, faz o estudo de 10 *pedras de peçonha* da região do Gerês, as quais descreve e reproduz em fotografias ou desenho.

Faz depois o seu estudo comparado com mais 13 pedras similares de três aldeias do Minho a saber: Lousado (Santo Tirso). Lanhas e Soutelo.

Destas 23 pedras o A. viu 18; doze eram calhaus rolados de quartzo negro; duas eram pequenas porções de xisto; outras duas pequenos fragmentos de conchas de moluscos; uma era um cubo de pirite pseudomorfisado em limonite; outra, a pedra da Casa do Cruzeiro, era uma ágata lapidada em tronco de pirâmide com 32,5 mm de altura, de secção oitavada e um furo de 1 mm de diâmetro a unir as duas bases; por fim uma que se lhe afigurou de natureza orgânica, a pedra de Lousado, era como que em forma de lápis quadrangular com 3,5 cm de comprimento.

Esta última pedra que o A. diz ser «porosa, séctil e picável com um alfinete», afigura-se-me poder emitir-se a hipótese de haver sido talhada numa pedra bezoar. Esta pedra de nome hebraico (*bel*, senhor e *zaar*, veneno) resulta da concreção de pêlos no estômago de vários ruminantes e goza de notável propriedade de absorção, dada a sua porosidade. Foi largamente usada como tópico nas mordeduras de animais venenosos.

As *pedras de peçonha* estudadas pelo A. são, como vimos, de várias naturezas e também de vários tamanhos. Umas grandes (a maior tinha 8 cm de comprimento) outras pequenas. Umas espalmadas do tamanho e forma de favas, outras globulosas como azeitonas.

O inquérito etnográfico a que procedeu permitiu-lhe analisar as técnicas de aplicação das várias pedras e procurar explicação para a sua apregoada acção medicamentosa.

Uma substância porosa compreende-se que absorva as peçonhas. No caso porém dos calhaus rolados de quartzo, como são a maioria das pedras observadas, a sua acção farmacodinâmica parece poder considerar-se de muito pequena valia.

O certo porém é que, pelos elementos que o A. colheu, o povo atribui às *pedras de peçonha* ou de *cobra* raras e notáveis propriedades curativas nas mordeduras de animais peçonhentos.

Certas acções mecânicas podem explicar os resultados benéficos. Mas, como o A. afirma, «a explicação das curas obtidas não oferece dificuldade, é, no fundo, a mesma das curas apregoadas com muitas outras práticas populares».

Lembre-mo-nos do aforismo correntio em Trás-os-Montes: «A fé é quem nos cura, nanja o pau da barca».

Do meu trabalho *Notas de medicina popular trasmontana*, Porto, 1929, pág. 66 transcrevo, como remate, uma passagem que bem pode aplicar-se às *pedras de peçonha*, que o A. estudou com tanto primor.

Quase sempre na medicina popular os benefícios que às vezes se colhem são de atribuir não à prática terapêutica em si, mas à poderosa *vis medicatrix naturae* a colaboradora prestimosa da própria medicina científica, e, em maior grau, dos curandeiros, mulheres de virtude e tantas outras criaturas que medram à sombra da ignorância e da ilimitada credulidade dos ingénuos camponeses.

S. J.

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA — *A chula* — 13 × 19 — 218 págs. — *Romanceiro* — 13 × 19 — 190 págs. — *Cancioneiro* — 13 × 19 — 171 págs. Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho — Gabinete de Etnografia. Lisboa, 1962.

O benemérito *Gabinete de Etnografia* da FNAT (Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho), publicou recentemente estas três obras do infatigável polígrafo, e actual Director do Museu de Etnografia do Porto, o Dr. Fernando de Castro Pires de Lima.

O primeiro trabalho traz uma notável carta-prólogo do musicologista eminente que é Mário de Sampayo Ribeiro, sobre a popular e tão portuguesa chula.

O seu autor (que dedica o trabalho àquela sua nunca esquecida Irmã, D. Maria Clementina, cuja morte foi tão funda e irreparável perda para o folclore de Portugal!) — com larga erudição e citações, além de transcrição da música, no próprio texto, segue-se as variadas chulas do nosso cancionero popular, referindo em especial a 47 chulas típicas.

É pena que o seu ilustre compilador não incluisse algumas chulas do Alto-Minho e preferisse as do Douro — mas afora este ligeiríssimo reparo, o trabalho é de grande utilidade para o público a que se destina — e não pois qualquer outro.

O *Romanceiro* é de um natural eclectismo e de uma prolixidade na escolha, de realçar e enaltecer.

Seguindo a conhecida classificação do Dr. J. J. Nunes, dá-nos 55 *rimances*, desde a *Silvaninha* a *Ruy Cid* e o *Rei Bucar*.

Útil e benemérito trabalho que ficamos devendo ao conhecido etnógrafo e à FNAT.

Cancioneiro é o livro de *quadras populares* — e como decerto o A. nos dará outro trabalho sobre a *redondilha*, só temos que o aplaudir pela acertada escolha.

_____ CONDE D'AURORA

DR. JACINTO MONTEIRO — *A Passagem de Colombo por Santa Maria* — 232 págs. — Sep. da Rev. «Ocidente», vol. LVIII — Lisboa, 1960.

Com uma laudatória nota limiar de Jaime de Cortezão, o ilustre A., descendente dos investigadores açóricos Arrudas (além de oriundo dos notáveis povoadores Câmaras), socorrendo-se da vasta documentação disserteia sobre a tão discutida passagem de Colombo pela Ilha de Santa Maria — socorrendo-se da tradição que de modo algum podia inventar factos tão concludentes como os que o ilustre A. cita.

Trabalho de grande valor histórico, de um moço culto e inteligente hoje professor do Liceu de Setúbal — o que lhe serviu de tese de licenciatura.

C. D'A.

Trabalhos de Antropologia e Etnologia

(Antigos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia»)

VOL. XIX — FASC. I

SUMÁRIO:

J. PINTO MACHADO CORREIA DA SILVA:

A Fosseta Cerebelosa Mediana — Estudo descritivo e considerações morfogenéticas (pág. 5).

HENRIQUE LEONOR PINA:

A Anta da Azinheira (Reguengos de Monsaraz) (pág. 25).

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

Malha do centeio em Lavradas (Barroso) (pág. 47).

Vária: — **A Lapa do Bugio** (Necrópole pré-histórica da Azóia) (AGOSTINHO ISIDORO); **Esboço arqueológico do concelho do Crato** (Alto Alentejo) (AGOSTINHO ISIDORO); **Necrópole galaico-romana de La Lanzada** (SANTOS JÚNIOR); **O Castro de S. Vicente da Chã** (Barroso) (SANTOS JÚNIOR); **O porco na Etnografia Ibérica** (ROGÉRIO AZEVEDO); **Etnografia Açoriana** (CONDE D'AURORA); **Vindimas no Minho e escadas de vindima** (MÁRIO CARDOZO); **Canto do manjaricão** (SANTOS JÚNIOR); **Grade de dentes de pau** (SANTOS JÚNIOR); **Direcção da Sociedade de Antropologia** (pág. 69).

Revista bibliográfica: — A. BLANCO FREIJEIRO, M. FUSTÉ ARA & A. GARCIA ALÉN (102); ANTONIO BLANCO FREIJEIRO (104); ALEXANDRE SARMENTO & F. FIGUEIRA HENRIQUES (99); BOSCH-GIMPERA (105); C. CALLEJO & A. BLANCO (101); CELESTINO MAIA (106); DR. JACINTO MONTEIRO (109); PIRES DE LIMA (108); VEIGA FERREIRA (101).